



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

IVO LUIS OLIVEIRA SILVA

**RODAS EM REDES GEOGRÁFICAS: OS CAMINHOS DEVOCIONAIS DAS
CARAVANAS DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ – CE**

FORTALEZA

2019

IVO LUIS OLIVEIRA SILVA

RODAS EM REDES GEOGRÁFICAS: OS CAMINHOS DEVOCIONAIS DAS
CARAVANAS DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ - CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, como parte dos requisitos para à obtenção do título de Doutor em Geografia. Área de Concentração: Dinâmica Ambiental e Territorial do Nordeste Semiárido.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo modulo Catálogo, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S58 Silva, Ivo Luís Oliveira

Rodas em redes geográficas: Os caminhos devocionais das caravanas de São Francisco das Chagas de Canindé - CE / Ivo Luís Oliveira Silva. – 2019.
157 f.: il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira

1. Geografia Cultural. 2. Geografia das Peregrinações. 3. Religiosidade Turística. 4. Caravanas Religiosas. 5. Vetores Simbólicos. I. Título.

CDD 910

IVO LUIS OLIVEIRA SILVA

RODAS EM REDES GEOGRÁFICAS: OS CAMINHOS DEVOCIONAIS DAS
CARAVANAS DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ-CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, como parte dos requisitos para à obtenção do título de Doutor em Geografia. Área de Concentração: Dinâmica Ambiental e Territorial do Nordeste Semiárido.

Aprovada em: 30 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jörn Seemann
Ball State University (USA)

Prof. Dra. Maria Lúcia Bastos Alves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Manfredo Araújo de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico a cumeeira da *minha vida* Nome
Oliveira Silva (mamãe). E ao alicerce Antônio
Menezes da Silva (papai).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus que consentiu que tudo isso acontecesse e a todos aqueles que, de alguma forma, permitiram que esta tese se concretizasse. Agradeço ainda o trato simples, amoroso, vital e em memória da mãe Noeme Oliveira Silva e do meu pai Antônio Menezes da Silva.

Agradeço, de igual forma, ao orientador Christian Dennys Monteiro de Oliveira, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos. Quero de uma forma imensa, expressar o meu muito obrigada...por tudo a Banca do Exame de Qualificação na pessoa de Jorn Seemann (Ball State University - USA), Solonildo Almenida (IFCE) e Ercília de Olinda (UFC). A Banca Examinadora de Defesa da Tese na pessoa de Maria Lúcia Bastos Alves (UFRN) e Manfredo Araújo de Oliveira (UFC). Grandes nomes. Jamais os esquecerei.

Pelas amigadas generosas de Eline Alves, Loures Neta e Ana Cláudia Gouveia. Aos funcionários (as) e professores (as) do Departamento do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - PPGG/UFC. Estendo os agradecimentos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE *campus* Canindé.

Aos colegas pesquisadores(as) do Laboratório de Estudos Geoeducacionais - LEGES/UFC e a turma da Pós-Graduação em Geografia Doutorado e Mestrado em Geografia /Turma 2015.2.

A Thaciana Lima, pela amizade demonstrada e, pela ajuda preciosa dada ao desenvolvimento do meu trabalho de campo. E ao memorialista Padre Neri Feitosa pela contribuição valiosa dada ao desenvolvimento teórico. O meu muito obrigado.

Agradeço o bom convívio, as boas discussões e, a alegria que por vezes se instalava aos peregrinos, amigos, familiares e organizadores do Ciclo Pedal Fortaleza, 5º Passeio Ciclístico da CC *Bikes*, 37ª Romaria de Codó do Maranhão, 32ª Moto Romaria de Fortaleza, Romaria da Dom Joaquim e Caravana Maria Salgado.

Por fim, ao Diretor Geral e Reitor do Santuário de Canindé, Frei Marconi Lins de Araújo, bem como a dois departamentos a Assessoria de Romarias e Acolhimento e a Assessoria Jurídica do Santuário. O reconhecimento inestimável ao doce pastor com o cheiro das ovelhas, pastor no meio do seu rebanho, e pescadores de homens, Dom Sebastião Bandeira Coelho. A todos (as) o meu mais profundo e sincero Muito Obrigado!

“Para além da curva da estrada. Talvez haja um poço, e talvez um castelo, e talvez apenas a continuação da estrada”.

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente tese apresenta o objetivo desvelar a imagem-movimento das caravanas dos peregrinos no Santuário de Canindé; apresentar os significados, sentidos, interações sociais, construções simbólicas, imaginárias e turísticas; contemplar os efeitos das hibridizações das caravanas a partir da suspensão do *pau de arara* e da reedição das caravanas com o fretamento turístico e eventual. A metodologia utilizada é o método etnográfico complementado com entrevistas informais, observações simples e participantes, pesquisa documental e bibliográfica. O lugar escolhido é o Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé, no Estado do Ceará. No campo, o discurso simbólico da projeção penitente medievalista de “quem vai para Canindé! Vai para sofrer”. Para efeitos de análises, as implicações entre a tradição e a sociedade pós-moderna; da paisagem e o caráter simbólico do sertão; da racionalidade técnica dos agentes públicos e os fretamentos turísticos e eventuais; da dualidade entre a “impureza” da peregrinação-turística e a “pureza” peregrinação-penitente. A imaginação volta à tona na certeza de que as viagens alcançaram uma predileção cultural pelo lugar-sagrado, uma irradiação pela mensagem itinerante do lugar e uma religiosidade peregrina que se adéqua a pós-modernidade.

Palavras-Chaves: Geografia Cultural. Geografia do Espaço Simbólico. Peregrinações Religiosas. Geoetnografia das Caravanas. Religiosidade-Turística.

ABSTRACT

This thesis presents the objective of unveiling the movement-image of the pilgrims' caravans in the Canindé Sanctuary; present the meanings, meanings, social interactions, symbolic, imaginary and tourist constructions; to contemplate the effects of the caravan hybridization from the suspension of the macaw wood and the re-edition of the caravans with the tourist charter and eventual. The methodology used is the ethnographic method complemented with informal interviews, simple observations and participants, documentary and bibliographic research. The chosen place is the Sanctuary of São Francisco das Chagas de Canindé, in the state of Ceará. In the field, the symbolic discourse of the penitent medievalist projection of “who goes to Canindé! It goes to suffer”. For the purposes of analysis, the implications between tradition and postmodern society; the landscape and the symbolic character of the backlands; the technical rationality of the public agents and the tourist and eventual charters; of the duality between the “impurity” of the tourist pilgrimage and the “purity” of the penitent pilgrimage. Imagination returns to the certainty that travel has achieved a cultural preference for the holy place, a radiance with the traveling message of the place, and a pilgrim religiosity that fits postmodernity.

Keywords: Cultural geography. Geography of Symbolic Space. Religious Pilgrimages. Caravan Geoethnography. Religiosity - Tourism

RESUMEN

Esta tesis presenta el objetivo de desvelar la imagen en movimiento de las caravanas de peregrinos en el Santuario de Canindé; presentar los significados, interacciones sociales, construcciones simbólicas, imaginarias y turísticas; contemplar los efectos de la hibridación de caravanas a partir de la suspensión de la madera de guacamayo y la reedición de las caravanas con la carta turística y eventual La metodología utilizada es el método etnográfico complementado con entrevistas informales, observaciones simples y participantes, investigación documental y bibliográfica. El lugar elegido es el Santuario de São Francisco das Chagas de Canindé, en el estado de Ceará. En el campo, el discurso simbólico de la penitente proyección medievalista de “¡quién va a Canindé! Va a sufrir”. Para fines de análisis, las implicaciones entre la tradición y la sociedad posmoderna; el paisaje y el carácter simbólico de las tierras remotas; la racionalidad técnica de los agentes públicos y las cartas turísticas y eventuales; de la dualidad entre la "impureza" de la peregrinación turística y la "pureza" de la peregrinación penitente. La imaginación vuelve a la certeza de que viajar ha logrado una preferencia cultural por el lugar sagrado, un resplandor con el mensaje itinerante del lugar y una religiosidad peregrina que se ajusta a la posmodernidad.

Palabras claves: Geografía Cultural. Geografía do Espaço Simbólico. Peregrinações Religiosas. Geoetnografia das Caravanas. Religiosidade - Turística.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	As caravanas e o santuário, metropolitano, franciscano e sertanejo de Canindé.....	34
Figura 2 -	A metáfora da roda gigante e a leitura vetorial dos espaços simbólicos.....	39
Figura 3 -	Centro Cultural São Francisco em João Pessoa – PB.....	51
Figura 4 -	Convento e Igreja de São Francisco no Centro Histórico de Olinda – PE.....	52
Figura 5 -	Convento e Igreja de São Francisco no Centro Histórico de São Cristóvão – SE.....	52
Figura 6 -	Demonstração da Capa da Revista O Santuário Ano n. 3.....	60
Figura 7 -	Layout do Aplicativo Santuário Canindé.....	60
Figura 8 -	Reunião de Preparação do Plano de Atividades da Festa de São Francisco das Chagas.....	63
Figura 9 -	Encontro de Capacitação dos Voluntários da Festa de São Francisco.....	64
Figura 10 -	Atuação dos Informantes Turísticos no Santuário de Canindé.....	64
Figura 11 -	A conexão e a interdependência entre as cinco mobilidades humanas.....	69
Figura 12 -	Teoria dos padrões de viagem, a partir dos movimentos de Burton (1979)	70
Figura 13 -	Veículo com gerador de energia alugado pelo Santuário de Canindé.....	78
Figura 14 -	Veículo com satélite para as transmissões religiosas nacionais.....	78
Figura 15 -	Trio elétrico utilizado na acolhida das caravanas de peregrinos.....	79
Figura 16 -	A proteção divina dos adesivos.....	79
Figura 17 -	A proteção divina das faixas.....	79
Figura 18 -	Símbolos religiosos e a intermediação dos Santuário de Canindé e Juazeiro do Norte.....	79

Figura 19 -	Símbolos religiosos e a intermediação dos Santuário de Canindé e Juazeiro do Norte.....	79
Figura 20 -	Sessão de Atendimento do Ônibus Cinema Rodoviário da PRF em Canindé.....	80
Figura 21 -	Caminhão Boiadeiro da PRF na Unidade Operacional de Canindé.....	80
Figura 22 -	Atendimento Móvel da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).....	80
Figura 23 -	Campanhas educativas e autorização para realização de eventos nas rodovias e estradas federais.....	83
Figura 24 -	Campanhas educativas e autorização para realização de eventos nas rodovias e estradas federais.....	83
Figura 25 -	Processo de ocupação do território maranhense.....	89
Figura 26 -	A benção e a entrega oficial da encomenda na 21ª Romaria Caminhada da Fé.....	92
Figura 27 -	Acolhida da Romaria N. Senhora de Lourdes – Aquiraz – CE.....	92
Figura 28 -	Participação da 1ª Reunião de Preparação da Romaria Dom Joaquim.....	95
Figura 29-	Itinerário da Romaria Dom Joaquim.....	96
Figura 30 -	Termo Declaratório de Adesão do Peregrino.....	96
Figura 31-	Participação da Reunião da Caravana Maria Salgado.....	100
Figura 32 -	Manual de Instruções e o Histórico da Caravana Maria Salgado.....	100
Figura 33 -	Motos batedores particulares na 32ª Motor Romaria Fortaleza Canindé.....	106
Figura 34 -	Carros de apoio na 32ª Motor Romaria de Fortaleza - Canindé	107

Figura 35 - Caminhão-oficina na 30ª Motor Romaria de Fortaleza – Canindé.....	107
Figura 36 - Espectadores, ao longo do cortejo, acenando e intercedendo pelo êxito da viagem.....	107
Figura 37 - Concentração e saída da 32ª Motor Romaria de Fortaleza – Canindé.....	108
Figura 38 - As territorialidades dos motos clubes.....	108
Figura 39 - Territorialidades das micros caravanas.....	108
Figura 40 - Processo de ocupação do espaço e demarcação de determinados territórios por grupos sociais dentro da moto romaria.....	110
Figura 41 - Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do lado de fora da moto romaria.....	111
Figura 42 - Acolhida dos motos romeiros na Praça dos Romeiros.....	112
Figura 43 - As tendas ao longo da Rodovia BR – 020.....	113
Figura 44 - Solidariedade ao longo da Rodovia BR – 020.....	113
Figura 45 - O troféu do 2º Pedal da Fé - Fortaleza à Canindé.....	115
Figura 46 - A imagem do cartaz referente a ciclo romaria.....	116
Figura 47 - A figura do “monarkeiro” na ciclo romaria.....	116
Figura 48 - Transporte logístico das bicicletas e dos mantimentos para os ciclistas.....	117
Figura 49 - Ônibus de apoio aos ciclistas do 5º Passeio Ciclístico.....	118
Figura 50 - Carro de som e de apoio dos organizadores do evento.....	118
Figura 51 - Paradas obrigatórias para ciclistas do 5º Passeio Ciclístico na BR - 020 em Caridade.....	119
Figura 52 - Premiação, camisa e o cartaz de divulgação do evento.....	119
Figura 53 - Ônibus de apoio e moto socorrista.....	120
Figura 54 - Tenda Espirita de Umbanda Rainha Iemanjá – Palácio de Iansã.....	128
Figura 55 - Pórtico na Rodovia Estadual 026 entrada da Cidade de Codó, com a inscrição “Codó – MA - Cidade de Deus. Seja Bem-Vindo”	129
Figura 56 - Codó, no Maranhão, Cidade de Deus e dos Pais de Santos.....	129
Figura 57 - Setor de Coordenação de Romarias do Grupo FC Oliveira.....	132
Figura 58 - Passagem Rodoviária da 37ª Romaria do Codó à Canindé.....	133

Figura 59 - Carteirinha de Identificação do Romeiro da Romaria do Codó.....	133
Figura 60 - A tenda de embarque e os totens de identificação dos ônibus.....	133
Figura 61 - Enfileiramento dos ônibus defronte à sede de Grupo Empresarial FC Oliveira.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Territorialidade da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil (OFM).....	47
Tabela 2 -	Territorialidade da Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí.....	48
Tabela 3 -	Territorialidade da Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo.....	48
Tabela 4 -	Territorialidade da Província Capuchinha Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ACP	Ação Civil Pública
APEC	Instituto do Ceará e do Arquivo Público do Estado do Ceará
ANTT	Agência Nacional de Transportes Terrestres
AUCAC	Federação das Comunidades Matrizes Africanas Maranhão
BPRE	Batalhão de Polícia Rodoviária Estadual
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CTB	Código de Trânsito Brasileiro
CAIC	Alfredo Coelho de Magalhães
CBPMCE	Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará
CBEAAGT	Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial
CBJP	Comissão Brasileira de Justiça e Paz
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas do Ceará
COEPA	Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Ceará
COMDETUR	Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo
CONTRAN	Conselho Nacional de Trânsito
CLAG	Conference of Latin Americanist Geographers
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRVL	Certificado de Registro e Licenciamento de Veículos
CRV	Certificado de Registro de Veículos
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
CMS	Caravana Maria Salgado
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
CRES	Coordenadoria Regional de Saúde
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte
DNER	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECEGE	Encontro Cearense de Geografia da Educação

FDM	Irmãs Franciscanas da Divina Misericórdia
FTA,	Força Tática de Apoio
GSU.	Grupo de Socorro de Urgência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
Instituto do Ceará	Instituto do Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará
IML	Instituto Médico Legal
IPHAN/CE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEGES/UFC	Laboratório de Estudos Geoeeducacionais
MPEC	Ministério Público Estadual do Ceará
MTur	Ministério do Turismo
MUSEAL	Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas
NTS	Núcleo de Televisão do Santuário
OIC	Ordem da Imaculada Conceição
OSC.Cap	Ordem das Irmãs Clarissas Capuchinhas
OFFI	Ordem dos Frades Franciscanos da Imaculada
OFM	Ordem dos Frades Menores
OFM.Cap.	Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
OFM.Conv	Ordem dos Frades Menores Conventuais
OFS	Ordem Franciscana Secular
OSC	Ordem de Santa Clara
PASCOM	Pastoral de Comunicação
PRODEMA	Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente
PPGG/UFC	Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará
PMEC	Polícia Militar do Estado do Ceará
PRONEB	Província Capuchinha Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil
PAEFSF	Plano de Atividades Especiais da Festa de São Francisco
PCEC	Polícia Civil do Estado do Ceará
PJEC	Promotoria de Justiça do Estado do Ceará

PMCE	Polícia Militar do Estado do Ceará
PRF	Polícia Rodoviária Federal
PMC	Prefeitura Municipal de Caridade
RMS	Região Metropolitana de Sobral
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
RDJ	Romaria Dom Joaquim
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado
SISROMARIAS	Sistema de Romarias
SINECGEO	Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais
SMAS/Caridade	Secretaria Municipal da Ação Social
SVMI	Sistema de Vide Monitoramento Integrado
TECCER	Territórios e Expressões Culturais do Cerrado
TOR	Terceira Ordem Regular de São Francisco
URCA	Universidade Regional do Cariri
UNB	Universidade de Brasília
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UPA	Unidades de Pronto Atendimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	20
1.1	Primeiras reflexões acerca da pesquisa.....	21
1.2	Por uma leitura da geografia dos espaços simbólicos.....	22
1.3	O objeto de análise da tese.....	24
1.4	O passo a passo da pesquisa.....	26
2	O PROCEDER METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	30
2.1	Eu, Eles e Nós: os intérpretes das caravanas turísticas e religiosas.....	31
2.2	As redes geográficas e a extensão do lugar-sagrado.....	35
2.3	O santuário e a leitura vetorial do espaço simbólico.....	37
2.4	A captura do discursos-livre e o pé na estrada.....	40
3	O SANTUÁRIO CATÓLICO, FRANCISCANO, METROPOLITANO E SERTANEJO DE CANINDÉ.....	42
3.1	São Francisco de Assis: o Homem do Segundo Milênio.....	43
3.2	A mensagem de Francisco penetra o Nordeste Colonial Brasileiro.....	45
3.3	O Santo no Sertão de Canindé.....	53
3.4	A religiosidade-turística e a arena dos interesses.....	60
4	SÃO FRANCISCO DAS "RODAS-VOTIVAS" DE CANINDÉ.....	66
4.1	Dos sistemas de transportes à “geografia dos espaços simbólicos”	67
4.2	Espacialidades interpretáveis à luz das caravanas religiosas.....	71
4.3	Caravanas: movimentos, códigos e discursos.....	75
4.4	A suspensão do pau de arara e a reedição das caravanas religiosas.....	81
5	A EXPERIÊNCIA E AS NARRATIVAS DO ESTAR JUNTOS.....	85
5.1	A composição narrativa do indivíduo e das multidões.....	86
5.2	A Romaria Dom Joaquim – RDJ.....	93
5.3	A Caravana Maria Salgado – CMS.....	97
5.4	O Comboio da Moto Romaria.....	103
5.5	As Ciclos Romarias à Canindé.....	114
5.6	A Diocese de Coroatá, no Maranhão.....	126
5.7	Codó, a Cidade de Deus, da Magia e da Romaria.....	135
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
	REFERÊNCIAS.....	138

1 INTRODUÇÃO

Muitos autores consideram a *roda* como o melhor e a mais impressionante inspiração da humanidade. Há vestígios de que os povos antigos mesopotâmicos tenham utilizados um objeto de contorno circular por volta de 3.500 a. C. Indubitavelmente, as rodas impulsionaram as atividades relativas à agricultura, pecuária, indústria, comércio e turismo. Tomando por exemplo o transporte; na modernidade a introdução do avião e o tempo-espaço comprimido pela velocidade; no pós-modernismo à realidade virtual, e-commerce, globalização e volatilidade da economia.

Bauman (2001) atribuiu à modernidade contemporânea, à pós-modernidade, a plasticidade das tradições, hábitos e identidades. Em Lyon (1998) às modificações socioculturais da atual sociedade já davam sinais claros no final do século XX. Lipovetsky (2004) imputou à sociedade a sombra da “cultura-mundo”. Uma cultura heterogênea, hipermoderna, livre e criativa.

Nessa tese, o lócus é a cidade-santuário de Canindé localizado no Sertão Central do Estado do Ceará. Um lugar reconhecido pelas diversidades históricas, culturais, religiosos, econômicos e políticos. Aqui, interessamo-nos a cultura das peregrinações penitentes e a gestão do turismo com reflexos no agenciamento e no fretamento turístico e eventual. A atenção especial ao movimento coletivo das caravanas religiosas e a associação de continuidade e de ruptura cultural.

A nossa decisão é para o reconhecimento do espaço em que a cultura é vivida, especialmente, em decorrência dos fluxos de peregrinação dos fiéis e turistas. E, assim, contribuímos para ampliar a “geografia da fé” e a “geografia das peregrinações”. Em Canindé o turismo religioso e as peregrinações penitentes impulsionam o comércio local. Por conseguinte, contemplamos o lugar-sagrado dedicado a São Francisco das Chagas de Canindé. O epicentro da religiosidade popular penitente e da modesta vocação turística. À cobiçada aptidão turística “esbarra” na ausência do planejamento estratégico turístico municipal; na ingerência das metas e macroprogramas; e na inoperância dos programas e projetos de fomento turístico.

Segundo o ultimo censo do IBGE/cidades (2018, *on-line*), Canindé está situada a 117,4 km da capital, trajeto em condições normais realizado em 1h32min, uma população estimada de 78.049 mil habitantes, vivendo numa área de 3.218 km² e cuja densidade é de 23,14 hab./km². Em termos toponímicos, segundo Feitosa (2009b e 2010) têm três versões sobre o nome Canindé: “teu seio”, “tua cama” e “teu manto”. Outros autores dão a

significação da tribo de índios missionados que, primitivamente, habitavam às margens dos rios Banabuiú e Quixeramobim. Há, ainda, a particularização da palavra de origem Tupi quer dizer “Arara Azul”. Aves que viviam na região central do estado entre os Sertões de Quixadá, Canindé e Alto Banabuiú.

O fenômeno religioso mune o homem do sentimento de completude existencial. O homem é um ser cultural e esta premissa o faz procurar sentido para o universo de coisas que o cerca. Cassirer entende que o homem é aquele que interpreta, articula e sintetiza a experiência humana. O universo simbólico é definitivamente um tema diverso e rico de significações profundas do psiquismo humano. Averiguamos que esse homem se submete às regras da comunidade, ao mesmo tempo em que produz e reproduz (modificando) de acordo com a sua identificação e funcionalidade. O Simbólico não pode ser absolutizado, sempre é provisório.

1.1 Primeiras reflexões acerca da pesquisa

Em termos históricos, a capela primitiva de São Francisco de Canindé data de 1796. Uma obra simplesmente inacabada. A instalação da Paróquia ocorreu com o alvará de do Rei D. João VI no ano de 1817. Atualmente, em termos administrativos, a paróquia está sob jurisdição e governo da Cúria (Arqui)diocesana¹. Não demoraria para que os primeiros milagres se espalhassem, ainda, nos primeiros metros de parede da capela. Reconhecidamente, os milagres são acontecimentos oriundos de uma força que transcende às leis da natureza, sendo imediatamente associada a uma divindade.

Trilhamos um caminho de transcrição da memória coletiva e de experiência de partir em peregrinação. A experiência da peregrinação não denota enfatizar apenas o caráter subjetivo, mas, sobretudo, o intersubjetivo e social. As informações percorreram um longo caminho desde das entrevistas informais, até a etnografia, observação simples e participante. Nessa mesma direção, os entrevistados fizeram memória às primeiras peregrinações que sucediam em direção a vila de Canindé. Eram viagens a pé e com auxílio de cavalos e de muares. No século XX, à celeridade e o volume das peregrinações aumentaram com a introdução dos caminhões cognominados de *pau de arara*, *mistos* ou *carros de horários*. Em

¹ Dentro do território da Arquidiocese de Fortaleza além do Santuário de Canindé, ainda, existe o Santuário de Nossa Senhora de Fátima; do Santuário de Nossa Senhora da Assunção de Fortaleza; do Santuário da Mãe da Divina Providência; do Santuário Paróquia Nossa Senhora de Lourdes; do Santuário Nossa Senhora Aparecida; do Santuário da Mãe Peregrina de Schöenstatt; do Santuário do Sagrado Coração de Jesus e do Santuário de São Benedito todos em Fortaleza. E o Santuário Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus na cidade de Chorozinho.

tempos posteriores, a adesão ao fretamento rodoviário, turístico, veículos particulares, transportes alternativos e as linhas regulares de transporte rodoviário intermunicipal de passageiros espaçaram os afluxos de peregrinos e de visitantes naquela região.

Reiteramos para os desafios acadêmicos da leitura dos efeitos da pós-modernidade e a religiosidade-turística. Nesta pesquisa investigamos as caravanas religiosas como fonte de inspiração da *geografia do espaço simbólico*. Então, o que propormos com essa geografia? Uma espécie de “arejamento” da Geografia brasileira, ao fazer uso da Geografia da Religião, Geografia Cultural, Geografia do Turismo e a Geografia dos Transportes. Numa elaboração documental para uso posterior, com enfoques teóricos no simbólico enquanto categoria plural.

Apenas para exemplificar, a geografia do espaço simbólico está grifada em minúsculo para dar vazão da ausência de uma área de conhecimento retraído sobre em si mesmo. A diligência é para uma discussão em bases geográficas do simbólico e a troca das experiências culturais desses lugares. De acordo com Cosgrove (2004) as paisagens humanas são recintos carregados de simbolismos. Segundo Costa (2008) os símbolos findam por expressar a memória do lugar. Na mesma discussão, Bonnemaison (2002) explana sobre o *geossímbolo* como sendo o lugar de itinerário, trajetórias, movimentos, ideologias e razões.

Esmeramos em contemplar o movimento humano e como esse movimento é capaz de alterar um determinado espaço. Somos atraídos para os deslocamentos fascinados pelo sagrado e cuja natureza é representada pela inviolabilidade, venerabilidade e consagração. E, aqui, indagamos. Se a humanidade fosse obrigada a viandar a pé, tão somente a pé, sem o auxílio de qualquer meio de transporte ou comunicação pelo mundo? Onde estaríamos nesse momento?

1.2 Por uma leitura da geografia dos espaços simbólicos

O primeiro passo para a leitura da geografia do espaço simbólico é a demarcação do quadro teórico-conceitual. Notadamente, qualquer quadro conceptual é relativo, não absoluto e conta com a interpretação do pesquisador. O primeiro a compor é Durand (2002) que alarga o arquétipo de Jung para o universo da representação e do símbolo. Segundo Jung (2002) os arquétipos são modelos ideais. Uma espécie de conjuntos das “imagens primordiais” refugiadas no inconsciente coletivo. Já Durand (2002) o imaginário é uma experiência consciente, individual ou coletivo, constituidora de formas e de figuras causadoras de “múltiplos outros tipos de imaginários”, à exemplo os símbolos, mitos, arquétipos e imagens.

A imaginação é a faculdade de formar imagens e são reproduzidas, percebidas ou registradas mentalmente. Logo, a percepção do sensível se encontra à espreita da memória e na superfície da consciência. Para Bachelard (1974 e 1996) a imaginação é o modo da consciência se oferecer ao mundo, portanto, é uma experiência que evidencia o homem numa relação de intimidade entre esse e o mundo que o cerca. Além desses autores, Maffesoli (1987 e 2001) recobra o valor do imaginário como àquela que é responsável pela construção da realidade. Na passagem da sociedade moderna para a pós-modernidade encontramos a saturação do mito, a porosidade das instituições e o cruzamento de identidades ou identificações do indivíduo.

Nessa mesma direção, Maffesoli (1987 e 2001) descreve a religião como uma forma de *divino social*. Decididamente, a religiosidade é multiforme e com a concepção mais divina da natureza. Além de ser responsável pela construção das instituições humanas. Ainda na sua obra encontramos o termo "tribo urbana" aproveitado para descrever as formas de associações entre os indivíduos e a "sociedade pós-moderna". O autor, ainda, pronuncia sobre outros termos como "neotribalismo" e "micro-grupos".

Decifrando a máxima de Michel Maffesoli, o conceito de tribalismo na sociedade como todo e qualquer agrupamento humano está unido pelas instituições e tradições mantenedoras das “redes existenciais” que movimentam o espírito religioso numa necessidade de “estar-junto”. A este propósito, Bourdieu (2001) refere-se ao *habitus* como a relação entre práticas cotidianas (vida concreta dos indivíduos) e as condições previstas pelas classes determinantes da sociedade.

Bem, antes de tentarmos responder, propomos uma reflexão sobre a suspensão do *pau de arara* e as reedições das caravanas com a (re)valorização da penitência, com o fretamento de ônibus e com a adesão de carros de apoio. A experiência da peregrinação é experiencial, subjetivo, individual e coletivo, atrelado à vivência do peregrino no destino que visita. Para Weber (2007) as religiões respondem as inquirições alusivas aos problemas, aos sofrimentos e aos destinos humanos.

Destino é uma palavra com complexa significação. Assim, há que diferenciarmos destino de acaso, de sorte ou mesmo de predestinação. Entre os filósofos contemporâneos, dentre eles o Splenger (1973) considera o destino como símbolo do *universo-história*, ou seja, um elemento anti-causalidade e mais pró-intuição. O destino é traduzido, de forma mais popular, como a experiência humana com a inabilidade de dominar os acontecimentos da vida.

Novamente, Weber (2007) anuncia que o homem vive com o mundo de intranqüilidades e adversidades, cuja decisão transcende à história cotidiana. Logo, todos os esforços desse homem convergem para a sua completa insatisfação, deixando uma abertura para a atuação da religião. Completa à discussão, as idéias de Lipovetski (2005) com a massificação dos valores e sentimentos nos tempos atuais; as opiniões de Baumann (2000) sobre a midiaticização, globalização, consumismo e prazeres infundáveis do homem; os juízos de Grinover (2007) com a correlação entre o turismo religioso e a hospitalidade e Queiroz (1965) com a visão do Nordeste.

Nessa jornada, cada indivíduo é um bálsamo de trajetórias, conteúdos e vivências coexistidos em redes existenciais por um espírito coletivo. Há sempre uma “necessidade religiosa do estar na Terra Prometida; entretanto, o fazem em fluxos sacro profanos de experiências coletivas, aparentemente, não tão religiosas” (OLIVEIRA 2014, p. 165).

Foco na produção de conhecimento está dentro da linha natureza, campo e cidade no semi-árido, cuja finalidade é expandir as conformações científicas, os aspectos culturais e geográficos das regiões semiáridas e sertanejas. No empírico, a valoração da experiência etnográfica de ir em peregrinação (em moto romaria, em fretamento turístico e em ciclo romaria). A referida pesquisa está vinculada com a aproximação com a experiência corporificada com a mobilidade turística e penitente, com os contemporâneos da Geografia Cultural e a busca incessante dos peregrinos pela salvação, com a consonância com o movimento pós-moderno e a racionalidade dos gestores públicos e promotores privados.

1.3 O objeto de análise da tese

Acerca da inspiração teórica, Debray (1995 e 2004) elucubra sobre a religião como um *laço social*. Para o autor, há a intencionalidade religiosa nas práticas, gestos, rituais e liturgias, a isso lhe atribui o efeito da *utilidade social da religião*. Segundo Debray (2004) o signo como elemento necessário para a veiculação das multidões e, assim, o “invisível transcendente porque não se esculpe, nem se desenha. É a migração em caravana quem confere a um Santo o nome portátil e o pleno valor de uso” (p. 38).

Em outro momento, Debray (1995) conta sobre as impressões da sociedade, no início do século XX, com medo de quase tudo, do cinema à fotografia, passando pelo automóvel e, desse último, conjeturava que o uso sem moderação provocaria a atrofia das pernas. Na psicologia, o medo é uma perturbação angustiosa causada pela presença ou pela perspectiva de uma situação que arrisca a segurança presente e futura.

Para Dardel (2011) a cientificidade da Geografia apresenta novas alternativas epistemológicas para essa ciência. Assegura que o caminho da pesquisa geográfica é o regresso às coisas em si mesmo. Para o autor é preciso caminhar para uma escrita da “Geografia Interior” (p. 5) adornada pelas dinâmicas sociais e preconizadas por uma “Geografia Afetiva” (p. 13).

Oliveira (2013a) narra sobre as forças vetoriais com a seleção do *vetor midiático-ecossistêmico*, aqui, no contexto de referência à midiaticização da religião e o reconhecimento dos seres humanos com sua diversidade cultural e parte integrante de muitos ecossistemas. E o vetor *político-turístico*. Na continuação, Oliveira (2011a) propõe o modelo de santuário metropolitano. De todo o modo, encadeamos com o turismo de Banducci Jr e Barretto (2001), para eles há “algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldado no contato com o outro e na releitura do universo circundante” (p.19).

Já Sanchis (2006, p. 86) apresenta a *romaria* como sendo um “caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos, imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho”. Já Steil e Carneiro (2008) exhibe a *peregrinação* como sendo um “fenômeno milenar presente em diversas tradições religiosas e com novos significados que lhe são conferidos, particularmente (...) pelas agências turísticas (...) que condicionam processos subjetivos na contemporaneidade (p. 108)”.

Assim, é possível fazermos um paralelo com o documento da United Nations - UN e World Tourism Organization – WTO (1994) o *turista* é àquele que se hospeda por uma noite/pernoite. Um *visitante* àquele que permanece pelo menos uma noite no lugar visitado (não necessariamente em uma acomodação paga). E o visitante por um dia é o *excursionista* ou *visitante diurno*. Lembrando que os *viajantes* são os visitantes diretos em trânsito ou pessoas que se deslocam diariamente na cidade habitual.

De acordo com Gil Filho (1999) o *sagrado* e o *profano* é a essência das religiões de Mircea Eliade. Ambos consistem em duas modalidades de existência assumidas pelo homem em sua história. Para Durkheim (1996) a *religião* está erigida na própria natureza das coisas. Nas palavras de Weber (1996) a *religião* é a dinâmica do mundo concreto. E para Geertz (1989) a religião é o lugar que acomoda as atitudes humanas em uma ordem cósmica e a projeta na experiência humana. Com efeito, à hipótese da tese é a de que no Santuário de Canindé é fruto do *fluxo das informações* entrelaçadas durante séculos pela mística e mítica do lugar.

Mesmo que permaneça um forte processo de individualização não se pode falar que as identidades de um grupo estão totalmente desprovidas de valor. Uma série de esforços de socialização estão mirando a identidade das caravanas. Grupos como a família, associações religiosas, paróquia, sindicato, bairro, condomínio ou cidade ainda que tenham a sua importância são identidades mutáveis. Nesse esboço os questionamentos como, quais as identidades das caravanas religiosas? De onde elas partem? Como regressam? Em que momento do ano viajam? Com que tipo de transporte? Quais as informações que os visitantes detêm do Santuário de Canindé? Na antecipação das interrogações, Rosendahl (2012, p. 76) descreve que o significado do sagrado “vai além de imagens, templos e santuários, a experiência do sagrado está no domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo”.

Com relação ao objetivo, a expectativa de desvelar a experiência simbólico-religiosa das caravanas de peregrinos e de visitantes que visitam o Santuário de Canindé. Diante disso, os objetivos específicos de descortinar a imagem-movimento das caravanas de peregrinos e de visitantes no Santuário de Canindé; recriar na ordem dos significados as interações sociais, simbólicas e turística das caravanas, contemplar os efeitos das hibridizações das caravanas de peregrinos e de visitantes no Santuário de Canindé. No discurso simbólico dos peregrinos “quem vai para Canindé! Vai para sofrer”. Os efeitos da suspensão² do *pau de arara* e da reedição das caravanas³. E da oposição entre o discurso da peregrinação-turística e a peregrinação-penitente.

Até 2013 o *pau de arara* trafegava sob o regime da excepcionalidade. Os caminhões eram improvisados sem cintos de segurança, sem encostos, completamente superlotados e alguns desses veículos sem autorização legal para circular. Nas palavras de Oliveira (2018, p. 14) o homem é “incapaz de manter a inércia e busca, incansavelmente, a realidade material e sensível do mundo com a imaterialidade e a supras sensibilidades do invisível-Deus”. Em outros vocábulos, o homem se movimenta “em fluxos sacros profanos de experiências coletivas. Aparentemente não religiosas” (OLIVEIRA 2014, p. 165).

1.4 O passo a passo da pesquisa

² Ordem que partir do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) órgão máximo consultivo e normativo do Sistema Nacional de Trânsito (SNT) no Brasil estabelece a Norma de Nº 508/2014 que proíbe a circulação dos paus de arara entre os Estados.

³ Executada pela Polícia Rodoviária Federal - PRF, através Manual de Autorização de Eventos (MPO-056/2015) com procedimentos de fiscalização de eventos móveis envolvendo veículos em estradas federais.

Ao longo do doutorado, o desenvolvimento das produções acadêmicas como a participação nos Anais dos II Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais (SINECGEO) e no V Encontro Cearense de Geografia da Educação (ECEGE)⁴. A atuação na Revista Cenário⁵ periódico associado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília (UNB). A presença da 33ª edição da Conference of Latin Americanist Geographers (CLAG/Brasil); a publicação na Revista GEOSABERES da UFC⁶ em 2015 e na Revista *Élisée*⁷ em 2016. A laboração no V Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial (CBEAAGT)⁸; a cooperação no III Colóquio Latinoamericano Territorios, Fiestas y Paisajes Peregrinos Expresiones de lo sagrado en los territorios locales em Bahía Blanca, na Argentina. E por fim, o comparecimento no II Colóquio Latino-Americano sobre Urbanização e Patrimonialização em Brasília.

No segundo capítulo da tese a exposição do caminho metodológico. Literalmente o espaço dado a estrada e ao movimento das caravanas, a partir de dois movimentos: o primeiro etnográfico como narrador-peregrino e o segundo pela observação simples como narrador-observador. Distinguimos duas observações à observação empírica inteiramente passiva, diante do desenrolar dos fatos e a observação científica cuja complexidade concebe na sua condição. Perquirimos pelo uso da Etno-Geografia, Geo-Etnografia ou como rebatizamos Geoetnografia das Caravanas. Essa Geo + Etnografia é a possibilidade de

⁴ Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais, II. Encontro Cearense de Geografia da Educação, V. (14-16 nov. 2013 • Campus do Pimenta – URCA – Crato - CE). Hierópolis: o sagrado, o profano e o urbano. VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; SEEMANN, Jörn; SILVA, Josier Ferreira da; OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; OLIVEIRA, Stanley Braz de. (Orgs). Fortaleza: Eduece, 2013. Comunicação oral no Eixo 6 – Políticas Educacionais na Dinâmica Espacial intitulada Transporte de Passageiros e a Insegurança do “*Pau de Arara*”.

⁵ Nessa ocasião foram desenvolvidas duas publicações. SILVA, Ivo Luís Oliveira; MAPURUNGA, Gláudia Mota Portela. A imagética das devoções populares e os espaços sagrados no semiárido cearense. Revista Cenário – Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, v. 3, n. 4 (2015). Brasília Semestral 1. Turismo. Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. SILVA, Ivo Luís Oliveira; MAPURUNGA, Gláudia Mota Portela; PEREIRA, Gleyce Anne Castro. *Pau De Arara* e o Vai e Veem Das Romarias: Um Estudo Etnográfico do Transporte No Município De Canindé – Ceará. Revista Cenário – Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, V.2, n.2 | 103 – 120 | Set. 2014.

⁶ ALVES, Francisco de Assis Francelino; SILVA, Ivo Luís Oliveira; MAPURUNGA, Gláudia Mota Portela. Corpo, Fé e Glória: Uma Descrição Fragmentária dos Romeiros de São Francisco de Canindé Ceará. Revista de Estudos Geoeducacionais (Geosaberes), Fortaleza, v. 6, número especial (2), p. 350 – 361. Novembro. 2015. ISSN 2178-0463.

⁷ SILVA, Ivo Luís Oliveira; MARTINS, Maria Camila. Caminhos de Assis: das intenções às ações na rota de peregrinação turística no estado do Ceará, Brasil. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v.5, n.1, p.152-169, jan./jun. 2016.

⁸ V Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial ocorreu na Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de Geografia, campus do Pici em Fortaleza em parcerias entre a UFC através do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGe) e Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), bem como 14 universidades públicas brasileiras e 3 estrangeiras, incluindo seus respectivos programas de graduação e pós-graduação. Trabalho apresentado em forma de banner com o título Cultura, Territórios e Políticas Públicas no Sertão de Canindé.

dialogar para além do método, com observações sobre as redes geográficas materiais e imateriais das pessoas, informações e mercadorias.

Compusemos a pesquisa com uma densa investigação bibliográfica em livros, dissertações, teses e artigos; documentalmente com o acesso aos dados, relatórios e acervos do Santuário de Canindé. Bem como da leitura das legislações municipais.

Segundo Clifford (2002) a produção do conhecimento se constrói em torno de uma experiência concreta com o campo. Nessa condição prosseguimos como moto romeiro na 32ª Moto Romaria Fortaleza à Canindé; como ciclo romeiro no 5º Passeio Ciclístico Grupo CC Bikes. Pedalando por 4 cidades (Fortaleza, Maranguape, Caridade e Canindé), em 125 km, 9 horas de duração, 4 paradas de apoio e 120 ciclistas. Por fim, na 37ª Romaria de Codó do Maranhão à Canindé, comboiado por 22 ônibus e 1100 peregrinos.

No terceiro capítulo, a inspiração na figura de São Francisco de Assis. A memória do Santo das Chagas construída ainda nas missões franciscanas pelo sertão nordestino. Desde longa data, os frades franciscanos atuaram com a prerrogativa da assistência religiosa e com o uso altar portátil. Para diante do texto, as referências ao sistema de padroado com a prerrogativa do imperador preencher os cargos eclesiásticos mais admiráveis; ao sistema de beneplácito com a concordância e aprovação das ordens e das bulas papais no território nacional; as desobrigas e o catolicismo híbrido (popular e romano) somados com a atuação das ordens mendicantes e as irmandades.

No quarto capítulo, “São Francisco das Rodas Votivas de Canindé” e a digressão dos movimentos, formas, ritmos e organizações. A investigação recai sobre a suspensão do *pau de arara*⁹ e a reedição das caravanas. No dia seguinte da restrição, um grande cortejo tomou conta das ruas de Canindé. Populares, religiosos, políticos, comerciantes, moto-taxistas, taxistas, ambulantes e romeiros caminharam em sinal de protesto até o Fórum Municipal de Justiça. À frente do comboio uma camionete e na carroceria um caixão. Para os manifestantes a urna funerária significava a perseguição política, as injustiças praticadas contra a tradição religiosa e o temor pelo fim da festividade.

À medida que, esses discursos apocalípticos não calharam para o fim da solenidade, contudo, espontaneamente identificamos o aumento das despesas econômicas

⁹ De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: pau de arara significa: 1. Suporte de madeira no qual se conduzem araras ou outras aves trepadoras / 2. Instrumento de tortura, que consiste num pau onde se atam os cotovelos e os joelhos do torturado / 3. Caminhão que transporta emigrantes do Nordeste brasileiro. E Para uma maior complementação, sugere-se a leitura do texto: Pau de Arara e o Vai e Veem das Romarias: Um Estudo Etnográfico do Transporte no Município de Canindé. Ceará. Revista Cenário CET-UnB, v. 2, p. 103-120, 2014.

intrínseca às excursões; uma diminuição do número de estadas na cidade e uma queda no poder de compra local.

Em termos políticos-turísticos o Projeto do Caminho de Assis completamente subutilizado, a Estátua de São Francisco uma obra incompleta e o Corredor Religioso de Canindé uma intervenção urbana pontual. Ao lado desses malogros, os discursos metafóricos e monumentais da cidade como a representação da Meca Nordestina, Assis Brasileira, Maior Estátua Sacra, Segundo Maior Santuário Franciscano do Mundo, Maior Santuário Franciscano das Américas, Maior Romaria Franciscana das Américas e a mais significativa de todas, à Terra Escolhida por São Francisco.

No decorrer da pesquisa a vivência com as datas comemorativas como o Centenário da Basílica-Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé (1915-2015); do Centenário da Arquidiocese de Fortaleza (1915-2015); do Centenário da Igreja do Cristo Rei ou Igreja do Monte de Canindé - CE (1915-2015); do Centésimo Vigésimo Quinto de Aniversário do Painele de São Francisco; do Décimo Ano da Estátua de São Francisco (obra inacabada); a Celebração do Ano Santo da Misericórdia (2015) e as inflexões do Centenário da Aparição de Fátima em Portugal (1915-2015).

Além do mais, reconhecemos o pesquisador como parte da realidade explorada, sujeito capaz de identificar as filiações teóricas e empíricas. Nesse sentido, são apresentadas considerações sobre o Bicentenário da Paróquia de Canindé (1817- 2017); a Renovação do Convênio Canônico entre a Arquidiocese de Fortaleza e o Santuário de Canindé (2017) por intermédio da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. É importante ponderar sobre a renovação para os próximos 50 anos (2017-2067).

Como pesquisador procedemos com à leitura e à interpretação da separação administrativa do Santuário e da Paróquia de Canindé em 2018. De tal modo, surgem duas administrações co-gestoras: uma com o comando do Reitor do Santuário e Vigário Episcopal da Região Episcopal Sertão São Francisco das Chagas. Voltado para a acolhida e a liturgia do romeiro e visitante. E a outra com a supervisão do Pároco da Paróquia de São Francisco das Chagas. Voltado para o paroquiano. Ambos os laços dialogam com as condições objetivas e as experiências vividas.

Mais uma vez, Debray (2004, p. 405) lembra do vazio na alma, como uma “necessidade em que estamos de sair do fluído, cadastrando nossos terrenos vagos”. Posto isto, no quinto e último capítulo trataremos do campo. O estudo dos fenômenos em movimento e as imutáveis modificações sofridas ao longo do tempo. Capturamos as narrativas das caravanas a pé da Romaria Dom Joaquim (RDJ) e da Caravana Maria Salgado.

A experiência de ir em peregrinação com a Moto Romaria, Ciclo Romaria e do Fretamento Rodoviário Interestadual. Por fim, as conversações com diáconos, sacerdotes, habitantes, religiosos, peregrinos, bispo, motoristas e peregrinos. Avante, companheiros! Vamos ao encontro das caravanas religiosas.

2 O PROCEDER METODOLÓGICO DA PESQUISA

Inspirado na filosofia de Heidegger à busca do desvelamento do oculto e do desvendamento da verdade dos peregrinos-penitentes e visitantes. A primeira influência são as narrativas históricas e as entre narrativas do planejamento e da operacionalidade das caravanas no Santuário de Canindé. Seguidamente, da leitura geográfica do espaço simbólico e a importância mística, mítica e metafórica do lugar.

O imaginário é um componente de inúmeras reflexões teóricas e das mais diversas áreas do conhecimento humano. Dentro da Sociologia do Imaginário, as *representações coletivas* de Durkheim nos ajudam a compreender que os fenômenos não podem ser simplesmente reduzidos aos indivíduos. Da mesma forma que *imaginário no cotidiano* de Simmel nos atentam para a dimensão volátil, móvel, integrada e desintegrada da modernidade. Adiante, a *ideologia e utopia* de Mannheim as motivações coletivas inconscientes operam no sentido de determinar a forma como os indivíduos atuam e pensam. Na metodologia complexa desse imaginário o pensamento simbólico do lugar; a criação dos imaginários sociais; a imaginação e a representação

A ausência de um objeto evidente torna-a uma ciência complexa. O imaginário diz respeito as construções mentais coletivas e individuais. Na antropologia do imaginário, principiada por Jung, Eliade, Bachelard e Durand o imaginário é o produto do *pensamento mítico*, funcionando sobre as imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmicas.

O fenômeno das peregrinações é próprio de cada cultura. Segundo Hoonert (2016, p. 21) o homem “não pensa por meio de fórmulas lógicas, com valores absolutos, mas por meio de palavras mais ou menos adequadas, ou seja, por metáforas”. Por isso que consideramos o movimento da peregrinação como uma necessidade humana. Na contemporaneidade a peregrinação e a romaria divide espaços e hibrida-se com o fretamento turístico e eventual. Aqui, a projeção teórica e metodológica mira a captura das percepções do espaço e do tempo, das constituições materiais e institucionais, das experiências e dos comportamentos coletivos.

2.1 Eu, Eles e Nós: os intérpretes das caravanas turísticas e religiosas

Nessa reflexão valoramos o encontro do pesquisador com o outro, com o lugar do outro, consigo e também conosco. Consoante a Dardel (2011) a pesquisa geográfica detém uma particularidade da observação do “ser-no-mundo” e não do “ser-no-espaço”. Um ser humano integral, livre, consciente e adaptável. Como método de investigação científica propusemos uma trama etnográfica mais sensível.

Segundo Malinowski (1978) o método mais adequado para desvelar o cotidiano e suas interpretações originárias é a etnografia. Para Peirano (2008) as contribuições de uma pesquisa etnográfica não é tão-somente um método de observação, todavia uma teoria-vivida. Em Clifford (2002) a exposição incomensurável da experiência concreta com o lugar pesquisado. São desdobramentos de aproximações de indivíduos e de grupos sociais. Conforme Goldman (2006) a etnografia é a contemplação das experiências humanas. Para Claval (1999) a etnografia permite compreender a experiência de vida dessas pessoas. Segundo necessário alargar o conceito antropológico para Etnogeografia (Etnografia + Geografia).

Desse modo, algumas indagações conduzem a presente tese para o campo. Na busca das trajetórias etnográficas e das narrativas dos sujeitos. Seguimos na direção da vivência com a Moto Romaria Fortaleza à Canindé. Um evento realizado a mais de três décadas, ininterruptamente, inscrito no Calendário Nacional de Eventos da Polícia Rodoviária Federal – PRF. Simbolicamente sua passagem abre o período alusivo das grandes caravanas. A maior moto romaria realizada no Ceará, com a participação de 15 mil motocicletas e 30 mil pessoas.

Nessa perspectiva, somamos com a experiência do fretamento interestadual de romeiros. A romaria com fiéis do Maranhão, a Romaria de Codó. Um percurso de aproximadamente 690 km para chegar à Canindé, 22 ônibus e 1.100 passageiros. E por fim, pedalando por 9 horas e acompanhado por 120 ciclistas na Ciclo Romaria CC Bikes. Incluímos, ainda, as experiências coletivas com as viagens nos transportes alternativos, em veículo particular e nos ônibus intermunicipais entre as cidades de Fortaleza e Canindé.

Isto significa dizer que para Krippendorff (2009, p.11) o homem viaja para evadir do cotidiano, “para viver, para sobreviver”, tanto que, duramente, continuamos fixos “onde nada acontece e por isso, partimos também” (ibid. p.38). No mesmo entendimento, Silveira (2004, p.2) diz que as peregrinações religiosas são “experiências mais lúdicas, ligadas ao divertimento, a leveza, ao olhar, ao exterior e ao ver”.

À estrada é outro espaço contemplação. Nela presenciamos às memórias individuais, familiares, institucionais e coletivas das promessas herdadas, promessas perpétuas e das causas impossíveis. Desde então, brotaram os questionamentos tais quais estão: como seguem? Como fazem para chegar ao Santuário? E quando chegam o que fazem? Como resumos antecipados dos resultados visitam o Convento de Santo Antônio, o Zoológico São Francisco de Assis, a Estátua de São Francisco, o Museu Regional São Francisco, além de outras instalações religiosas e turísticas existentes na cidade de Canindé.

Indagações como e onde se hospedam? Ao longo da estrada abrigam em casas, fazendas, quartos, salões, equipamentos públicos e alpendres. Na cidade, as hospedarias improvisadas nas praças, calçadas, veículos, quadras poliesportivas e escolas públicas. Instalam nos equipamentos extra hoteleiros como os Abrigos do Santuário e nos domicílios reservados. E, por fim, em equipamentos hoteleiros como pousadas e hotéis de pequeno porte. Como se movem? Sob as conduções de bicicletas, motocicletas, veículos particulares, vans e micro-ônibus, caminhões (*pau e arara*), caminhonetes, ônibus, táxis e moto-táxis.

A pesquisa, ainda, contempla outras etapas da peregrinação como a pré-viagem, viagem e pós-viagem. Quanto da modernidade ou pós-modernidade está materializada nas caravanas religiosas? Resultado prévio, no conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no plano de trafegabilidade, na listagem de passageiros, na assinatura do termo de livre adesão, na regulação da autorização do uso da via (rodovias estaduais e federais) junto aos órgãos competentes. Nas reuniões técnicas de preparação o fretamento rodoviário, a adoção de manuais e regulamentos internos.

Em face do exposto, o sujeito que pesquisa e o objeto que é pesquisado são inseparáveis. Essa intervenção antecipada nos revela que cada caravana religiosa assumiu para si um grau de individualidade, de operacionalidade e de organicidade. Permitindo a unificação, mas preservando suas diferenças. Um exemplo é a moto romaria que faz uso do plano de trafegabilidade, das atividades de lazer adjacentes a peregrinação, dos patrocinadores e das adesões das micro motos romarias. Além do mais, junto a ciclo romaria a existência das premiações e os transportes de apoio.

Com base na Geoetnografia das Caravanas pontuamos o voluntariado, a solidariedade entre os participantes e a coadunação entre a promessa penitente (votiva) e a excursão turística (lazer). Sobre a territorialidade religiosa do santuário à natureza provincial (da ordem religiosa), metropolitana (da Arquidiocese de Fortaleza), cearense e sertaneja.

Além do mais cada caravana religiosa deve ser tratada como um “sujeito-objeto” multidimensional, com história – passado, presente e projeto de futuro, complexo, subjetivo,

afetivo, inacabado, efêmero e móvel. Advertimos para o aparecimento de novos atores e de novas mobilidades, à exemplo da figura do organizador de caravana, motorista, motorista-fretante, moto romeiro, moto batedor, moto socorrista, moto varredor, motociclista de elite (motos de altas cilindradas), ciclo romeiro, ciclista varredor (conduzindo os retardatários para perto do grupo), ciclista batedor (lado a lado com o grupo, fazendo as barreiras e evitando a dispersão), ciclista puxador (escoltando o grupo) e o guia de turismo. Além desses, a presença da equipe de saúde, segurança, cozinha, animador, operacional (mecânica) e o apoio.

Contemplamos a exterioridade das caravanas religiosas e a presença dos artistas de ruas, ambulantes, comerciantes, pedintes, flanelinhas, violeiros, cordelistas, fotógrafos, pagadores de promessas, infratores, indiferentes, opositores, políticos, religiosos, funcionários do sagrado e demais habitantes. Ao estudar este caminho de fundição entre sujeito e objeto, a captura simbólica das expressões faciais (cansaço, dor, regozijo), os gestos corporais como os movimentos das mãos (avance, descanse, respire, pare, acelere, ore, peça, creia, alongue, embarque, desembarque, seja bem-vindo), as buzinas, o ruído de estouro no escapamento, a velocidade de aceleração do motor e os fogos de artifícios

De maneira complementar, consideramos um dos momentos mais significativos do campo aconteceu na moto romaria com as doações das cestas básicas e os “arremessos” dos donativos em direção aos mendicantes na Rodovia Federal BR – 020¹⁰. Famílias aguardavam debaixo das tendas improvisadas os gestos de caridade dos veículos. Findado a moto romaria. A exposição da “Operação Romaria Segura – 2018” pelos agentes da PRF/CE. Os resultados foram 1 óbito, 12 motociclistas autuados administrativamente por pilotar sob a influência de álcool, 2 prisões e 183 multas por conduzir sem a Carteira Nacional de Habilitação – CNH, sem a Certificado de Registro e Licenciamento do Veículo – CRLV e com equipamentos obrigatórios danificados.

Depositamos todas as nossas expectativas na prática e o discurso: a formação de espaços simbólicos em torno da caravana, a mencionar “a caravana é um ato de celebração da vida”, “a viagem inicia quando você começa a ter a idéia de fazê-la” e “a travessia é uma prova”. Discursivamente em seu entorno nos interessa como material simbólico da marcha da

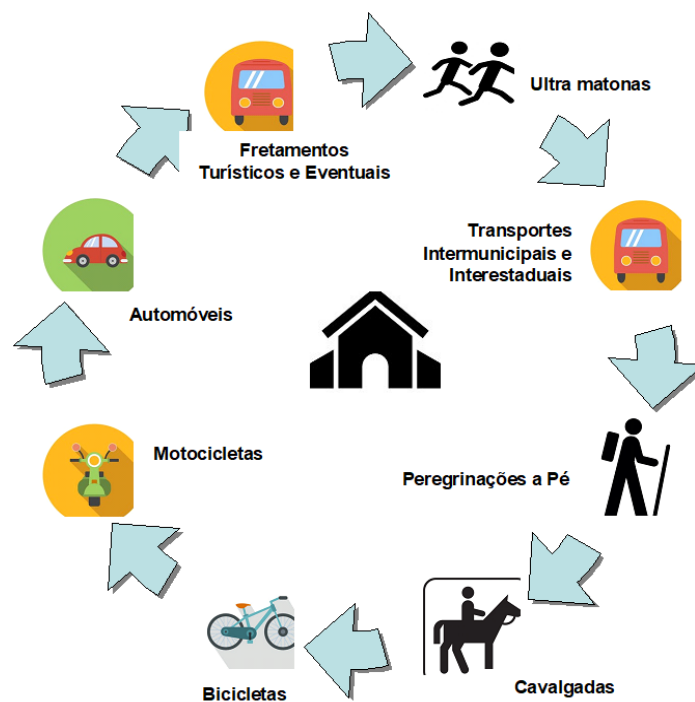
¹⁰ Em 2017, a Prefeitura Municipal de Caridade (PMC), por meio da Secretaria Municipal da Ação Social (SMAS/Caridade) e o Ministério Público Estadual do Ceará (MPEC) realizaram uma operação para coibir mendicância de crianças e adolescentes às margens da Rodovia Federal BR – 020. Uma rota dos romeiros de São Francisco das Chagas. A operação contou com a observância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990). O documento proíbe a exploração de menores com objetivos de lucros patrimoniais. Essa notícia veiculada no O POVO ONLINE. Operação reprime famílias que usam crianças para pedir esmola. Publicado no dia 24 de dezembro de 2017. Encontra-se disponível em: <https://mobile.opovo.com.br/noticias/ceara/caridade/2017/12/operacao-reprime-familias-que-usam-criancas-em-medicancias.html>. Acesso em: 24 de abr. de 2018.

humanidade, tradições, territórios, comunhão, manifestação religiosa e política, organizada e relacionada com a história. As estórias de superações pessoais, crises financeiras, problemas de saúde, tabagismo, depressão e separação matrimonial.

No entendimento sociológico das viagens humanas, Serrano (2000, p. 38) alega que “as viagens reais e as imaginadas envolvem, em suas jornadas, a superação ou a negação de limites psicológicos e a travessia de fronteiras políticas, a construção e a reconstrução de territórios existenciais”. Em Canindé, a estrada é representada como sendo o “lugar de encontro”, “corredor da Basílica de Canindé”, “a promessa” e “a união com o Cristo e São Francisco”.

Nas narrativas às recomendações individuais “cada um faça no seu tempo”, “a promessa é individual e espontânea”, “na multidão somos muitos, mas também somos únicos para São Francisco das Chagas”. Este estudo indaga as várias possibilidades de compreensão da experiência humana e religiosa da peregrinação.

Figura 1 – As caravanas e o santuário, metropolitano, franciscano e sertanejo de Canindé.



Fonte: Silva, I. Oliveira, C. (2019).

Os espaços sagrados sugerem múltiplas interpretações. Ao longo da peregrinação presenciamos a produção de um território simbólico e o surgimento de territorialidades. Tensões e disputas simbólicas que constituem uma romaria. Este trabalho volta-se para

relações contemporâneas da peregrinação, festividade e turismo. No repertório a leitura dos fluxos preferenciais de circulação no Santuário de Canindé. Os automóveis trouxeram uma aceleração brusca da velocidade, permanência e experiência do fluxo

É sempre bom lembrarmos que cada caravana é um universo em si. Enquadrado por narrativas e autenticidades. No período da pesquisa de campo, a realização das viagens e a dedicação ao trabalho de registrar os desafios, as insolações, cansaços físicos e mentais, as renúncias aos banhos prolongados, as abdições do conforto de casa e mais contemporaneamente o sacrifício da ausência da internet. O alento teórico está em Bachelard (2005) e sua predisposição pela “escrita feliz” radicado na abertura do “ser-no-mundo”..

Nas narrativas orais dos sujeitos artífices da própria história, às memórias e às reminiscências familiares da Caravana Maria Salgado – CMS criada em 1935 pelo casal Maria Paula de Oliveira e Liberato Salgado de Oliveira. E da Romaria Dom Joaquim – RDJ fundada em 1956. Nas narrações, a glorificação de um sacrifício heróico! Os primeiros peregrinos se abrigavam debaixo de pontes, árvores e insólitas casas. Inicialmente, durante os chamados “anos heroicos” pronunciavam “no início da romaria tudo a pé”. Em seguida que “decorreram os caminhões, os ônibus e mais recentemente os veículos particulares”.

2.2 As redes geográficas e a extensão do lugar-sagrado

Parte da inspiração da tese adveio da obra de Debray (2004) e de sua apresentação do “mundo em rede” cujo o começo está por toda parte; e o fim em lugar nenhum. Segundo Corrêa (1997) a rede geográfica contraí uma ressonância e uma projeção tanto real quanto simbólica; tanto formal quanto informal; tanto hierárquica quanto não-hierárquica; tanto sazonal quanto permanente. E, tudo isso, em distintas escalas espaciais. Para Santos (1994 e 2006) as redes geográficas são formadas por um conjunto de pontos fixos interligados por meio dos fluxos.

Portanto, em uma definição mais abrangente, Rosendahl (2003) apresenta a proeminência dos símbolos ponderando-os como bens que expressam uma revelação do sagrado. Resultando, assim, do encontro entre o símbolo, simbolizante e simbolizado em um espaço-tempo-sagrado. A autora recomenda à reflexão da mercadoria e do significado produzido por esse bem sagrado.

Em todo o caso, as redes geográficas estão interligadas materiais, digitais e culturais, envolvendo o fluxo de informações, mercadorias, conhecimentos, valores, entre outros. De acordo com Park (1994) *apud* Stoddard e Prokok (2003) em todos os espaços-

sagrados existem relações de poder, conflito e ideologia. Na dimensão do conflito existem o de interesses, deveres, autoridades e razão.

É sempre importante lembrarmos que as redes ou, pelo menos, muitas delas receberam um maior alcance no espaço geográfico mundial devido aos transportes e as comunicações. Para Debray (2004, p. 37) às histórias dos transportes são “reviravoltas que quase coincidem com as histórias das comunicações”. Nas palavras de Oliveira (2011b, p. 97) o carro tomou um papel de “monumento alegórico. Um símbolo multiuso de transporte, comunicação e poder. Uma alegoria plena da expressiva carnavalização das festas populares”.

A evolução das redes decorre da evolução das técnicas e tecnologias. Da leitura dos textos, constatamos que as hierópolis atraem um fluxo permanente de peregrinos e visitantes. Segundo Carneiro (2013) a peregrinação vem sendo resinificada pela atração turística. Perfilado com a Teoria Interpretativa da Cultura de Geertz (1989 e 1997) reconhecemos o simbólico-interpretativo como um campo amplamente heterogêneo, plural e contraditório em si. Perpassam indubitavelmente pela discussão do imaginário o pensamento de Ferreira dos Santos (2015, p. 396) como àquele que “corresponde a um esgotamento do paradigma da racionalidade unidimensional entre os acadêmicos”. Por influência mútua Contrer (2015, p. 70) diz “que nunca fomos nós que produzimos as imagens, sempre foram elas que nos produziram”.

As referências geográficas e históricas dão conta de que o Santuário de Canindé nasceu das missões franciscanas pernambucanas. Nesse cenário, os frades percorriam centenas de quilômetros por fazendas, lugarejos e rincões do Nordeste brasileiro, sob o efeito das desobrigas do sertão e do altar portátil. Imediatamente, os moradores almejaram à construção do templo e a cobertura permanente da assistência religiosa. Ainda nos primários metros do templo, os primeiros milagres atribuídos à São Francisco de Assis. Não tardou para que o mito e a mística se espalhassem por toda a Região. E o Santo de Assis fosse repatriado como sendo o Santo das Chagas de Canindé.

No místico a existência do “numinoso”, do contato e da fusão do próprio Eu com o Ser absoluto do Todo, do Cósmico ou de Deus. Na teologia católica, as palavras misticismo, mística e mistério evocam o pensamento de alguma coisa de oculto, que esquiva mais ou menos à razão clara. Posteriormente, um imbricado entrosamento entre a mística do Santo e a festividade. Na opinião de Amaral (1998) a festa é um ato coletivo que supõe a presença não somente do grupo, mas a sua participação direta. Para a autora, “tudo é festa durante o tempo da festa, o que faz dela um fato social total” (p.17). Na mesma trajetória, Debray (2004, p.197) descreve “Deus não é só transportável, como também é manejável”.

Notadamente, a grande importância que damos é para a operacionalidade da rede geográfica devocional. Corrêa (1997 e 1999) pondera sobre a existência da rede geográfica espacial, temporal e organizacional. Já Castro (1995) a rede geográfica é admissível, somente, quando é capaz de estabelecer a compreensão múltipla e fluída da realidade. Por fim, para Castells (2005) os sujeitos perderam a centralidade porque tudo está conectado em rede. Consoante, Lévy (2009) declara que a sociedade está instaurada em redes globais graças à internet. Porém mesmo que tudo seja operado em rede, a virtualidade não é capaz de aprovisionar o mundo-real humano.

Em termos amostrais e universais, o acesso às informações da Assessoria de Romarias e Pastoral do Acolhimento do Santuário de Canindé, junto ao Relatório Anual do Sistema de Romarias – SISROMARIAS entre os dias de 01/01/2010 a 19/09/2018. Nesse tempo, o registro de 1.776 concentradamente dos estados do Maranhão, do Piauí, do Ceará e do Rio Grande do Norte. Há, ainda, registros de Pernambuco, Paraíba, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pará, Tocantins e Distrito Federal. Já Vattimo (1996) os meios de comunicações são responsáveis pela sociedade estética. Para Deluze (1997) o pensamento do espaço geográfico deve ser aberto às coisas-fluxos. Por fim, de acordo com Shaw e Docherty (2014, p. 26) “nenhuma experiência ou representação de mobilidade pode existir sem o movimento em primeiro lugar¹¹”.

2.3 O santuário e a leitura vetorial do espaço simbólico

Queiroz (1965) dedicou-se a pesquisar sobre o “mundo rústico” do sertão nordestino, na maioria dos discursos, o cenário do mandonismo, do coronelismo, do messianismo, da estrutura social sertaneja desigual, do paternalismo e apadrinhamento latifundiário. Esse último abastecedor da relação de troca necessária e obrigatória para sobrevivência. Na vasta literatura sobre o tema, Albuquerque Jr. (2006) narra sobre os dramas da Região Nordeste avocado pela literatura social.

Nas excepcionalidades do tempo, o “rústico” contem nele todos os ranços históricos e culturais, ao mesmo tempo, os testemunhos dos tempos “pós-modernos”. Predisposmos a examinar à condição pós-moderna das caravanas religiosas. Chamamos a atenção para o conceito que se depreende com o moderno, constantemente, renovando pela

¹¹ No experience or representation of mobility can exist without the of movement in the first place. (tradução nossa).

pós-modernidade, por meio do Deus-Midiático e o Eterno-Palpável pelos filhos-criadores. (DEBRAY, 2004)

O pensamento pós-moderno questiona as metanarrativas desse *sertão* (ser-tão, tão intensamente) ferido, discrepante, atrasado, desigual e, ao mesmo tempo, singular, belo, folclórico, arado de credices, religiosidade, valores e superstições. Repensando às contradições do o ser-tão (sertão) aberto para as oportunidades, mudanças e afluxos. Nesse sentido descobrimos a riqueza da cidade-santuário, do santuário-nordestino, do santuário-franciscano, do santuário-província, do santuário-metrópole e do santuário-sertanejo.

Além do mais, o turismo tem sido associado a uma visão de mundo se expandiu consideravelmente, a citar a introdução das excursões turísticas, permanências mais curtas, presença dos automóveis e dos meios de comunicação. Para Krippendorf (2009) o homem viaja para evadir do cotidiano, “para viver e para sobreviver” (p. 11), tanto que, arduamente permanece fixo “onde nada acontece” (p. 38).

Da mesma forma, Silveira (2004, p. 2) narra sobre às “experiências mais lúdicas, ligadas ao divertimento, a leveza, ao olhar, ao exterior e ao ver”. Segundo Swinglehurst (2002, p. 103) “as viagens da nossa civilização têm de novo é o volume e a rapidez dos deslocamentos humanos e o conteúdo de prazer que essas envolvem”.

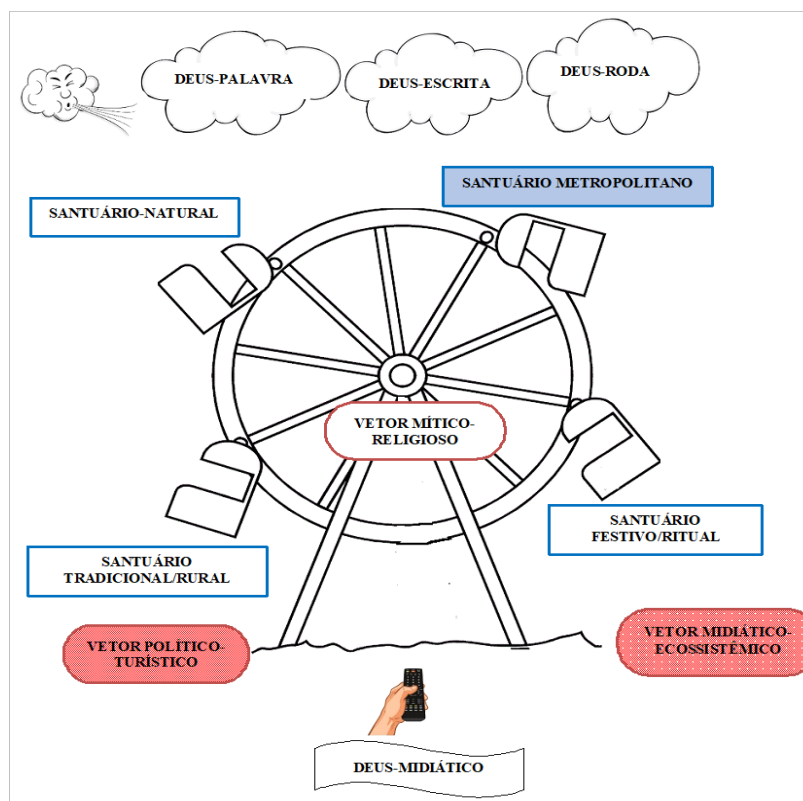
Fazendo um esforço com o uso da linguagem metafórica a roda está em todo o lugar. É icônico ao desenvolvimento humano. Transmite a idéia de rotação, impulso, força, movimento e transmissão. Com ousa da poética é representada nas rodas de conversas, rodas de capoeira, brincadeiras de roda, roda gigante, giro do carrossel e roleta do bicho. Na expressão popular “uma mão na roda” indica uma ajuda de grande valor. Ou “entrar na roda” com o convite para participar do evento.

Simbolicamente, a roda está no cata-vento, na saia, nas auréolas dos santos, na eucaristia, nos copos e pratos partilhados entre os peregrinos e no guarda-sol. A roda gigante representa uma circularidade, temporalidade, transitoriedade e ciclo. Metaforicamente, a roda gigante é a projeção do movimento alternando e perpétuo entre as relações dos consumidores, produtores e fornecedores desse simbólico religioso.

A roda gigante é a metáfora dos altos e baixos, do movimento alternando e eterno. No céu ou nas alturas, o posicionamento do *Deus-Palavra* em alusão ao evangelho de João que acende com a declaração de que “no princípio era o Verbo”, o Deus palpabilizado, agora, é transmitido através do *Deus-Escrita*. Em livros sagrados e em conjuntos de textos considerados de inspiração divina.

Por fim, o Deus é mantido pela mobilidade do *Deus-Roda* através dos transportes. Nas cabines a reprodução dos santuários predestinados à devoção. Na base da roda gigante, as sustentações dos vetores simbólicos-patrimoniais e, por fim, a *mão-invisível da mídia*, o poder e o controle social do *Deus-Midiático*. Grande parte desse raciocínio deriva de Pavis (2008) que considera os agrupamentos dos signos como parâmetros das materialidades teatrais restauradas, a partir da rede de sentidos instigadas pelas experiências estéticas do espectador. A seguir uma construção literal da vetorização dos espaços simbólicos

Figura 2 – A metáfora da roda gigante e a leitura vetorial dos espaços simbólicos



Fonte: Silva, I. (2019).

Segundo Debray (2004, p. 371) o “vai-e-vem ordinário: reanimar tradições e produzem rupturas”, rupturas essas que renovam com novas tradições. Para esse autor há a fantasia de acreditar um mundo-sem-religião, o que induz a crer que, se assim fosse possível, estaríamos vivendo em um congestionamento de sentidos sem precedentes e de apelos ao novo e eterno (re)encantamento do mundo-cão.

Revisitando Wunenburger (2015) o imaginário é como uma força motriz performática, tanto para indivíduos quanto para os grupos, responsáveis pela continuidade, expansão e readequação. Para inúmeros autores a religião é um conjunto de sistemas culturais

e de crenças. Segundo Besen (2008, p. 17) a religião é uma palavra de origem latina que dizer “*religare* amarrar ou religar, ou de [...] *relegere*, reler, retornar, percorrer de novo um caminho, de [...] *re-eligere* tornar a escolher Deus, uma vez que a relação pessoa/Deus foi cortada pelo pecado”.

Neste texto trazemos uma análise acerca do mito. Para Matallo Jr. (2010) tanto o mito quanto a ciência têm à pretensão de responder aos anseios da sociedade e da conexão do mundo. De maneira semelhante, Morrin (2007) explana sobre os mitos como sendo as narrativas auferidas como verdades, todas infinitas e transformadoras do mundo. Eliade (1994) enarra a importância ao *mito vivo*.

Por fim, Bazán (2002) completa dizendo que no mito há a revelação e a íntima relação com a ordem sobrenatural das coisas. De um modo geral, os mitos decompõem, compõem e recompõem um lugar. Sempre que possível consideramos o mito como o elemento essencial para o nortear o peregrino, o visitante e o habitante.

2.4 A captura do discursos-livre e o pé na estrada

De acordo com Silva (2015, p. 591), “toda imaginação é uma viagem que pressupõe um espaço a ser percorrido”. A respeito do real significado a experimentação de ir em caravana. Em campo, despertamos os sentidos empíricos e as constatações sobre a realidade. Observamos as permanências e as impermanências modernizantes. Trazemos a superfície as tramas da rede devocional penitente e a religiosidade turística. Dessa forma, podemos explicar o aumento do grau de organização, planejamento, logística, legislação e operação.

Ficaram evidentes, com esta experiência, que os caminhos das peregrinações religiosas requerem racionalidade técnica, transmissibilidade da tradição, processo histórico-cultural, identidades religiosas, conhecimento religioso (formal e informal), discursos místicos e míticos, por fim uma condição de circulação apropriado e mobilizado pelo homem.

Em campo, deparamos com os riscos das ultrapassagens indevidas, com as péssimas condições das rodovias, com o uso indevido do acostamento, com a velocidade acima do limite permitido. Com efeito recorremos ao “uso do discurso-livre” sem as artimanhas dos questionários previamente estabelecidos. Outra complementação metodológica é a “entrevista compreensiva” de Kaufmann (2013). Para o autor, há necessidade de uma aproximação antecipada entre o pesquisador e o campo, escapada da linearidade do discurso construído. Dessa forma, o autor convida para uma “aproximação-

livre” sem as amarras das correntes teóricas ou ideológicas, sem os instrumentos enrijecidos da pesquisa de campo. Alimentado exclusivamente da “escuta sensível”.

Nesse processo, por meio da escuta sensível identificamos a agudeza da percepção nos relatos dos motoristas, passageiros, ciclistas, motociclistas e organizadores das caravanas. Somamos tudo isso com as contribuições dos memorialistas Augusto César Magalhaes Pinto e Padre Neri Feitosa. Esse último cedeu dois volumes completos de artigos sobre a cidade de Canindé. Em todo o tempo, adotamos uma postura de narrador-peregrino e narrador-observador. Para Gerhardt e Silveira (2009) o caráter subjetivo do objeto considera as particularidades e as experiências. De maneira idêntica, Arendt (2009) narra sobre a condição humana complexa e suas múltiplas relações.

Asseguramos em Gil (1999, p. 32) o discurso de que o “desconhecido que se encontra atrás do fenômeno; só visa o dado, sem querer decidir se este é uma realidade ou uma aparência: haja vista o que houver”. Conforme Almeida Jr. (2010) a indispensabilidade da experiência de vida, do confronto com as fontes e do ordenamento dos critérios seletivos para a consolidação das pesquisas acadêmicas. Em Ferreira (2006) os testemunhos dos entrevistados ajudam na compreensão da realidade que nos cercam. Já Gaya (2008, p. 54) a “valoração das interpretações do indivíduo sobre a realidade”. E, por fim, Vanoge (2007) recomenda o garimpo das fontes secundárias, a seleção da oratória, linguagem do cotidiano e código social.

Segundo Ricoeur (1976, p. 40) a “escrita é capaz de fixar o dito”. Para Matos (2002) há uma força do sentindo e do sentir conhecendo. Em Bauer e Gaskell (2002, p. 68) a valoração de “explorar o espectro das opiniões e das diferentes representações sobre o assunto em questão”. No manancial das fontes, à Biblioteca Municipal Cruz Filho de Canindé¹² em posse da carteira cadastral com o nº 0541. As conversações com a Comissão Brasileira de Justiça e Paz – CBJP Secção Ceará, do Regional Nordeste 1 da CNBB; as visitas ao Instituto do Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará - Instituto do Ceará e ao Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC.

As visitas aos abrigos dos romeiros (São Francisco e Santo Antônio), as acomodações públicas como o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente –

¹² Segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas - Cadastro Nacional de Bibliotecas, a Biblioteca Pública Municipal Cruz Filho está inscrita sobre o nº SNIIC: ES-448. Segundo informações coletadas em campo (2018), a unidade conta com 54.754 livros, 21,795 títulos, 14 funcionários, entre eles bibliotecário, auxiliar de biblioteca e atendentes. Dentre os departamentos, encontra a sala dos periódicos, ação literária, obras gerais, pesquisas escolares entre outros. O local é sede da Academia Canindeense de Letras, Artes e Memória (ACLAME). O prédio é tombado em nível municipal como a justificativa de “relevante interesse histórico e cultural”, sob a proteção da Lei de nº 1.456 de 1996.

CAIC e a Praça dos Romeiros ou Praça de Assis. A sensibilidade para ouvir o bispo, párocos, reitor, seminaristas e leigos. Evidenciar a fala dos voluntários, peregrinos, motoristas e colaboradores. Por fim, à leitura fruição dos mosteiros e templos franciscanos nas cidades nordestinas de João Pessoa - PB, de Olinda - PE, de São Cristóvão (antiga capital de Sergipe) e de Maceió - AL.

3. O SANTUÁRIO CATÓLICO, FRANCISCANO, METROPOLITANO E SERTANEJO DE CANINDÉ

O homem é um ser que transcende à matéria. Em termos da religião, a transcendência tem a finalidade de religar o homem ao plano sobrenatural. Em Kant (1992 e 1994) esse transcendental são dadas devido às condições de possibilidades do conhecimento humano, ou seja, são procedentes das formas (dos sujeitos) que moldam à matéria (os objetos). Em outras palavras, o autor coloca o transcendente como sendo tudo àquilo que o nosso conhecimento não consegue abarcar.

Segundo o entendimento cristão, à “fé move montanhas”, na verdade, move inicialmente os indivíduos antes mesmo das circunstâncias. A palavra fé captura inúmeras significações, dentre às quais está a “convicção antecipada”. Para os diferentes estudiosos, à fé emula da razão (ou seja, da consciência do ser) e não descarta à razão como muitos pensadores querem acreditar. Portanto, à fé é fiel companheira da racionalidade e racionalismo.

Dessa forma, à fé é um estado confiante que arrasta multidões mundo afora. Oito séculos se passaram desde o encontro entre São Francisco de Assis e o crucifixo na capelinha em ruínas. Francisco atendeu ao pedido de reconstrução da Igreja de seu tempo. Os frutos humanos e espirituais ainda hoje são colhidos. A vida de Francisco de Assis¹³ é repleta de

¹³ A biografia de Giovanni di Pietro di Bernardone ou Francisco de Assis lembra a figura de um “santo” que abdicou da condição de indivíduo de privilégios em nome de uma missão/mediação. Submetido a uma conversão cristã e modelo exemplar para toda a comunidade de fé do seu tempo, em tempos atuais, é revisitado como fonte inspiradora para novas comunidades. Nascido na cidade de Assis, na Região de Úmbria, na Itália, em 26 de setembro de 1182 no berço de uma família abastada, seu pai, um opulento vendedor de tecidos, imaginava que o filho permanecesse com a prosperidade do seu comércio. Segundo Frugon (2011), aos 20 anos de idade, Giovanni vai à guerra defendendo Assis - ITA de Perugia - ITA. Na batalha, é preso e permanece detido por um ano. Posteriormente, resgatado pelo pai com enfermidades pelo corpo, regressa à família já não mais o mesmo. Na biografia, o primeiro chamado vocacional está relacionado com o inesquecível abraço ao leproso. Dirigindo-se ao doente, saúda-o com afeto e dá-lhe sua bolsa com moedas. O segundo momento é a experiência na Capela de São Damião em Assis - ITA, diante do crucifixo em que é convocado, espiritualmente, para a reconstrução da Igreja Católica de sua época. De acordo com Boff (1981 e 2013), no ano de 1206, renuncia publicamente aos bens materiais do Pai em praça pública. Em 1209, ocorrem os relatos iniciais das adesões dos primeiros irmãos à futura ordem. Seguramente, não tardaria para a aprovação das regras em 1223. Daí em diante a missão do santo-

inúmeras virtudes, devotado à Paixão de Jesus Cristo, tudo convertia em amor universal, humildade e compaixão.

3.1 São Francisco de Assis: o Homem do Segundo Milênio

Em sua biografia, Francisco era filho de um opulento comerciante de tecidos. Viverá sob a tutela da riqueza, da boêmia e dos amores da Provence, ainda, no século XIII. Lentamente, dentro de si, cresciam as inquietudes existenciais humanas. Certa vez, enquanto cavalgava por Assis, avistou um leproso vindo em sua direção. Para espanto, desceu do cavalo, deu-lhe uma moeda e beijou-lhe a mão. Segundo episódio é o encontro de Francisco com o Crucifixo de São Damiano pintado no século XII em estilo romântico e síriaco. Na ocasião, ouve da imagem a seguinte mensagem “Francisco, restaura a minha igreja em ruínas!”.

Em 1999, a revista estadunidense “Times” realizou uma grande eleição entre os leitores para saber qual o personagem mais importante do segundo milênio. São Francisco foi eleito em primeiro lugar. Em abril de 2013, um Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio é eleito o novo Papa, por nome de Francisco. Considerado o primeiro papa latino-americano, o primeiro jesuíta da história no papado e o primeiro papa a comandar à Igreja com o pontífice anterior ainda vivo em quase 600 anos.

No calendário litúrgico franciscano, o dia 2 de agosto é dedicado a Festa de Nossa Senhora dos Anjos, popularmente reconhecido como a “Porciúncula”. O dia de Santa Clara de Assis é celebrado em 11 de agosto e do Pai Seráfico em 4 de outubro. Na contemporaneidade, Francisco é associado a humildade, ao amor incondicional, à natureza, pobreza evangélica, compaixão e fraternidade. Temas tão carentes em nossos dias.

Declaradamente, reconhecido como o Patrono dos Animais, o Padroeiro da Itália, o Defensor do Meio Ambiente e o Pai da Ecologia. Postulado como o mediador da paz e da tolerância religiosa¹⁴. São Francisco de Assis dar nome aos acidentes geográficos, cidades,

andarilho não mais parou. Em 1224, recebe os estigmas impressos no lado, nos pés e nas mãos. No dia 03 de outubro de 1226, morre e, dois anos depois, é canonizado. Prontamente, os primeiros milagres foram lhe atribuídos. A historiografia oficial apresenta que, no dia em que foi sepultado, trouxeram uma menina parálitica que, imediatamente, ao se aproximar do túmulo, recebeu a cura. Cegos, enfermos libertos da morte, atormentados espiritualmente, surdos e mudos estiveram misteriosamente sarados em promessas devotadas a São Francisco de Assis.

¹⁴ Peregrino da Paz, no encontro de Damietta atuou como pacificador ao dialogar com o sultão do Egito Malik-al-Kamil em 1219, em um momento significativo de aproximação entre nações do Oriente e Ocidentes, a partir da fé, da cultura e, especialmente, das pessoas. Por certo, todo esse ambiente funciona como um campo dinâmico de forças que interagem entre si e se tornam fonte de inspiração para muitos livros e estudos. Convocado misticamente para restaurar uma pequena capela em ruínas, prosseguiu restaurando todo um povo a partir do

ruas, estádios de futebol, prédios públicos, estabelecimentos comerciais, centros espíritas, ONGs, assentamentos rurais, homens e mulheres.

Em diversas partes do mundo é exaltado. Em Quibdó, na Colômbia; em Maras no Urubama, no Peru; em Tamulte no México; em Buenos Aires, na Argentina ou mesmo em Carchi, no Equador onde é avocado de San Pacho. No Brasil, a celebração do Círio de São Francisco de Assis em Tailândia no Pará. Em Criciúma, no Rio Grande do Sul, a solenidade reúne animais em honra ao Santo.

O Santo é padroeiro da cidade de Chopinzinho, no sudoeste do Paraná. Exaltado na Paróquia Nossa Senhora de Fátima em Juruá, no Amazonas e na Paróquia São Francisco de Assis no bairro Junco, na cidade de Teresina no Piauí. Sua memória está presente no Convento de São Francisco na cidade de Salvador, na Bahia; na Paróquia São Sebastião, na cidade de Parnaíba no Piauí; nas cidades maranhenses de Codó, Imperatriz, São Luís e Bom Jardim. No sincretismo da Tenda Espirita de Umbanda São Francisco de Assis na cidade de São Mateus ou na Tenda de Mina de São Francisco de Assis em São Luís ambos no Maranhão.

Em vida, Francisco foi um grande peregrino. Percorrendo as missões da África Setentrional (países como Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Mauritânia e a Saara Ocidental, um território não autônomo controlado pelo Marrocos), do Oriente Médio (atualmente localizado em Afeganistão, Arábia Saudita, Bahrain, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Síria e Turquia) e do Norte da Europa (Dinamarca, Estônia, Finlândia, Islândia, Letônia, Lituânia, Noruega e Suécia) (KOSER, 1998; GEMELLI, 1979).

Segundo Pinto (2003) o Santuário Franciscano de Canindé nasceu devido a necessidade da cobertura da assistência social e religiosa naquela região. Para o autor Canindé foi “escolhida por São Francisco para acolher seus devotos, principalmente, os pobres sertanejos, que jamais teriam condições de se dirigir a Assis para render-lhe graças” (p. 32). Dentre as principais celebrações franciscanas canindeense estão a novena entre os dias 24 de setembro à 4 de outubro; 5 de outubro com o descerramento da Bandeira; 7 a 25 de dezembro com o Advento e o Natal. E completando o ciclo o 3 de fevereiro com o Dia do Romeiro¹⁵.

amor. Sua mensagem foi capaz de erguer uma instituição decaída em escândalos internos com luxúrias, disputas de poder e riquezas (JOERGENSEN, 1982; CHESTERTON, 2003).

¹⁵ Dia do Romeiro e do Evangélico. O Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé realiza todos os anos, no dia 3 de fevereiro, um dia depois da celebração da Romaria de Nossa Senhora das Candeias na cidade de Juazeiro do Norte, encerrando os ciclos das romarias no Santuário Franciscano. A data foi instituída pela Lei nº 1.872/05, de 02 de março de 2005, como o designio de homenagear os romeiros peregrinos e todos os devotos que expressam sua fé deslocando-se à Canindé. Também na cidade franciscana, celebra-se o Dia do Evangélico,

Sobre as possibilidades da escuta sensível como metodologia, os romeiros narram “às minhas dores descobrem as de São Francisco e juntos as de Jesus”; “São Francisco é um Santo poderoso. Milagreiro!”. Não tardaria para que São Francisco das Chagas de Canindé ultrapassassem as fronteiras do Ceará e adentrassem os estados circunvizinhos.

3.2 A mensagem de Francisco penetra o Nordeste Colonial Brasileiro

No Brasil Colônia, na primeira metade do século XVI, foi instituído o primeiro sistema de administração territorial do Império Português em “Terras Tupiniquins”, as capitânicas hereditárias. Na ocasião, o Brasil recém descoberto foi repartido em 15 lotes de terra. Dessas apenas 2 alcançaram o êxito desejado a de Pernambuco e a de São Vicente porque prosseguiram com o sistema de produção baseado na monocultura da cana-de-açúcar.

Em termos geográficos, à primeira zona de povoamento português foi o litoral beneficiado pelas condições naturais de produção, defesa, abastecimento e navegação de cabotagem. No Nordeste à predominância da economia açucareira. O açúcar levou o desenvolvimento de outras atividades econômicas complementares, à exemplo da criação de gado com o abastecimento da carne, do couro, do leite e da força de trabalho. A impraticabilidade de criar o gado na faixa litorânea levou a expansão da atividade para o sertão¹⁶.

Na opinião Silva Filho (2007) o gado seguiu o percurso dos rios perenes estimulando a criação dos currais, fazendas, povoados e vilas. Logo, às ocupações seguiram as pegadas do gado. Por ocasião das longas distâncias e estiagens o gado perdia peso, adoecia e perecia. Nessa época surgiram os “tangerinos” que conduziam o gado e os “vaqueiros” que eram responsáveis de cuidar do gado na fazenda. No século XVIII, o litoral passou a vender o gado já abatido, em forma de mantas salgadas, com a alcunha de jabá, carne de sol ou charque.

anualmente, em 30 de novembro, por Lei nº 2.111/2009, de 20 de julho. Ambas as legislações homenageiam a vertente da doutrina cristã.

¹⁶ A Região Sertaneja Nordestina se assenta como um lócus diversos escritos, narrativas, significações e estudos técnicos. Sempre permeadas pelas condições climáticas (estiagem), desigualdades sociais e atraso econômico. Autores como Euclides da Cunha (Os sertões), Rodolfo Teófilo, Graciliano Ramos (Grande Sertão: Veredas), Rachel de Queiroz (O quinze), Patativa do Assaré (Poemas), Jose de Alencar (O sertanejo), João Guimarães Rosa (A bagaceira), José Lins do Rego (Menino do Engenho), Durval Muniz (A Invenção do Nordeste), Gilmar Arruda (Cidades e Sertões), Ivone Cordeiro (Sertão: Um Lugar Incomum), Luís da Câmara Cascudo (Vaqueiros e Cantadores), Rosa Maria Godoy (O Regionalismo Nordestino), Sebastião Ponte (Fortaleza Belle Époque), Maria Isaura Pereira (Os cangaceiros), , Marco Paulo Fróes (Espaços do Sertão), entre tantos outros retrataram os dramas da seca e a procissão de horrores da fome.

Segundo Pinheiro (2015) a ocupação na Capitania do Ceará aconteceu de forma bastante morosa se comparada ao restante do litoral açucareiro brasileiro. Em termos históricos, os frades franciscanos desembarcaram no Brasil em 1585 na Vila de Olinda e no Porto do Recife. Em Olinda ergueram o primeiro convento da Ordem dos Frades Menores – OFM e a sede da Casa Mãe da Província Franciscana de Santo Antônio. Na época, apenas Custódia de Santo Antônio do Brasil.

Nas primeiras décadas do século XVI edificaram o Convento de Nossa Senhora das Neves, em Olinda (1585); o Convento de São Francisco, em Salvador – BA (1587); o Convento de Santo Antônio, em Igarauçu - PE (1588); o Convento de Santo Antônio, em Joao Pessoa - PB (1589), o Convento de São Francisco em Vitória - ES (em 1591); o Convento de Santo Antônio - RJ (em 1592); o Convento de Santo Antônio em Ipojuca - PE (em 1606) e à Igreja de Santo Antônio (em 1633), na cidade de São Francisco do Conde, (anterior Vila de São Francisco da Barra de Sergipe do Conde), no Recôncavo Baiano.

Hoje em dia, no Brasil, à coordenação da família franciscana é descentralizada em forma de Províncias¹⁷, de Vice Províncias¹⁸, de Províncias Internacionais e de Custódias¹⁹. Em termos congregacionais, as ramificações canonicamente aprovadas da família franciscana são distribuídas em Primeira Ordem, ordenada por Ordem dos Frades Menores (OFM); Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFM.conv.) e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM.cap.). Segunda Ordem circunspeta pela Ordem das Irmãs Clarissas; Ordem das Irmãs Concepcionistas e a Ordem das Irmãs Capuchinhas. Todas as ordens femininas são contemplativas enclausuradas e seguidoras de Santa Clara/São Francisco de Assis. E, por fim, a Terceira Ordem representada pela Terceira Ordem Regular (TOR) e a Terceira Ordem Secular ou Ordem Franciscana Secular (OFS)²⁰.

¹⁷ No Brasil estão distribuídos nas famílias dos Capuchinhos de Minas Gerais; da Imaculada Conceição; do Sagrado Coração de Maria; Santa Cruz; São Lourenço de Brindes - Capuchinhos de Paraná e Santa Catarina; São Maximiliano Maria Kolbe; Província do Brasil Central; SS. Nome de Jesus do Brasil; Província São Francisco de Assis – OFM.Conv.; Província de Santo Antônio - Nordeste do Brasil – OFM; Província de Nossa Senhora da Piedade (Capuchinhos da Bahia e Sergipe); Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil (Capuchinhos de Pernambuco; Alagoas; Paraíba e Rio Grande do Norte).

¹⁸ Franciscanos T.O.R.- Vice - Província Nossa Senhora Aparecida do Brasil e à Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção.

¹⁹ Custódia Provincial Imaculada Conceição OFM.Conv; Custódia Franciscana das Sete Alegrias de Nossa Senhora; Custódia Franciscana do Sagrado Coração de Jesus e Custódia Franciscana São Benedito da Amazônia.

²⁰ A presença de Outras Comunidades Franciscanas, não tão históricas, a exemplo da Ordem das Irmãs Franciscanas da Eucaristia; da Ordem das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria; da Ordem da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição; da Ordem da Congregação Franciscana da Penitência; da Ordem da Fraternidade de Aliança Toca de Assis; da Ordem da Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas; da Ordem da Congregação das Irmãs Franciscanas de Allegany - OSF; e do Instituto das Irmãs Franciscanas da Divina Misericórdia – FDM.

No Nordeste, a presença da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção no Estado do Maranhão, especialmente, nas cidades de São Luís, Bacabal, Lago de Pedra e no Estado do Piauí nas cidades de Teresina e Floriano. À Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, a mais antiga do país e em 6 estados do Nordeste. Assim representamos em forma de:

Tabela 1: Territorialidade da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil²¹ (OFM)

ESTADO	CIDADE	CASA
BAHIA	Salvador	Convento de São Francisco
	São Francisco do Conde	Convento Santo Antônio
	Cairu	Convento Santo Antônio
	Campo Formoso	Convento Santo Antônio
SERGIPE	Penedo	Convento Nossa Senhora dos Anjos
PERNAMBUCO	Recife	Convento Santo Antônio
	Olinda	Convento de São Francisco
	Ipojuca (Santuário Cristo de Ipojuca)	Convento Santo Antônio
	Pesqueira	Convento dos Franciscanos
	Triunfo	Convento de São Boia Ventura.
PARAÍBA	João Pessoa	Convento de Nossa Senhora do Rosário
	Campina Grande	Convento de São Francisco
	Lagoa Seca	Convento de São Antônio
CEARÁ	Fortaleza	Convento Nossa Senhora das Dores
	Canindé (Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé)	Convento Santo Antônio
RIO GRANDE DO NORTE	Mossoró	Convento Franciscano de Mossoró

Fonte: Fonte: Silva, I. (2019). Adaptado do site: <http://ofmsantoantonio.org> (online, 2019)

Os resultados da investigação indicam a presença dos Frades OFM.conv nas cidades de João Pessoa - PB, Candeias - BA e Feira de Santana – BA. Em seguida, como Custódia Provincial São Boaventura nas cidades maranhenses de Viana, de Bom Jardim e de São Luís. E no Ceará, a presença na cidade de Fortaleza. E como OFM.cap. representado pela Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí e distribuídos nas cidades de:

²¹ À Província, ainda, está presente nas Missões Brasileiras no Pará, através da Residência dos Franciscanos em Belém (PA) e Missão Tiriyo (PA) e das Missões Estrangeiras: Bardel (Alemanha) e o Comissariado da Terra Santa.

Tabela 2 - Territorialidade da Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí

ESTADO	CIDADE	FRATERNIDADES
CEARÁ	Fortaleza – Bairro Centro	Fraternidade Coração de Jesus (Cúria)
	Camocim	Fraternidade Dom Frei Timóteo
	Jaguaretama	Fraternidade Nossa Senhora da Conceição
	Guaramiranga	Fraternidade Nossa Senhora de Lourdes
	Fortaleza - Bairro Messejana	Fraternidade Nossa Senhora do Brasil
	Fortaleza – Bairro Pirambu	Fraternidade Santa Clara
	Juazeiro do Norte	Fraternidade São Francisco das Chagas
	Sobral	Fraternidade São Francisco de Assis
PIAUI	Uruçuí	Fraternidade Frei Damião de Bozzano
	Teresina	Fraternidade São Benedito
	Lagoa de S. Francisco	Fraternidade São Francisco de Assis
	Parnaíba	Fraternidade São Sebastião

Fonte: Fonte: Silva, I. (2019). Adaptado do site: <https://www.capuchinhos.org.br/procepi> (online, 2019).

Entre os resultados da pesquisa estão a OFM.cap na Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo da Região do Norte e Nordeste, mais precisamente nos Estados do Maranhão, do Pará e do Amapá. Nas cidades maranhenses de São Luís, de Barra do Corda e de Alto Alegre. Por ocasião dessa província, os frades permaneceram na catequese dos índios na Amazônia entre os anos de 1893 até 1937. Seguramente avançaram o Alto Solimões na Região da Amazônia até adentrar no Peru e na Colômbia. A seguir, as casas religiosas:

Tabela 3 - Territorialidade da Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo

ESTADO	CIDADE/PARÓQUIA
PARÁ	Capanema
	Belém
	Nova Timboteua
	Peixe-boi
	Quatipuru
	Primavera
	Santana
	Marabá
MARANHÃO	São Luís
	Açailândia
	Trizidela do Vale
	Tuntum
	Porto Franco
	Imperatriz
Barra do Corda	

Fonte: Fonte: Silva, I. (2019). Adaptado do site: <https://www.capuchinhos.org.br/procepi> (online, 2019).

Durante a apuração, descendo mais ao sul do Nordeste encontramos à Província Capuchinha Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil - PRONEB compreendendo os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Abaixo à distribuição territorial:

Tabela 4 - Territorialidade da Província Capuchinha Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil

ESTADO	CIDADE	CONVENTO
ALAGOAS	Maceió	Convento Sagrado Coração de Jesus
	Quebrangulo	Santuário São Francisco de Assis
PARAÍBA	João Pessoa	Convento Imaculada Conceição
	Catolé do Rocha	Fraternidade Nossa Senhora dos Remédios
PERNAMBUCO	Recife (Bairro São José)	Fraternidade Nossa Senhora da Penha
	Recife (Bairro Pina)	Convento São Félix de Cantalice
	Caruaru	Fraternidade Coração Eucarístico de Jesus
	Bom Conselho	Convento São Fidélis de Sigmaringa
	Ouricuri	Fraternidade São Sebastião
RIO GRANDE DO NORTE	Natal	Convento Santo Antônio

Fonte: Fonte: Silva, I. (2019). Adaptado do site: <https://www.capuchinhos.org.br/procepi> (online, 2019).

Surpreende a história da presença capuchinha no final do século XVII. Hoje, os Freis Capuchinhos São Francisco de Assis estão nas cidades de Itamaraju, Itabuna, Vitoria da Conquista, Conquista, Senhor do Bonfim, Itaju do Colônia, Salvador, Feira de Santana, Alagoinha, Esplanada e Seguro, todas na Bahia; e em Sergipe, nas cidades Aracaju e Serra do Machado. No ramo feminino a Ordem de Santa Clara – OSC²² estão presentes nas cidades de Campina Grande - PB; Caicó – RN; Canindé – CE, Mossoró - RN e em Feira de Santana – BA. Já a Ordem da Imaculada Conceição – OIC²³ nas cidades de Floriano - PI, Salvador - BA e Fortaleza - CE.

Sáimos da coleta bibliográfica e documental para a incursão empírica. O primeiro lugar visitado foi o Convento de Santo Antônio (1589) na cidade de João Pessoa – PB. Durante a invasão holandesa no século XVI à construção serviu de fortim de proteção

²² Ainda está territorialmente presente nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Anápolis (GO), Lages (SC), Araruama (RJ), Uberlândia (MG), Nova Iguaçu (RJ), Colatina (ES), Guaratinguetá (SP), Marília (SP), Brazlândia (DF), Araputanga (MT), Cascavel (PR) e Dourados (MS).

²³ No restante do Brasil, as Concepcionistas Franciscanas estão em Araguari (MG), Caratinga (MG), Guaratinguetá (SP), Itu (SP), Joinville (SC), Jataí (GO), Piracicaba (SP), Piratininga (SP), Ponta Grossa (PR), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Santa Luzia (MG), Sorocaba (SP) e Uberaba (MG).

portuguesa. Logo após a expulsão holandesa, os franciscanos regressaram e deram prosseguimento na criação da Capela Dourada, da Casa de Oração, do Claustro, da Torre-sineira, da Frontaria, do Adro e do Cruzeiro. Simbolicamente, o Adro era a denominação dada à entrada das residências na cidade de Roma Antiga e que, nos conventos brasileiros assumiram uma condição simbólica de acesso e de limite entre o sagrado (Casa de Oração) e o profano (o Mundo Exterior).

Dando continuidade a pesquisa empírica ou de campo a visitação ao Convento e à Igreja de São Francisco, em Olinda – PE. Um prédio singular e histórico tombado pelo IPHAN/Nacional em 1938. O conjunto arquitetônico compreende à Igreja e o Convento de Nossa Senhora das Neves, da Capela, a Casa de Oração e o Claustro dos Terceiros Franciscanos, além do Adro e do Cruzeiro. Segundo as informações do condutor, o Convento de Olinda foi o primeiro edificado o Brasil e, portanto, o modelo de inspiração para os demais conventos fundados. Em termos históricos, o convento foi erguido em 1586, por meio da Bula *Piis Fidelium votis* do S.S Padre Xisto V. Em 1590 foi oficializado como Convento de Santo Antônio do Brasil, contudo, somente em 1657 foi elevado à categoria de Província Autônoma de Lisboa, sendo em seguida, denominada de Província Santo Antônio do Brasil.

Os templos católicos estão integrados a paisagem natural e cultural da cidade, sendo elas uma construção humana que compõem o espaço urbano. Segundo da Rocha (2014), durante o século XVII até XVIII²⁴, os franciscanos constituíram 25 missões espalhadas entre às províncias da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Paraíba. De acordo com Burity (1988, p. 25), entre os anos de 1500 a 1549, os franciscanos foram “os únicos religiosos que fincaram as bases de uma ação missionária entre os primitivos habitantes”, enquanto que os “missionários jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 e já encontraram, entre os indígenas, certo número de cristãos catequizados pelos franciscanos”.

Dando ênfase a sua dimensão política, institucional, simbólica e religiosa, pesquisadores como Röwer (2009) e Costa (2004) conseguiram comprovar a existência de 4 bases fundantes no Brasil à Província Santo Antônio do Brasil do Nordeste; à Província Imaculada Conceição do Brasil no Sudeste; o Comissariado da Província de Santo Antônio de

²⁴ Historicamente, no Brasil, o Papa Paulo III (1534 a 1549) deu início da missão católica nas terras recém-descobertas através da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas fundada por Santo Inácio de Loyola. De acordo com Oliveira (2009), a então Colônia passou a ser administrada com mãos de ferro e ocupada por uma trama social de degredados escravos, militares, aventureiros europeus, missionários e invasores. Em relação à presença da Ordem Franciscana no Brasil, o primeiro sinal foi a instalação da Custódia de Santo Antônio do Brasil, na cidade de Olinda em 1584, por solicitação do Governador de Pernambuco Jorge de Albuquerque Coelho, à frente da administração da capitania entre os anos de 1573-1576.

Portugal no Maranhão e no Pará; e o Comissariado da Província da Piedade de Portugal no Maranhão e no Pará.

Adiante, Miranda (1960) assegura que entre os anos de 1622 – 1750 aconteceu uma intensa missão franciscana nos territórios da Capitania do Maranhão e do Grão-Pará, a partir de 3 Províncias: a de Santo Antônio, de Conceição e de Piedade. Para Willeke (1978, p. 15) “por volta de 1600, dois missionários volantes de Olinda embrenharam-se nos sertões maranhenses catequizando os Tupinambás”. A espiritualidade e ação franciscana nesses séculos influenciaram a religiosidade, sobretudo a nordestino. Avançamos na direção da cidade de Marechal Deodoro – AL, na antiga capital do estado, sede do Convento de Santa Maria Madalena, anexo à Igreja da Ordem Terceira de São Francisco - OFS, atualmente cedia o Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas - MUSEAL.

No Estado de Sergipe, o município de São Cristóvão e à visita à Cidade Mãe de Sergipe, a 1ª capital do Estado fundada em 1º de janeiro de 1590 por Cristóvão de Barros. Construções repletas de simbolismo e identidade. A seguir, as imagens das incursões por João Pessoa - PB, Olinda - PE e São Cristóvão – SE ²⁵.

Figura 3 - Centro Cultural São Francisco em João Pessoa - PB



Fonte: Silva, I. (2019)

²⁵ Constitui parte da pesquisa de campo as visitas aos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe ocorreram espontaneamente entre os dias 15 a 22 de março de 2019. Reiteramos que essas imersões não fazem parte, diretamente, do objeto de investigação dessa tese. Porém permite o acesso as informações. Outra deleitosa experiência aconteceu na cidade de Canindé de São Francisco – SE. Durante o passeio fluvial de catamarã pelos cânions do Rio São Francisco. Entre os paredões a presença de uma escada amarela que leva a uma fenda e, de dentro dela, a uma imagem entronizada de São Francisco de Assis. No caminho navegável do rio, ao som da “Oração de São Francisco”, o visitante é recepcionado pela descoberta do Santo, pelo magnetismo do Velho Chico e pela grandeza da bacia hidrográfica.

Figura 4 - Convento e Igreja de São Francisco no Centro Histórico de Olinda -PE



Fonte: Silva, I. (2019)

Figura 5 - Convento e Igreja de São Francisco no Centro Histórico de São Cristóvão – SE



Fonte: Silva, I. (2019)

Esses espaços sagrados expõem a uma série de apreciações, entretanto buscam-se compreendê-los como consequência da construção humana, que conforma o espaço urbano e por conseguinte a paisagem natural e cultural, sendo eles cobertos de valores atribuídos por seus fieis, visitantes e peregrinos. São os indivíduos e os grupos humanos que seguem na designação religiosa do templo e do lugar, dando a esses significância cultural, histórica e religiosa.

Pretensiosamente acreditamos que o sertão não foi “feito às pressas”, mas de forma ardorosa e com passos lentos das boiadas. Nos braços dos vaqueiros e nos pés dos missionários religiosos. Tudo leva a crer que o nordestino encontrou o “afago” nos vocábulos

franciscanos. Afinal, nas horas de maior aflição, o Santo era o médico, o juiz, o advogado, o pai e o defensor do oprimido.

3.3 O Santo no Sertão de Canindé

Entre os séculos XVI e XVII os missionários franciscanos foram responsáveis pela fundação de 13 casas conventuais no Nordeste do Brasil. Segundo Feitosa (2008a, 2008b e 2009a) por volta de 1765, o então Manoel Lopes Cabreira, morador da Ribeira do Curú regeu uma petição ao Governador e Capitão-Mor da Capitania do Ceará Grande, o então Tenente Coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca. Na ocasião, relatou ter descoberto um terreno de criar gado no Riacho Salgado refluindo na Ribeira de Canindé. Prontamente, Manoel Lopes Cabreira assegurou estar da posse pacífica das terras desde o ano de 1753. Logo, o Governador e Capitão-Mor despachou um documento favorável à Junta e Câmara do Forte de Fortaleza aprovando a posse a Manoel.

Na mesma fonte, o memorialista faz referência aos primeiros registros das migrações humanas no território da Ribeira do Curú datado de 1682. Os primeiros sesmeiros dispuseram nas cercanias do grande vale, junto às terras próximas ao litoral. Em seguida, prosseguiram na direção do “sertão de dentro”, onde jamais nenhum outro colonizador havia estado. Por essa época, o território da Região do Vale do Curú abrangia o Baixo Curú com acesso ao Oceano Atlântico (correspondendo hoje aos municípios de Paracuru, São Gonçalo do Amarante e Paraipaba), descendo em direção ao sertão, na parte intermediária o Médio Curú (atualmente, os municípios de São Luís do Curú, Umirim, Pentecoste, Itapajé, Apuiarés, Tejuçuoca e General Sampaio) e para dentro do Baixo Curú (as atuais cidades de Canindé, Caridade, Paramoti e Itatira).

A Região dos Sertões de Canindé²⁶ era pouco habitada e pertencia civilmente à Vila de Monte-Mor-o-Novo-d 'América, hoje em dia, a cidade de Baturité. Por ocasião, a então Vila de Monte-Mor foi ocupada por Missões Jesuítas, também chamada de reduções ou aldeamentos indígenas, uma obra evangelizadora e civilizatória no modelo da sociedade cristã européia (SOUZA, 2007).

²⁶ Hoje, o território dos Sertões de Canindé compreende uma área de aproximadamente 9.099,20 km² e é composto por 6 municípios. A população total do território é 207.272 pessoas, distribuída, segundo estimativa do IGBE (2018, online), em ordem decrescente, por Canindé (78.049 hab.), Boa Viagem (54.440 hab.), Caridade (22.427 hab.), Itatira (20.786 hab.), Madalena (19.906 hab.) e Paramoti (11.664 hab.). Sua população está organizada em comunidades rurais, sobreviventes do comércio e serviços.

Consoante, Willeke (1973) relata que a missão catequética dos frades franciscanos nos Sertões de Canindé seguiu o movimento da exploração econômica do cultivo do café na Serra de Baturité. Pesquisadores como Farias (2010) e Girão (2000) explanam sobre o processo de colonização da Capitania do Ceará como um movimento tardio, confrontado pelas intempéries climáticas, afrontado pelas fortes correntes marítimas e pela resistência silvícola que bloqueava o acesso ao território. Segundo Girão (2004) e Souza (2004) os Sertões de Canindé e o Maciço de Baturité eram regiões habitadas por etnias dos índios Potyguara, Jenipapo, Kanindé e Choró e que, a partir do século XVII, receberam à “visita” de diferentes expedições militares e religiosas.

Com o banimento dos holandeses no Nordeste, a Coroa Portuguesa incidiu com o processo mais efetivo de ocupação das terras cearenses a partir da pecuária de corte. De acordo com Barroso (1962) e Menezes (1901), no século XVII, o gado do Ceará era derivado de Pernambuco e Rio Grande do Norte. As oficinas de charques se estabeleceram nas margens do Rio Jaguaribe. Induziram o desenvolvimento das vilas de Aracati, Russas e Icó. Além de outras cidades como Quixeramobim, Sobral, Granja, Camocim e Acaraú. Eram as rotas das boiadas circunscritas entre a Ribeira do Jaguaribe, entre a estrada de Quixeramobim, Boa Viagem, Sobral, Camocim, Acaraú em direção ao Piauí.

Conforme Leal (1981), desde 1743 já havia a ação dos sacerdotes no Ceará, com uma prática “pastoral itinerante; padres saíam pelo interior, fazendo a páscoa do povo, evangelizando, celebrando, confessando e batizando” (p.33). Em 1758, a Missão de Nossa Senhora da Palma é elevada à condição de Vila e os registros dão conta da atuação dos frades franciscanos na região. Eram os ministros da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

Em Canindé, a primeira capela é edificada em 1796. O precário templo é erguido sob as bênçãos de Antônio Alves Bezerra, o primeiro donatário das terras de Canindé e o sargento-mor português, Francisco Xavier de Medeiros, o idealizador do projeto. Não tardaria para que a edificação padecesse com as paralisações entre os anos de 1775 a 1796 (FEITOSA, 2011 e 2013).

De acordo com Leal (1981) e Pinto (2003) os transtornos da obra eram referentes a ausência dos recursos financeiros e da carência de técnica. As problemáticas estruturas foram responsáveis pela sentença da demolição e a construção do Novo Santuário no século XX. Conforme Chaves (2016, p.34) os templos apresentavam uma “arquitetura singela com características pastoris. Essas construções evidenciavam os traços sertanejos do período colonial. As pedras representavam a simplicidade, pois não havia outros materiais”. Somamos

tudo isso as lastimáveis secas de 1777-1778 e 1790-1793 que dizimaram boa parte do rebanho dos sertões cearenses.

Na Região de Canindé, há o registro factual de um sepultamento do então Sr. Simão Barbosa Cordeiro, fazendeiro da Fazenda São Pedro e que foi enterrado com a mortalha em honra de São Francisco. Amortalhar os falecidos era um costume de devoção e piedade. Os missionários franciscanos perambulavam com o auxílio das esmolas, assistências religiosas, desobrigas e o uso do altar portátil. Numa catequização convivida com narrativas, ladainhas e jaculatórias. O sertão pobre era admitido por missões que cometiam a “assistência espiritual à leprosários, à formação catequética religiosa e sacerdotal, as capelarias militares, paróquias, áreas pastorais e escolas” (SOARES, 2001, p.4).

O uso do altar portátil conferia uma espécie de autonomia especial dada ao sacerdote para ir ao encontro das comunidades longínquas, freguesias ou fazendas que não estavam assegurados com a cobertura de uma paróquia ou vigário permanente. Segundo dos Santos (2017) era preciso encontrar pessoas que estivessem dispostos a custear com às despesas das celebrações, hospedagens e alimentações dos missionários. À prerrogativa do altar portátil era outorgada pela Santa Sé em forma de autorização especial.

Notadamente, o uso do altar portátil admitia a condição da “cultura do entre amigos”, assegurando privilégios e poderes àqueles que já detinham. Em Canindé, à prática ocorria na Fazenda Campos, na residência de Antônio dos Santos Lessa. Para Hoonaert (1989), os missionários franciscanos atuavam sob o “convite do Capitão da Vila, seja Capelão ou Vigário, ou mesmo por algum rico fazendeiro” (p.53). Portanto, havia um entendimento comum de que “quem convida o missionário tem a obrigação de pagar à viagem e a comida, normalmente carne seca e farinha, para toda a comitiva” (ibid.).

Segundo os historiadores, as missões religiosas ocorriam com pelo menos dois frades sacerdotes e um irmão leigo. Cavalgavam cortejando o leito dos rios a procura das comunidades. No século XVIII estradas cearenses eram:

Poucas estradas: estrada velha de pero coelho, a estrada de taquara, a estrada Camocim-Ibiapaba, a estrada geral do Jaguaribe, a estrada nova das boiadas, a estrada de caiçara, a estrada de Crato-Piancó (PB) e finalmente a Crato-Oeiras (PI). Sobretudo as duas últimas foram trilhadas pelos carunchinhos que percorriam os seguintes itinerários desde Recife: São Miguel de Taipu (PB), São José de Mepibu (RN), Piancó (PB), Miranda (CE). Em torno de Miranda havia outras missões: Barbalha, Missão velha, Missão Nova (HOONAERT, 1989, p. 53).

Entre os anos de 1621 a 1680, o Ceará permaneceu sob o domínio da Capitania do Maranhão e, em seguida, foi incorporado à Capitania de Pernambuco, permanecendo por 145

anos. Em 1799, o Ceará adquiriu independência em relação a Pernambuco. Willeke (1973) narra sobre o episódio do Visitador Sales Gurjão na cidade de Canindé. Foi o protagonista para a suspensão do uso do altar portátil solenizado na região.

O culto a São Francisco de Assis foi transmitido pelos frades franciscanos peregrinantes com registros nas cidades de Quixeramobim (1734) e Canindé (1758). Na leitura interpretativa entre a natureza transcendente da religião e sua materialidade Karnal e Fernandes (2017, p. 15) asseguram que:

A materialidade da imagem tem muitas funções ao fiel. À primeira é servir de lugar da memória, um corpo concreto t contou algo do santo, seja sua memória, seja a imagem em si, uma relíquia. [...] a segunda função é dar concretude ao local onde se deve agradecer pelo que foi conseguido

Antes da construção do templo em Canindé, as narrativas orais davam conta do fencimento de dois dos três irmãos donos das terras da Ribeira da Canindé. O terceiro ficou seriamente acamado e fez a doação de uma légua de terras para a construção do templo. No Brasil Colônia, uma légua era equivalente a 6,6 km de extensão. Além do terreno era imprescindível o avalista para o financiamento da obra.

Em 1786, o Capitão Antônio Alves Bezerra, proprietário da Fazenda Santa Rosa, apresentou Francisco Xavier de Medeiros como o avalista da construção. A função do avalista era imprescindível para o financiamento. Caso o crédito não fosse amortizado, o avalista era acionado judicialmente, tendo que, por sua vez, honrar os débitos, encargos tributários e liquidações pendentes. De forma lógica e racional, os altos impostos praticados, desde o Brasil Colônia, eram violentos e sérios impeditivos para o desenvolvimento das vilas brasileiras.

O imposto era acompanhado com a Lei Penal de aplicação de multas, sanções legais e até a revogação do direito à liberdade do avalista. Outra penalidade praticada era a cassação do alvará de portas abertas, ou seja, o impedimento do funcionamento dos empreendimentos. Nesse período brotou o termo sonegação e “se cunhou a mentalidade de que o sonegador era um ladrão das coisas e que por lei (ou seja, por direito) pertencia ao Governo” (FEITOSA, 2012b, p. 24).

Em 1796, os moradores de Canindé registraram um pedido formal, uma espécie de carta, ao Senado da Câmara de Fortaleza rogando à Rainha D. Maria I a construção do templo religioso. A carta destinada à Coroa Portuguesa elencou às a ausência da assistência religiosa, as condições precárias das estradas e as viagens cansativas e longas. Durante a

autorização da construção do templo, nos primeiros metros de parede, os prodígios foram atribuídos a salvaguarda de dois operários. A mensagem dos milagres avançou pelos Sertões de Canindé até aos “ouvidos” da Diocese de Olinda – Recife (FEITOSA, 2012a e 2012b).

Por relatos de Vieira (1997, p. 22) o “capitão Jerônimo Machado faz a doação da imagem grande de São Francisco, tendo custado 80 contos de réis e medindo 1 metro e 50 de altura”. O local tem sido sagrado desde então. Narrativas místicas e míticas dão conta do fenecimento dos dois irmãos resistentes à doação das terras; da recuperação imediata da saúde do terceiro irmão-doador; da salvaguarda do operário que despencou da torre da Igreja e da recuperação imediata do segundo operário que teve a coxa perfurada pela tesou.

Segundo Harvey (2004) o mito é uma linguagem fundamentalmente simbólica gerada na cultura de uma coletividade e que não obedece à veracidade da lógica. Para Junior Alves (2003) o mito é resistente ao tempo, porém não é imutável. Da mesma forma, Junior Albuquerque (2013) considera que a humanidade é vivente da sombra da síndrome do resgate, por isso que o mito é tão requisitado.

Feitosa (s/a, 2002b, 2011, 2012b, 2013) e Willeke (1973) dão popularidade a Francisco Xavier de Medeiros como o mentor da construção do templo. Com relação a sua morte existem incongruências quanto à localização do cadáver. Uns defendem que os restos mortais estejam enterrado na “Cruz da Alminha”. Local coberto pelas águas da Usina Hidrelétrica de Sobradinho. Enquanto outros crêem que esteja sepultado na “região de Uruburetama, [...] na Capela de Santa Cruz, na época Paróquia de Fortaleza” (FEITOSA, 2012b, p. 34).

Em 30 de outubro de 1817 a data oficial do pedido de ofício, dando à cidade de Canindé a condição de distrito com o nome de São Francisco das Chagas de Canindé. Nessa época, o então Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, Dom João VI expediu da cidade do Rio de Janeiro o alvará instituindo a Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé, sendo esse ato confirmado pelo 15º Bispo da Diocese de Olinda – Recife, Dom Frei Antônio de São José Bastos. E em 11 de outubro de 1817 ocorre a elevação da condição de Matriz de São Francisco das Chagas (GIRÃO, 1962, 1985 e 2000 e FRAGOSO, 2005).

Segundo Willeke (1973) em 1802, Padre José Vieira de Castro advogava em favor do templo primitivo descrevendo “como uma das melhores do sertão” (p.153). Com relação aos limites territoriais de Canindé, Pinto (2003) assegura que as delimitações territoriais e políticas foram desmembradas parte do litoral (Fortaleza) e outra parte do sertão (Quixeramobim). Contrariamente, há historiadores que defendam que a divisão Canindé tenha sido retirada totalmente da cidade de Quixeramobim. E uma terceira frente, aqui inclui Simão

(1996) profere que a cidade Canindé é fruto de uma repartição unilateral e completa da capital cearense.

Em 1853 é assinado o decreto imperial que institui a Diocese do Ceará, apesar disso, somente um ano depois, o Papa Pio IX despachou a *Bula Pro Aanimarum Salute* com a “palavra peremptória” oferecendo à Fortaleza a sede episcopal. Por esse ato, a Diocese do Ceará foi desmembrada da Diocese de Olinda - Recife da qual era tão-somente uma Vigararia Forânea. Depois de sete anos a Bula Papal foi oficializada e em 1860 toma posse o 1º Bispo foi Dom Luís Antônio dos Santos (1860 - 1881), sendo precedido por outros dois bispos, a saber Dom Joaquim José Vieira (1884 - 1912) e Dom Manoel da Silva Gomes (1912 - 1915) e, posteriormente, por Arcebispos (CAVALCANTE, 2015; DOM LUSTOSA, 1961).

No final do século XIX, em 22 de setembro de 1898 chegam os missionários da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - OFM.cap, da Casa de Missão do Maranhão. Na ocasião, o Bispado do Ceará deu a prerrogativa aos Frades Capuchinhos à administração da Matriz de São Francisco (todos os bens móveis e imóveis), a prática dos cultos e sacramentos e, especialmente, o acesso às esmolas dos romeiros e paroquianos, ou seja, tudo àquilo constituísse o Patrimônio de São Francisco. Segundo Feitosa (s/a, p.4) os frades chegaram de “trem até Itaúna (hoje Itapiúna) e a cavalo dali à Canindé; acompanhados por seleta comitiva da sociedade local”.

Na festividade de 1910 deram início os trabalhos de restauração do templo. A titularidade da Matriz de São Francisco é modificada para à Igreja de Nossa Senhora das Dores. E o Novo Santuário de São Francisco é aprontado em 1915. Juntamente com o templo, o 1º número do Jornal o Santuário, hoje em dia, restabelecida como a Revista O Santuário. A nova edição da revista data da comemoração do centenário do Novo Santuário em 2015.

Em 1917, o Bispo Dom Manuel da Silva Gomes sagrou o templo com rito solene e com a indulgência dada aos Romeiros de São Francisco. Em dezembro de 1921, às notícias da remoção da comunidade franciscana da cidade. A informação progredira devido à transferência da Missão dos Frades Capuchinhos para o Estado do Maranhão, uma decisão acordada entre a Ordem Religiosa e a Santa Sé. Em 1922, os Frades Capuchinhos Lombardos assumiram a Prelazia no Maranhão. Na vacância, chegam os Menores da Província de Santo Antônio do Brasil constantes até hoje (WILLEKE, 1973; PINTO, 2003 e VIEIRA, 1997).

Segundo Frago (2005), no ano 1923, a Arquidiocese de Fortaleza firma o novo contrato paroquial com à Província de Santo Antônio do Brasil. Na mesma época, em 30 de novembro de 1925, à Igreja de São Francisco das Chagas de Canindé é elevada à dignidade de Basílica Menor pelo Papa Pio XI em favor dos romeiros, mantendo as dádivas a todos àqueles

que visitarem àquela Igreja e que, de alguma forma, ao entrarem no Templo, orem em intenção do Sumo Pontífice (SANNIG, 2013).

Nem mesmo a pobreza escapa das críticas. Botas (1975) ferozmente admoesta sobre a Teologia da Miséria ou a Miséria da Teologia cujas ordens jamais cobiçavam a libertação do povo. Para o autor, as ordens mendicantes ou as congregações ambulantes sempre foram consideradas menos contestadoras e as que mais empregavam a linguagem do povo. Esses pregadores itinerantes eram renunciadores dos bens pessoais, sobrepujados a viver da providência humana-divina (de doações voluntárias, esmolas e trabalhos manuais). O autor de outrora defende que às ordens mendicantes descobriram um catolicismo popular-autônomo e se apropriaria de uma “lacuna catequética oficial”, admitida pela ausência territorial do catolicismo romanizado.

Os religiosos franciscanos pertencentes à Província de Santo Antônio do Brasil realizam o trabalho social e administrativo, com suas responsabilidades a frente da Associação Hospitalar São Francisco de Canindé (1967); do Hospital Regional de Canindé e da Maternidade Hospitalar; do Convento Santo Antônio (1898); do Museu Regional São Francisco (1973); dos Abrigos São Francisco (1953) e Santo Antônio (1971).

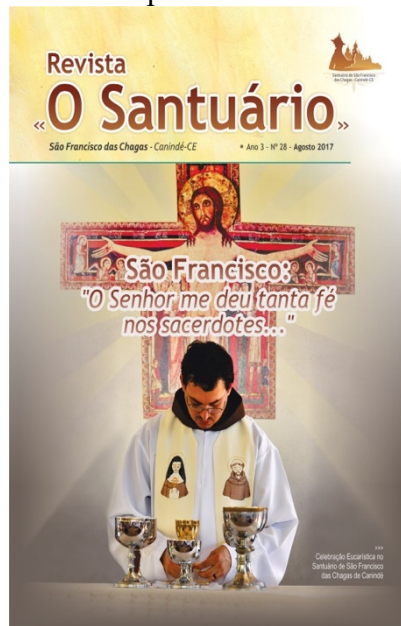
A frente dos trabalhos pastorais; evangelização e liturgia da Paróquia de São Francisco das Chagas. A Casa dos Milagres, o Complexo Confessional Frei Damião; a Livraria São Francisco, a Sede da Campanha dos Benfeitores, a Assessoria de Romarias e Acolhimento ao Romeiro; a Mitra Arquidiocesana de Fortaleza, a Casa das Velas e a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Opera, ainda, a Revista; Champanha dos Benfeitores; as Rádio São Francisco (AM 1.240k Hz) e Rádio FM Santa Clara (106.3 Mhz); a Pastoral de Comunicação - PASCOM; o Núcleo de Televisão do Santuário - NTS e a Celebração Eucarística da Basílica transmitida pela Rede Vida de Televisão na 1ª sexta-feira de cada mês, *Web Site* Santuário de Canindé.

A Revista do Santuário computa a tiragem de 22.000 exemplares por mês, a distribuição é gratuita, dirigida e com o carnê para doações espontâneas. Sendo compartimentada em Editorial, Mensagem do Reitor, Testemunhos & Graças com a galeria das fotos dos “Romeiros de São Francisco”, além do Espaço da Criança e a Agenda Celebrativa. Dentro dessa perspectiva é válido ressaltar que o processo de metropolização, turistificação e midiaticização do Santuário de Canindé.

A seguir as imagens:

Figura 6 – Demonstração da Capa da Revista O Santuário Ano n. 3



Fonte: PASCOM, Santuário Canindé, 2018.

Figura 7 - Layout do Aplicativo Santuário Canindé



Fonte: PASCOM, Santuário Canindé, 2018.

Em relação ao Complexo da Praça dos Romeiros ou da Praça de Assis, à disposição do peregrino e do visitante um anfiteatro com capacidade para 110 mil pessoas sentadas, banheiros e bebedouros. O templo de Canindé é uma construção humana carregada de valores e interesses pessoais e coletivos. As caravanas e as comunidades que nos antecederam instituíam em Canindé o sentimento de pertença. Chegaram devido as histórias miraculosas de um Santo. As transformações ocorridas ao longo do tempo valorizaram mais o efêmero e o instantâneo da festividade em espaços-tempos de itinerância.

3.4 A religiosidade-turística e a arena dos interesses

Segundo Fernandes (1982) o sacrificial é algo apaziguador da violência cotidiana e o elemento complementar do santuário. Nesse seguimento, Sanchis (1983) pondera sobre a romaria como sendo a face humana coloreada de entretons sociais, culturais, religiosos, políticos, institucionais e econômicos, algumas das vezes com gradações não tão perceptíveis. Para Oliveira (2011) o Turismo Religioso defronta os aspectos ditos “profanos” do universo turístico como o lazer, prazer e entretenimento. Como se aliviasse as obrigações espirituais ou “sacrifícios”. De acordo com Ribeiro e Resende (2010, p.4) a “imperfeição humana reside, precisamente, no fato da sua existência ser sempre e cada vez uma possibilidade de ser, que poderá ou não ser realizada. A sua imperfeição reside, portanto, na sua contingência”.

Há divergência apresentado nos textos de Victor e Edith Turner (1974) e Coleman e Eade (2004). Para os primeiros autores o espaço da peregrinação é a distinção natural do lugar sagrado que é o destino de todos os peregrinos. Para a segunda dupla o valor do sagrado estaria também no movimento da peregrinação, nas formas, nos agrupamentos, nas imagens e nas metáforas edificadoras dos lugares móveis por excelência.

E assim começamos a apresentar um julgamento, segundo as informações do Ministério do Turismo – Mtur, por meio do Programa da Regionalização do Turismo e dos Interlocutores Estaduais - PRT, o município de Canindé é certificado conforme Portaria nº 197, de 14 de setembro de 2017, à condição de Município do Mapa do Turismo Brasileiro com a ascensão da posição “D” para “B”, de acordo com o desempenho de suas economias. Por esta razão entendemos ser mais sensato acompanhar o aquecimento sazonal da atividade comercial diante da movimentação das romarias e peregrinações. Ressaltamos, ainda, para a necessidade de maiores investimentos em infraestrutura básica, infraestrutura de acesso, infraestrutura turística, promoção turística, captação de eventos e capacitação profissional.

Vale lembrar alguns episódios atuais relevantes. Em 2017 presenciamos as interlocuções entre Paróquia de Canindé, Representantes do Executivo e o Legislativo Municipal e Estadual para o estudo de viabilidade econômica do teleférico de Canindé. Em 2018, a implantação da 1ª fase do Projeto de Revitalização do Corredor do Centro Religioso que compreende a recuperação paisagística e arquitetônica dos acessos à Basílica de São Francisco das Chagas, a Praça do Romeiro e ao Convento de Santo Antônio.

A Revitalização do Corredor do Centro Religioso de Canindé, a priori, não passou de pavimentação. O teleférico um projeto insustentável e fantasioso. Além do mais, grifamos aqui os sinais de abandono e da alteração de finalidade do Projeto Caminhos de Assis.

Inicialmente, uma obra do Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria do Turismo SETUR/CE, que mantinha no projeto original a proposta de construção de 14 estações de apoio aoromeiro. No final somente 5 unidades foram elevadas. Fazia parte do projeto a destinação dos espaços, no período de ociosidade das romarias, para os eventos da agricultura familiar, lazer e cultura.

Esse panorama de incentivo ao Turismo Religioso não poderia passar despercebido com a Estátua de São Francisco inaugurada em 2005, ainda hoje, espera a finalização do seu entorno. Entre a tônica da fiscalização à experiência assertiva da implantação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Canindé - COMDETUR²⁷.

A metodologia utilizada nesta pesquisa também recorre aos artigos, parágrafos, incisos e alíneas das legislações municipais. Para dar condição de circulação aos pedestres criou-se a Lei Municipal de nº 1.486/96, de 06 de novembro de 1996, que define Área sob Responsabilidade do Santuário toda o campo defronte da Basílica, correspondendo à frente do cruzeiro e o lado esquerdo da praça. Por sua vez, compete ao Santuário de Canindé o disciplinamento, utilização segura, livre circulação e a realização dos eventos religiosos nesse perímetro.

Diante o exposto acima é fundamental indagarmos sobre as tensões²⁸ inerentes ao lugar. Dentre os quais mencionamos o congestionamento, a falta d'água, a ocupação irregular dos espaços públicos, mobilidade urbana, preços abusivos praticados na festividade, “flanelinhas” atuando de forma coercitiva para convencer o pagamento antecipado ou não-voluntário, entre tantos outros transtornos.

A observação do campo age como uma importante fonte de coleta de dados. E é uma tentativa de dar significado ao mundo que nos cerca. Entre 2017 e 2018 presenciamos o planejamento e a elaboração do plano de atividade da festa de São Francisco. No corpo do

²⁷ Evento presenciado no Auditório da Secretaria Municipal de Educação de Canindé, no dia 20 de fevereiro de 2018. Na ocasião tomaram posse os membros do COMDETUR levando a integração da sociedade civil organizada com o poder público, em conformidade com a Lei nº 2.366, de 01 de setembro de 2017. O conselho é o primeiro passo para pensar no desenvolvimento integrado das ações que visam consolidar a atividade turística no município

²⁸ Em relação as tensões, no Natal de 2012 um grande incêndio destruiu 179 barracas na Praça Tomaz Barbosa, no centro da cidade de Canindé. Ainda, em 2012, a Assessora Jurídica da Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé ingressou na Promotoria de Justiça do Estado do Ceará - PJECE, uma Ação Civil Pública - ACP para a desocupação das calçadas defronte o Abrigo São Francisco e Santo Antônio. Na ação foi pedido que as barracas descessem a calçada em direção a via pública, usando somente 1 metro de profundidade. No total da ação, 45 bancas tiveram que readequar as novas normas. A portaria de nº 11/2016, do Juiz de Direito Titular, da 1ª Vara da Comarca de Canindé, aprontaria a desocupação dos espaços públicos como forma de consentir a livre locomoção dos transeuntes e do trânsito mais seguro dos veículos nas áreas centrais da cidade. Na audiência sobre a Rua Romeu Martins, o Santuário de Canindé-CE participou tão-somente para manifestar o “que afetava” e “não afetava” os espaços religiosos.

trabalho, a delimitação das áreas estratégicas, a exemplo a) *da Logística, Segurança, Acolhimento e Serviços Públicos* com a demarcação temporária das ruas e calçadas; atuação dos fiscais municipais; operação tapa-buraco; reposição da iluminação pública; recolhimento de lixo; adequação das escolas municipais e estaduais para os alojamentos dos peregrinos; b) *Segurança Pública, Cidadania e Trânsito* com as intervenções no plano de segurança municipal, plano de controle de tráfego²⁹ das procissões, plano de serviço de acolhida das romarias a pé e o plano de abordagem social junto aos mendicantes e moradores de rua.

Em continuidade, ratificamos às questões da hospitalidade no sentido literal da palavra circunscrita à prestação de um serviço, ao acolhimento, valor agregado ou benefício previsto. A densidade desses aspectos reúne os discursos da “hospitalidade bíblica” dos voluntários com o abrigo e a informação. A “hospitalidade turística” com o bom acolhimento dos equipamentos e serviços turísticos e, por fim, a “hospitalidade comercial” com a compreensão dupla da qualidade e preço justo.

Por meio da composição da tese, a pausa na reflexão teórica e a impulsão para a reflexão empírica. A seguir as imagens dos encontros preparativos das festividades:

Figura 8 - Reunião de Preparação do Plano de Atividades da Festa de São Francisco das Chagas



Fonte: Silva, I. (2017). Encontro ocorrido em 18 de setembro de 2017 no Centro de Catequese São Francisco.

²⁹ Nas rodovias as operações e fiscalizações a cargo do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte - DNIT; da Polícia Rodoviária Federal - PRF/CE; da Agência Nacional de Transportes Terrestres - ANTT/CE; do Batalhão de Polícia Rodoviária Estadual - BPRE/CE. Na área da saúde, à disposição o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará – CBMCE, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, as Unidades de Pronto Atendimento – UPA; o Centro de Saúde Chico Campos; o Posto de Atendimento Temporário no Abrigo São Francisco, Santo Antônio e na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes; além do Grupo de Socorro de Urgência - GSU.

Figura 9 - Encontro de Capacitação dos Voluntários da Festa de São Francisco



Fonte: Silva, I. (2016). Encontro ocorrido em 17 de setembro de 2016 no Espaço Cultural Frei Venâncio Willeke.

Nesses encontros, além da logística e operacionalidade dos serviços públicos, as reflexões sobre as dimensões do plano de atividade da festa de São Francisco, a citar: a) a *dimensão simbólica* referente a religiosidade, a mística franciscana e o mítico do lugar sagrado; b) a *dimensão cidadã* com defesa do direito ao serviço público gratuito, integral e com qualidade; c) a *dimensão econômica* com a geração de emprego e renda. Em termos quantitativos, por festa, são aproximadamente 60 frades e padres diocesanos, 22 procissões e mais 100 missas durante toda a comemoração. Além disso, contemplamos a atuação do voluntariado e os múltiplos motivos que levam a praticar esse bem, tanto na dimensão do religioso, quanto do político ou social.

Figura 10- Atuação dos Informantes Turísticos no Santuário de Canindé



Fonte: Silva, I. (2017)

Segundo Carneiro (2004) tanto a peregrinação quanto o turismo podem ser compreendidos como estruturas cobertas de práticas admissíveis de transformações. A essencial diferença entre os dois está na externalidade humana e no alcance da imersão daqueles que participam. Reiteramos que a fusão entre o turismo e a peregrinação é a religiosidade-turística.

Conforme Grinover (2007) somos todos viajantes, excursionistas, turistas, estrangeiros, peregrinos ou um pouco de cada um. Que cruza os espaços do “mundo”, as percepções, as situações e os comportamentos. Notadamente, a hospitalidade é uma “qualidade social antes de ser uma qualidade individual: é um fenômeno que implica uma organização, um ordenamento dos lugares coletivos e, portanto, das regras de uso desses lugares (p. 125)”.

Nas palavras de Bonnemaïson (2002) o turismo, nada mais é que, o consumo estereotipado dos lugares, mantidos por uma produção social de necessidades-dispensáveis, com forte tradição da sociedade pós-industrial. Atenta Issa (2002) manifesta dizendo que o turismo resulta da soma das inter-relações dos bens naturais e culturais, com serviços de atendimento emissor e receptor. Complementando, Dias (2008) descreve que o turismo é, antes de qualquer coisa, um fenômeno social. Em Oliveira (2000 e 2003) a religiosidade-turística dos santuários não somente é mística, mas também contemporânea e turística.

Constatamos que a força de atração deste Santuário é adesão voluntária do peregrino com o lugar. Maccabe (2014, p.35) narra que “antigamente era relativamente fácil diferenciar os espaços turísticos dos espaços não-turísticos e, portanto, relativamente fácil determinar quem era um turista entre uma variedade de outras categorias³⁰”, hoje, isso não mais advém. Para Lorimer (2011, p.23) isso acontece porque geramos “intimidades do encontro em vez de focar no significado exterior simbólico ou socializado dos atos de caminhar³¹”.

Por fim, perscrutamos os discursos vitimados e os dizeres como “sempre foi assim”; “não preciso me preocupar com o meu negócio, o romeiro sempre volta” e “sofrer faz parte da promessa”. O universo simbólico religioso constitui uma importante herança cultural. Na sociedade contemporânea, o modo de ser religioso está saindo da esfera acastelada da instituição religiosa e da tradição, e se deslocando para a mídia e para as instâncias organizadoras das relações.

³⁰ formerly it was relatively easy to differentiate tourist spaces from non-tourist spaces, and therefore relatively easy to determine who was a tourist amongst a range of other categories of persons. (tradução nossa)

³¹ intimacies of encounter – rather than focusing on the outer (symbolic or socialised) meaning of walking acts. (tradução nossa)

4. SÃO FRANCISCO DAS "RODAS-VOTIVAS" DE CANINDÉ

À presente tese lança um olhar sobre as riquezas dos elementos no fazer geográfico, especialmente, quanto àqueles consentidos pela Geografia Cultural, uma vez que, o exercício que propomos é para o sentido de descortinarmos as formas geográficas não tão usuais; maravilhamos pelas múltiplas percepções de mundo; perdermos nas pequenas coisas do lugar-comum.

Desse ponto em diante, interrogamos em nossas veleidades à realidade essencial de mundo como uma experiência humana básica e necessária. Logo, descobrimos que às motivações acadêmicas nos arrastaram para além das formas concretas dos lugares-sagrados. E a pergunta que não quer calar: quais são as atribuições e os sentidos do olhar geográfico para a compreensão dos roteiros devocionais relacionados com a dimensão da festividade e com o deslocamento humano?

Eric Dardel narra que os caminhos das práticas geográficas estabelecem a partir da relação sujeito e mundo. De maneira idêntica, Meneses (2004, p.31) assegura que “àquilo que é importante para o indivíduo é algo que é digno de memória e de co-memorar”. Buscaremos manter o distanciamento da supervalorização do lugar-sagrado enquanto lugar-fixo para considera-lo como lugar da dispersão da modernidade.

Existem novas formas de chegar ao Santuário de Canindé. Essas formas estão associadas a uma racionalidade técnica das agências de turismo, do modelo de fretamento rodoviário e dos agentes do Estado. E que de certa forma não é um campo destrutivo do sagrado tradicional. A racionalidade técnica é um agente híbrido e pós-moderno de contemplação daquilo que é extraordinário em torno do sagrado.

Reconhecidamente, os meios de transportes e comunicações influenciaram o volume de passageiros, a velocidade da viagem, a interligação dos destinos e o encurtamento das distâncias. As rodas-votivas é o termo designado as motorizações das caravanas de São Francisco das Chagas de Canindé. Pelas rodas-votivas podemos contemplar a alteração da forma de condução, do tempo de deslocamento, da permanência (estadia), da experiência e do consumo.

Em campo, apreciamos a transmissibilidade da tradição, as viagens em busca de conforto espiritual, uma manifestação popular, a concomitância da peregrinação católica e da formação de famílias pluriconfessionais, a competição entre o lazer e a peregrinação. Considerando essas indicações admiramos o trânsito dos agentes reguladores e a

transitoriedade dos agentes estimuladores, por fim, o Santuário de Canindé está de fronteiras abertas.

Aqui, pusemos as reflexões sobre o sagrado e a pós-modernidade. Compreendemos por religiosidade a capacidade de percepção de uma dimensão sacra do mundo. Muitas das caravanas religiosas que se dirigem para o Santuário de Canindé instituíram um âmbito institucional, devocional e/ou normativo, com manuais e regimentos internos. Outras adotaram uma série de experiências (místicas-religiosas, estéticas e hipermodernas) como a introdução de medalhas, condecorações e patrocínios; a adesão ao fretamento turístico contratual e a adoção de medidas de segurança.

Os vestígios do sagrado na pós-Modernidade nos arrastam para a moto romaria, ciclo romaria, fretamento turístico e eventual, caminhadas com apoio de veículos motorizados, cavalgadas e até ultramaratona 100k. Nessa nova racionalidade técnica calhamos com as influências das memórias eletrônicas e as redes sociais. “Respingados” pela pós-modernidade prossigamos na direção da geografia dos espaços simbólicos.

4.1. Dos sistemas de transportes à “geografia dos espaços simbólicos”

Segundo Andrade (1994) os transportes são atividades moderadoras e imprescindíveis da humanidade. Nas palavras de Wolkowitsch (1973) a evolução dos transportes permitiu a máxima integração internacional e o desenvolvimento dinâmico mundial. A despeito dos transportes, Vasconcellos (1996) descreve sobre as maleficências dos transportes como as poluições sonora e ambiental, as inacessibilidades econômicas e motoras, as repartições irregulares de cobertura, os elevados índices dos acidentes, engarrafamentos e invasões dos espaços ambientais.

Nesse viés, à Geografia dos Transportes analisa os sistemas de movimento do território, ou seja, o conjunto de sistemas de engenharia e de fluxos materiais ou imateriais que respondem pela conexão dos lugares. Segundo Tomasini (2012, p. 11) o transporte é um “instrumento de indução e de revalorização das ocupações urbanas, além de ser um meio de circulação de mercadorias e pessoas”. De acordo com Swinglehurst (2002, p. 103) “as viagens da nossa civilização têm de novo volume, rapidez dos deslocamentos humanos e conteúdo de prazer”. Durante uma peregrinação é possível reter àquilo que jamais se arrazoou.

O autor de outrora declara que a mobilidade “provoca choques de deslocamento, que são amortecidos pela recriação dos ambientes familiares nos meios de transportes e nas instalações de acomodação, mas que nem por isso deixa de ter um impacto” (ibd.). Para

Serrano (2000, p. 38) “as viagens reais e as imaginadas envolvem, em suas jornadas, a superação ou a negação de limites psicológicos e a travessia de fronteiras políticas, a construção e a reconstrução de territórios existenciais”.

Sabedores que as viagens abarcam múltiplas experiências, sentidos e finalidades. O quadro teórico-conceitual está diretamente relacionado com a pesquisa e, portanto, com o desafio de compreender a geografia dos espaços simbólicos. Na contextualização do objeto de investigação, adentramos no imaginário individual e coletivo como uma experiência consciente e inconsciente.

Segundo Durand (2002) o imaginário é mote para construção de inúmeros outros imaginários coletivos. Na mesma direção, Bachelard (1974 e 1996) dar vazão aos reservatórios da experiência humana como pauta da imaginação e memória. Em sua obra, a *imaginação criadora* é abarrotada de experiências mediadas pelo sentido, pela intimidade simbólica, pela orientação e pela tendência das imagens primitivas, àquelas mesmas imagens aprisionadas em arquétipos. A palavra arquétipo procede do grego *arché* (começo) e *typo* (modelo) e significa modelo ideal.

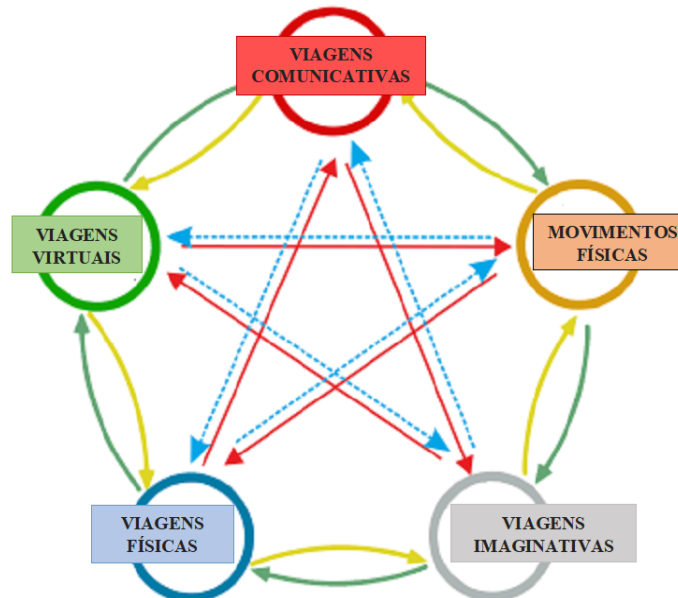
Em tempos pós-modernidade conjecturamos sobre os riscos da saturação do mito devido à máxima celeridade das coisas e a porosidade das instituições. Fundamentalmente, Maffesoli (1987 e 2001) exhibe o *vínculo religioso* não mais como àquela ligadura concentrada nas instituições e nos lugares. Para ele o divino está alocado em todo o lugar. Um divino é sustentado por novas formas de tribalismos permanecidos através das *redes existenciais organizadoras da cultura*. Por fim, Weber (1994) discorre sobre às religiões como sendo àquelas que rebatem os problemas do sofrimento e do destino humano.

Declinemos um pouco mais para as mobilidades humanas. E a concepção de que os indivíduos estão no cerne de todo e qualquer movimento que envolva o ir e vir e parte da percepção de que as cidades são constituídas por pessoas e, por isso, precisam ser feitas para as pessoas. Isso independe do ambiente no qual estão implantadas ou da forma como se deslocam. Para Vasconcellos (2012, p.74) “andar a pé é o ato mais humano de deslocamento”. Ao longo dos anos, compreendemos a coexistência tumultuosa entre os antigos modais de transporte e os mais modernos que transitam nas vias urbanas brasileiras.

A partir dessa consideração, tudo o que intervém na locomoção humana (modais, vias, sinalizações, leis, acessibilidade, entre outros.) deve ser conjecturado com o escopo de oferecer, progressivamente, uma mobilidade mais inteligente e segura, que preze pelo bem-estar e a qualidade de vida. Notamos as conveniências e as dificuldades enfrentadas designadamente por motoqueiros, pedestres, ciclistas, motoristas e usuários de transportes são

alguns dos assuntos abordados nessa esfera. Segundo Larsen (2006) o caminho para uma mobilidade passa necessariamente por cinco áreas distintas e interdependentes: as *viagens físicas*, *movimentos físicos*, *viagens imaginativas*, *viagens virtuais* e *viagens comunicativas*.

Figura 11 – A conexão e a interdependência entre as cinco mobilidades humanas



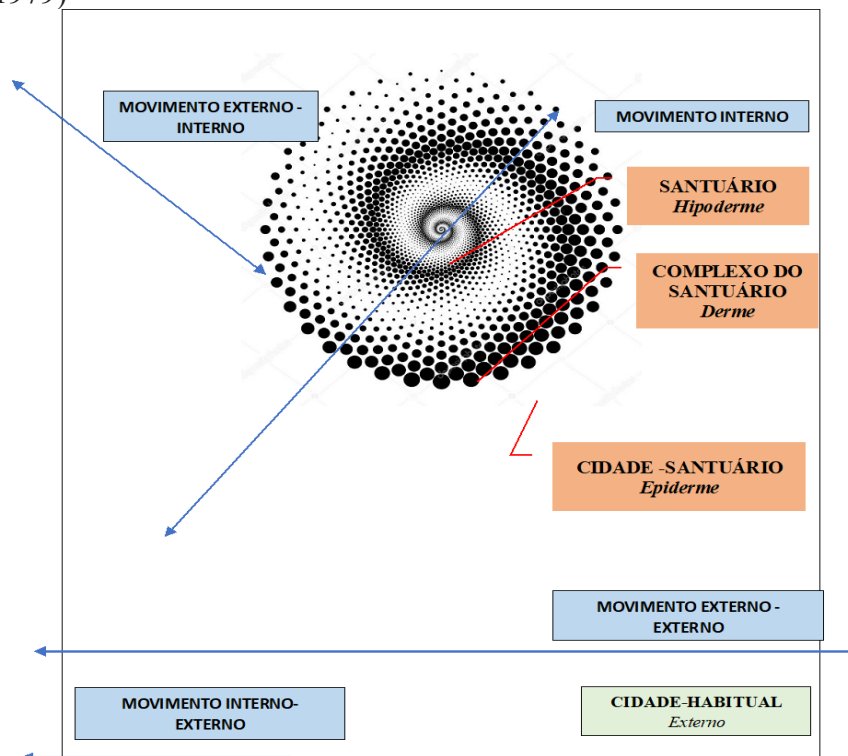
Fonte: Silva, I. (2019).

Para tanto, é indispensável assentar o ser humano no centro dessa transformação, já que é ele quem se move pelas cidades, aproveita os meios de transporte e necessita da segurança e da qualidade no ir e vir. Regressamos a Larsen (2006) e as *viagens físicas* correspondendo aos deslocamentos humanos tradicionais, à exemplo dos deslocamentos de casa – trabalho; trabalho – casa; escola – trabalho; podendo ser expandido para os temas referentes aos fluxos migratórios globais e as motivações involuntárias e muitas vezes forçadas de migrar. Enquanto isso, o *movimento físico* é àquele pertinente à transferência de produtos, serviços e informação entre os produtores e os consumidores.

Por conseguinte, não é incomum observamos as *viagens imaginativas* e os deslocamentos impetrados por meio da pretensão, ambição, imaginação e memória. As *viagens virtuais* como sendo àquelas intensificadas pelas novas tecnologias, plataformas digitais, mídias, reservas *online*, ambientes virtuais ou ferramentas de realidade virtual. E as *viagens comunicativas* como sendo àquelas estimuladas pelo rádio, internet, televisão, livros, computadores, cinema, documentários, fotografias, em mensagens de telefone, videoconferências e e-mail.

A questão da mobilidade é um dilema encarado no espaço geográfico como um todo. Buruton (1979) demarca, ainda, a existência de quatro movimentos espaciais: *movimento-interno*, *movimento-externo*, *movimento externo-interno* e *movimento interno-externo*. O texto em questão se estrutura nas viagens de Larsen (2006) e nos movimentos de Buruton (1979). A imagem posterior trata dos efeitos das espacialidades do Santuário como complexo, cidade-santuário e cidade-habitual, àquilo que é externo do sagrado.

Figura 12 - Teoria dos padrões de viagem, a partir dos movimentos de Burton (1979)



Fonte: Silva, I. (2019)

Em todo o tempo estamos refletindo sobre a relação entre geografia e peregrinação, à luz das dimensões espaço-culturais. Compreendendo as espacialidades interpretáveis tanto dentro do lugar-sagrado quanto fora dele. Os santuários católicos vivem a influência de um intenso fluxo de peregrinos e turistas. De imediato, o Santuário de Canindé é um centro de peregrinação na periferia da metrópole e talvez por isso tenha conservado uma identidade sertaneja.

Para fins mais elucidativos arrazoamos sobre a mobilidade humana como uma ampliação da mobilidade urbana. Da mesma forma que a mobilidade urbana cria condições para que as pessoas possam ir e vir com mais facilidade, tomando como base os meios de

transporte e as vias. Ainda, nesse contexto existem as circunstâncias físicas, históricas, geográficas, políticas e culturais que influenciam as locomoções

4.2 Espacialidades interpretáveis à luz das caravanas religiosas

É preciso aprimorarmos a analogia que cada indivíduo tem com o espaço urbano e o raciocínio de que o ser humano é elemento essencial do ambiente em que vive, e não somente um coadjuvante desse cenário. Nessa sessão abordaremos a Geografia Cultural, o palco da Geografia Humana que examina as normas culturais e as modificações por meio dos espaços e dos lugares. É notória a existência das memórias sobre a festa. Em certa medida, “à memória precisa de espaço para ser ativado e estimulado. (...) de lugares concretos, onde se realizam eventos, acontecimentos históricos ou práticas cotidianas, representações visuais e não visuais” (SEEMANN 2003. p.44).

Em Canindé, cada grupo de peregrino ou visitante se arriscam para encontrar uma *forma-roteiro* para chegar ao santuário. Essa *forma-roteiro* está intimamente relacionado com a forma de como viajam: sozinhos, em família, com alguns amigos ou em grupos. Em campo presenciamos as narrativas religiosas e a modernidade tardia.

Para Ianni (1995) os homens fazem *viagens horizontais* de deslocamentos geográficos e *viagens verticais* com conduções para dentro de si mesmo. O êxito religioso está intrinsecamente associado com as memórias individuais e coletivas, e com a adesão e a rejeição de ir em peregrinação. A estrada de Canindé leva a recomposição de experiências passadas ou inéditas. E, ainda, que vivida coletivamente, a memória se torna uma estratégia autônoma.

Reverenciamos o feito e a memória daqueles que se dispuseram a caminhar. Para o peregrino a estrada é o “corredor que leva à Basílica de Canindé”, a “parte necessária da promessa” e o “lugar de união com o Santo”. Neste trabalho situamos a memória das *hipercaravanas* como exemplo o fretamento rodoviário com 1.200 passageiros e a moto romaria com 30 mil participantes. Nesse âmbito como movimento democrático e agregador, a formação das *Caravanas dos Bairros*, como exemplo o Demócrito Rocha, Dionísio Torres e Conjunto Ceará ambas de Fortaleza.

Para conhecer mais sobre a mobilidade humana, as *Caravanas Metropolitanas* compostas por agrupamentos de peregrinos e visitantes oriundos dos núcleos urbanos densamente povoados, a citar as perambulações de Teresina, Fortaleza, Natal, São Luís e adjacências. Em menor frequência notamos a presença de caravanas de Recife e João Pessoa.

Adiante, as *Caravanas das Paróquias*, as *Caravanas dos Distritos* e as *Caravanas das Cidades*. Nesse sentido, inclusive podemos discutir as concepções das *Caravanas Nominais*, a exemplo da Caravana do Sr. Chiquinho do Codó - MA e da Romaria do Deputado Nerinho de Picos – PI ambos com mais de 1.100 passageiros. Seguidamente, as *Caravanas das Profissões* como a Romaria do Vaqueiro ou Táxi-Romaria, promovida pela Cooperativa Rodo-Taxi.

Ainda nesse contexto, as *Caravanas dos Automóveis* com a Romaria do Fusca Mania Clube; as *Caravanas dos Animais* com a Romaria do Jegue; as *Caravanas das Comunidades Católicas* como é o caso da Comunidade Vêu de Maria para Jesus com os Dez Mandamentos, da Comunidade Católica Obreiros da Tardinha (COT) e dos Arautos do Evangelho; as *Caravanas das Associações* como a Associação Cristã Feminina de Fortaleza e da Associação Pequeno Mundo Fortaleza.

Para tanto é necessário colocar a discussão das *caravanas paraibanas* oriundas de Aparecida, São Bentinho/Jerico, Bananeiras, Uiraúna, Cajazeiras e Itapororoca; das *caravanas pernambucanas* de Camaragibe; das *caravanas baianas* de Senhor do Bonfim. Vivências e memórias religiosas vividas nas *caravanas inter-regionais*, a exemplo das *caravanas tocantinenses* de Araguatins e Augustinópolis; as *caravanas paraenses* de Itaituba; e as *caravanas brasilienses* de Capim Brasília.

No tocante a mobilidade, Divall (2014, p.38) descreve que o conjunto identitário de determinado grupo humano é tanto simbólica quanto construída e “moldados, percebidos, representados e executados (através de movimento e interação social) dentro de um sistema de transporte³²”. Para Merriman (2011) os movimentos anunciam um conjunto de práticas sociais, sobre um determinado tempo-espaco, com ações e feições imbricadas com os espacos. Portanto, para alcançarmos o significado de um símbolo é necessário reconhecemos a cultura que o criou e apusermos próximos a área de estudo.

De acordo com Sheller (2014) existem dimensões efêmeras incorporadas na mobilidade e na imobilidade das sociedades. Para isso é indispensável que a pesquisa contemple a velocidade, fluidez, movimento, acessibilidade, inclusão e interligação, assim como lentidão, pausa, fuga, espera, embarque, desembarque, atraso, dentre tantos outros argumentos correlatos. Cada caravana religiosa adota para si uma identidade. E as identidades são produzidas por meio da marcação da diferença. Notadamente, as mobilidades vão muito além do movimento puro e simples, passam pela “espera, quietude e não-movimento.

³² Shaped, perceived, represented and performed (through movement and social interaction) within a transport system (tradução nossa)

Também está muito preocupado com as geografias emocionais e as formas pelas quais o afeto circula entre o que se move e não se move³³ (p.51).

Dando continuidade, Wood (2006, p.177) declara que a mobilidade não é algo novo ou contemporâneo pelo contrário “a partir do momento em que algumas pessoas andavam ou eram carregadas, enquanto outras caminhavam, (ali já) existiam diferenças na mobilidade, que refletem e reforçam as estruturas sociais existentes³⁴” ainda hoje. Büscher, Urry e Witchger (2010) narram sobre as teses referentes aos transportes e a qualidade de vida. Recomendaram como objeto de apreciação os papéis das ruas, as áreas compartilhadas, os espaços públicos, as áreas de convívio social e o movimento diário das pessoas.

Dentro das cidades, a atenção redobrada para os automóveis, motocicletas, caminhões, ônibus, bicicletas e pedestres. E quando esses pedestres se tornam visitantes, peregrinos e estrangeiros? Büscher, Urry e Witchger (2010, p.13) ponderam

Fluxos e fluxos, passividade, habitação, tomada de lugar; movimentos e etnométodos de criar e ver a inteligibilidade cênica; a importância e efervescência da co-presença; a relação de presenças (imaginadas), ausências, diferimentos; fenômenos praticamente alcançados de confiança, emoção, apreciação; a colocação de julgamento profissional, afetação e criação de sentido; limites entre múltiplos presentes e futuros, usuários e designers, crítica e engajamento; padrões de movimento recordados ou gravados automaticamente; experiências sensoriais; práticas de ver, imaginar, lembrar, formular lugares; as biografias culturais de objetos; adaptações interacionais e adoção de novas tecnologias móveis; inter-espaços; lugares em movimento³⁵.

Na interpretação de Ferguson (2010, p.72) há sempre uma “necessidade de movimento e de velocidade para promover a segurança e o bem-estar dos cidadãos³⁶”. Do exposto, Cresswell (2006, p.1) expõe a idéia do movimento como um imperioso curso de toda a natureza. Logo, o homem aparece “movendo a mão, andando, dançando, exercitando,

³³ Waiting, stillness and non-movement. It is also very concerned with emotional geographies, and the ways in which affect circulates amongst that which moves and does not move (tradução nossa)

³⁴ differential mobility is in no way a new phenomenon; from the moment some people rode or were carried while others walked, there have existed differences in mobility which reflect and reinforce existing social structures (tradução nossa)

³⁵ Fluxes and flows, passivity, dwelling, place-making; moves and ethnomethods of creating and seeing scenic intelligibility; the importance and effervescence of co-presence; the relation of (imagined) presences, absences, deferrals; practically achieved phenomena of trust, emotion, appreciation; the emplacement of professional judgement, affect and sense-making; boundaries between multiple presents and futures, users and designers, critique and engagement; patterns of movement recalled or automatically recorded; sensory experiences; practices of seeing, imagining, remembering, formulating places; the cultural biographies of objects; interactional adaptations and adoptions of new mobile technologies; interspaces; places on the move (tradução nossa)

³⁶ Necessity of movement and speed to promoting the safety and well-being of citizens. (tradução nossa)

dirigindo para o trabalho, movendo-se casa, sair de férias, marchar, fugir, imigrar, viajar, explorando, participando de conferências³⁷”.

Da mesma forma, Sheller (2014, p. 51) relata que os “movimentos têm ritmos diferentes e os ritmos de fluxo de movimento através de corpos, cidades e paisagens, moldando sua sensação, esculpindo suas texturas e tornando lugares³⁸”.

Decididamente, a construção do percurso narrativo perpassa também pelos pensamentos de Bhabha (2001) e sua apresentação do *entre-lugar* como a fronteira na análise das diferenças culturais e religiosas. A cultura é parte essencial do processo de construção da natureza humana. O *entre-lugar* pulsa, propaga e impele movimentações. Taxativamente não é o enlevo do passado ou do presente isoladamente, mas a reconfiguração do passado, presente e futuro.

Esse *entre-lugar* é manifestado na estrada, na promessa, na viagem, na ida ou volta para casa. Portanto, o *entre-lugar* permite a visibilidade dos grupos menores, apreciação das subjetividades, legitimação do poder da promessa, a expressão do pensamento e da experiência dos homens e mulheres. Nos *entre-lugares* acontecem as negociações e os processos relacionais marcadas por interações simbólicas. Edensor (2011) mostra a existência do *lugar-experimentado* que requer do *lugar de passagem* e assim diz:

de ritmos identifica a organização temporal do espaço e as formas de experiência temporal subjetiva. Comutar costura os lugares juntos e produz um itinerário moldado pelo tempo, à medida que as temporalidades do movimento são continuamente reinscritas em lugares e períodos de viagem em rota. E os ritmos íntimos produzidos na interação entre passageiros e veículos estão nos horários individuais através dos quais as pessoas constroem um relacionamento com o (s) lugar (s) durante um período de tempo. Em movimento, eles produzem suas próprias temporalidades individuais, ignorando ou se conformando com padrões de agendamento coletivos maiores, contribuindo simultaneamente para os ritmos (em mudança) do lugar. A reação coletiva e simultânea de ritmos móveis constela em lugares particulares em momentos particulares, por exemplo, com os típicos "horários de pico", no início da manhã e no final da tarde. Esses ritmos aumentam a produção de temporalidades urbanas diurnas através de várias formas de mobilidade ou sua ausência, incluindo a agitação do almoço, a calma da tarde, a antecipação do início da noite na busca do entretenimento e a aquiescência noturna³⁹ (p. 192).

³⁷ moving your hand, walking, dancing, exercising, driving to work, moving home, going on holiday, marching, running away, immigrating, traveling, exploring, attending conferences (tradução nossa)

³⁸ movements have different rhythms, and those rhythms of movement flow through bodies, cities and landscapes, shaping their feel, sculpting their textures, and making placesn (tradução nossa)

³⁹ A study of rhythms identifies the temporal organisation of space and forms of subjective temporal experience. Commuting sews places together and produces an itinerary shaped by time, as temporalities of movement are continually reinscribed on places and periods of travel en route. And the intimate rhythms produced in the interaction between passengers and vehicles in here in the individual timetables through which people build up a relationship with place(s) over a span of time. On the move, they produce their own individual temporalities whilst ignoring or conforming to larger, collective scheduling patterns, thereby simultaneously contributing to the (changing) rhythms of place. The collective, simultaneous enaction of mobile rhythms constellates around particular places at particular times, for instance, with the typical two ‘rush hours’, in early morning and late

Shaw e Docherty (2014, p. 25) arguem sobre “a geografia da rede de transporte em que estávamos viajando; ou do ambiente regulatório que influenciou sua extensão e nível de serviço; ou o impacto espacial desigual que eles têm sobre o desenvolvimento econômico ou dos padrões de geração de viagem⁴⁰”. Paralelamente, Pinder (2011) discursa sobre a mobilidade com o ideário da modernidade e do sentimento de liberdade. E é dentro da instância do imaginário que fazemos a costura do real com o simbólico.

Perquirimos compreender como as identidades são moldadas em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais. Novamente, Larsen (2014) arrazoa para a importância das experiências cotidianas como demarcações das distâncias e das proximidades humanas. Compartilhamos o mesmo ponto de partida de Oswin (2014) a mobilidade é fruto da produção social. A suposição aqui é de que a vida social, e narrativas em particular são moldadas pelos movimentos humanos.

4.3 Caravanas: movimentos, códigos e discursos

As caravanas são veículos simbólico-estruturante que, interligados com o lugar-sagrado, na condição de veículos produtores, distribuidores ou portadores de mensagens. Para Beaujeu-Garnier (1997) o automóvel deu ao homem uma sensação de estar desimpedido, de escolher ou de decidir segundo o próprio parecer. Segundo Vasconcellos (2000, p.106) o:

o carro com o símbolo de poder, status, riqueza, ou seja, as ligações que ela pode estabelecer entre posse, demonstração pública e riqueza do seu proprietário. Nesse sentido, o carro é um símbolo para demonstração da superioridade e do prestígio social e técnico". A segunda visão corresponde aos símbolos de liberdade e privacidade. A terceira visão é um meio para as experiências emocionais relacionadas ao ato de dirigir e o prazer estético. Esta visão pode ser denominada psicológica. A quarta visão relaciona-se a utilidade do automóvel como a tecnologia que permite uma mobilidade sem precedentes na história dos transportes e a maior capacidade de conexão possível de viagem sequencial.

Segundo Krippendorf (2009) o veículo é a liberdade por excelência. Para o autor, “quase se poderia dizer que nos foram concedidos um direito natural, a partir da motorização e da mobilidade individual ilimitada” (p. 11). Pugliesi (s/a) chama a atenção para às etapas da viagem. O planejamento é a base para qualquer viagem. Por isso, o primeiro passo é a *pré-*

afternoon. These rhythms add to the production of diurnal urban temporalities through various forms of mobility or its absence, including the lunchtime bustle, midafternoon lull, early evening anticipation in the quest for entertainment, and late-night quiescence (tradução nossa).

⁴⁰ We may well have been interested in the geography of the transport network on which we were travelling, or the regulatory environment that had influenced its extent and level of service, or the uneven spatial impact these have on economic development, or patterns of trip generation (tradução nossa)

viagem com toda à preparação, seguido da *viagem* e da *pós-viagem* que é o retorno em segurança. Com relação a programação as viagens podem ser *programadas*, *não-programadas* ou *suprimidas*. Uma parte importante da preparação da viagem está no julgamento do transporte, da hospedagem e da alimentação.

Conforme Silveira (2011) a circulação é o agente impactante da produção e reprodução dos espaços geográficos. Consoante, Poças Santos (2006a e 2008) diz que as movimentações de peregrinos e visitantes aos santuários católicos não são um encontro de uma multidão acéfala, mas, de um afluxo que descobrem novas formas de compensações da realidade. A despeito da leitura cultural, Claval (2010) presume que a percepção geográfica deva ir além do visível ou do tátil. Num sinal bem expressivo Claval (2014) revela que o simbólico das viagens está em “morrer um pouco [...] todos esses laços nos dão segurança, [...] ao partirmos, eles se afrouxam ou se rompem” (p.45).

Deste modo, salienta-se as averiguações de Hine (2011) sobre as imobilidades urbanas (as barreiras), humanas (as deficiências), sociais (condicionais, como exemplo se você nasceu servo; morrerá servo) e as imobilidades produzidas pelas ausências da cobertura dos transportes. E assim descreve

O acesso ao transporte tem poderosas sinergias com a pobreza, a sustentabilidade desenvolvimento, a regeneração de comunidades. Numerosos estudos demonstraram que a ligação entre a desvantagem dos transportes e o fraco acesso a bens e serviço pode contribuir para a exclusão social, dificultando a participação plena das pessoas na sociedade [...]. Estudos também identificaram uma série de fatores que são vistos como contribuindo para a exclusão social, incluindo diferenciais na educação, oportunidades e oportunidades de treinamento, circunstâncias socioeconômicas, ambiente, bem como o acesso à informação e acessibilidade física a uma ampla gama de oportunidades, incluindo emprego, compras e recreação. Acesso para um sistema de transporte adequado é fundamental para todos eles⁴¹ (HINE, 2011, p. 21).

Cada agrupamento humano concorda com um sistema de valores e normas. Na sociologia, uma norma é uma regra socialmente reforçada. A norma explícita é escrita em leis, códigos, regulamentos, doutrinas, entre outros. Uma norma implícita não é escrita, mas os indivíduos conhecem como representações coletivas. De dentro dos ônibus identificamos as normas explícitas como “é proibido fumar”; “evite conversar com o motorista”; “é proibido

⁴¹ Access to transport has powerful synergies with poverty, sustainable development, regeneration of communities. Numerous studies have demonstrated that the link between transport disadvantage and poor access to goods and services can contribute to social exclusion making it difficult for people to participate fully in society [...]. Studies have also identified a number of factors that are seen to contribute to social exclusion including differentials in education, training opportunity and attainment, socio-economic circumstances, local environment as well as access to information and physical accessibility to a wide range of opportunities including employment, shopping and recreation. Access to an adequate transport system is central to all of these. (tradução nossa).

viajar em pé”; “é proibido viajar nos degraus das escadas”; “use o cinto de segurança” e “use em caso de acidente”.

Notadamente, uma norma social é a concretização do valor social e que por sua vez permite uma coesão social. As caravanas religiosas mais tradicionais compartilham de valores e normas sociais, como exemplo os “Manuais do Romeiro”, “Mandamento do Romeiro”, “Normas de Convivências Sociais”, “Guias do Peregrino” e o “Termo de Livre Adesão”.

Segundo Gava (2012) o território está pautado na integralidade da ocupação do local pelo homem, aportado no sentimento de pertencimento de uma rede de relações muitas vezes colidentes que coexistem nos territórios. Assim identificamos os *territórios da ciclo romaria* com o ciclista de elite (à frente do cortejo), ciclista varredor (atrás), ciclista de apoio (em todo cortejo); *territórios da moto romaria* com o moto batedor, moto socorrista, moto mecânico, motociclista novato, motociclista de elite (altas cilindradas), entre tantos outros sujeitos.

De acordo com Braga (2010, p.150) até meados do século XX, as “romarias eram feitas, sobretudo, a pé levavam muitos dias e exigiam sacrifícios”. Os caminhões eram por “terra batida” aberta durante a colonização portuguesa. Para Stuart Filho (1937), a mais antiga ligação entre a cidade de Fortaleza e as demais capitânicas nordestinas data de 1611 e cruza a faixa litorânea; provavelmente, por essas terras transitavam pequenas escoltas de mercadores, militares e colonizadores.

Ainda em Stuart Filho (1937), a “Estrada Velha” cortava o Jaguaribe (o Rio) pouco acima de sua foz, bem próximo das cidades de Aracati e de Russas e adentrava até a capitania do Rio Grande do Norte. Na “Estrada da Taquara” a interligação entre Fortaleza e a Parangaba. A “Estrada Camucim- Ibiapaba” unia a bacia do Rio Coreaú. A “Estrada Geral do Jaguaribe” cortava a Região do Jaguaribe, nascendo no município de Aracati na direção do Icó até encontrar no Rio Salgado. A “Estrada Nova das Boiadas” interligava a Bacia do Jaguaribe com os criadores de gado no Piauí. E a “Estrada das Boiadas” funcionava como um escoadouro dos produtos pastoril piauiense em direção aos mercados consumidores da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Havia, ainda, a “Estrada da Caiçara” circunscrita a Ribeira do Acaraú e a “Estrada Crato-Piancó”.

Segundo de Moraes (2013) somente em 1802, o então Governador da Capitania do Ceará, João Augusto d’Oeynhausen Grevembourg agiu na intenção de drenar o tráfego dos produtos por Fortaleza e, assim, construiu a “estrada Canindé-Soure”. Em Canindé há uma lei

por nº 1.717/01, de 23 de novembro de 2001 que nomeia “Estrada do Romeiro” a rodovia vicinal que liga Canindé a Serra do Baturité, compreendendo o trecho BR - 020.

O primeiro automóvel adentra em solo canindeense apenas em 1909. Conforme o Diário do Nordeste (*online*, 2017a), houve “o barulho e seus holofotes, o carro foi considera mal-assombrado pela população”. Na obra "coisas que o tempo levou" de Raimundo de Menezes (1939) e nos escritos de Sampaio (2002) os detalhamentos das dificuldades, da época, relacionados com a mecânica, com a assistência de serviços e especialmente com as estradas. Nas palavras de Pacheco (2004) os transportes deram condições de acesso aos bens de consumo como o lazer, entretenimento e o turismo. As estradas provisionaram o escoamento e a produção da matéria-prima, produtos, serviços e informações. Para os gestores públicos abrir estradas é sinônimo de progresso e desenvolvimento local. A seguir, as lembranças das múltiplas funcionalidades dos meios de transportes:

Figura 13- Veículo com gerador de energia alugado pelo Santuário de Canindé



Fonte: Arquivo Próprio. 2017. Registro em 24.09.2017.

Figura 14 - Veículo com satélite para as transmissões religiosas nacionais



Fonte: Arquivo Próprio. 2017. Registro em 24.09.2017.

Figura 15 – Trio elétrico utilizado na acolhida das caravanas de peregrinos



Fonte: Arquivo Próprio. 2018. Registro em 02.10.2018.

Figuras 16 e 17 – A proteção divina dos adesivos e das faixas



Fonte: Arquivo Próprio. 2017.

Figuras 18 e 19 – Símbolos religiosos e a intermediação dos Santuário de Canindé e Juazeiro do Norte



Fonte: Arquivo Próprio. 2017.

Figura 20 - Sessão de Atendimento do Ônibus Cinema Rodoviário da PRF em Canindé



Fonte: Arquivo Próprio. 2017. Registro em 29.09.2017.

Figura 21 - Caminhão Boiadeiro da PRF na Unidade Operacional de Canindé



Fonte: Arquivo Próprio. 2017. Registro em 29.09.2017.

Figura 22 - Atendimento Móvel da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT)



Fonte: Arquivo Próprio. 2015. Registro em 30.09.2015.

Os automóveis fazem parte do imaginário das pessoas. Os transportes tornaram-se indicadores econômicos e sociais. No mercado estão disponibilizados em diversos tamanhos como hatch, sedã, picape, notchback minivan e perua. Em categorias como comercial, compacto, econômico, médio e luxo. Estes são, obviamente, alguns poucos exemplos, diante dos quais imaginamos ter em torno da reflexão sobre o tema.

Alguns críticos mais ferinos protagonizam uma espécie de “demonização do automóvel”. Anunciam os impactos negativos relativos à poluição sonora, ambiental, congestionamentos, acidentes e *stress*. Em termos simbólicos e espirituais, Debray (2004, p.365) recobra o discurso de que o “Santuário não é mais a recompensa de uma ascese, mas sim um lugar de visita em si”.

Notadamente, o automóvel precipitou a permanência do visitante, acelerou a experiência do peregrino e encurtou a distância do destino. De algum modo, as caravanas preconizam uma espécie de “cordão umbilical” entre o peregrino e o templo. “Para o cristão, é sempre possível e rezar um pouco além do lugar onde costumava fazê-lo” (DEBRAY, 2004, p. 176).

4.4 A suspensão do *pau de arara* e a reedição das caravanas religiosas

Notadamente, a pós-modernidade instigou a rede de transportes a atender viagens mais cômodas e rápidas. Além do mais, ampliou as comunicações, os deslocamentos em massa e as sucessões de experiências. Portanto, apreciar as características dos meios de transporte e suas relações com o turismo e com as peregrinações é a proposta fundante dessa tese.

Por outro lado, encontramos famílias pluriconfessionais, o declínio quantitativo da fé católica e ascensão dos evangélicos. Vivenciamos a vedação do transporte interestadual de passageiros em regime de *pau de arara* na cidade de Canindé. Testemunhamos às primeiras impressões da proibição e os discursos apocalípticos quanto ao fim da festividade. Assistimos as readaptações das caravanas com o fretamento turístico e eventual. Esse último momento alterou a tradição do sacrifício e corrompeu o tempo simbólico de expiação popular, tão imbuída no desconforto, no duro esforço e no holocausto do peregrino penitente.

Nesse espectro, as memórias e as narrativas das peregrinações a pé ou na carroceria do *pau de arara* associadas a “bravura”, “sacríficos” e “autenticidade da promessa”. Por anamnese, os peregrinos seriam à própria representação dos verdadeiros heróis de guerra. Por quê? Quanto maior é o sacrifício, maior é a prova de amor. Na

contemporaneidade, o desconforto e a insegurança das viagens deram vazão ao bem-estar, a celeridade e a proteção. Portanto, sai de cena o *pau de arara* e entra os Double Deck, Ônibus Leito, Executivo e Convencional.

Nada permanece imutável! O próprio *pau de arara* significou a modernidade de uma era, devido a substituição das carroças e carros de boi, das cangalhas e selas. No Sertão de Canindé o transporte também é conhecido como carro de horário, misto, rural, caminhonete ou jardineira. Os usuários desses transportes costumavam e, ainda, habitam a dizer “de todo o mal, não é tão ruim assim”, “é um mal necessário”, “somos obrigados” e “ruim com ele e pior sem ele”.

Em síntese, o *pau de arara*, ainda, que em caráter de excepcionalidade tornou o inacessível – acessível, dando à possibilidade e condição de alcance. Une o centro-periferia, a sede-distrito, a capital-interior e o rural-urbano. Os proprietários dos carros apresentavam os discursos como “isso sim que é robustez”, “enfrenta todas estradas”, “é pau para toda obra”, “vai para em qualquer lugar e, aqui, todo mundo é bem-vindo”.

Em 2003 sobrevieram às primeiras audiências públicas entre a Direção Geral da PRF/DF, gestores públicos, especialistas, representantes da sociedade, líderes religiosos e empresários do setor de transportes para tratar sobre a questão da segurança do *pau de arara*. Em 2005 as reuniões foram realizadas nas cidades de Canindé e Juazeiro do Norte. Em 2014, o Art. 2º da Resolução nº 82/1998 do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) que assegurava ao transporte interestadual de passageiros em romarias a liberdade, tão somente, instrumentando o “caráter excepcional” é revogado. Sendo substituído pela Resolução de nº 508/2014 do CONTRAN que coibia a circulação do *pau de arara* entre estados da federação.

Segundo Fragoso (2005, p. 26) deveria haver maior tolerância quanto ao uso desses veículos adaptados e o “apoio aos romeiros pobres que só contam com caminhões para virem ao encontro de São Francisco das Chagas”. No dia seguinte a operação e a suspensão de circulação às ruas de Canindé foram tomadas comoção e temor. Discursos notabilizados dando conta do fim da festividade.

A cidade é tomada de passeatas, coletas de assinaturas e notas públicas de repúdio. Moradores e visitantes ostentaram balões negros em sinal de “luto pelo fim da tradição”. Cantos religiosos foram adaptados, um desses exemplos é “Caminhando Eu Vou Para Canaã” para “Caminhando Eu Vou Para Canindé”. Gritos de guerra como “o povo na rua, promotora a culpa é sua!”. Faixas com citações como “resistência na rua e não no fechamento da BR”; “estão querendo enterrar a romaria” e “mais de dez mil romeiros sem

chegar à Canindé”. Uma urna funerária findava a alegoria do manifesto e o discurso em defesa de patrimônio do *pau de arara* e das romarias.

Daqui em diante, a realização dos eventos de qualquer natureza que possam intrometer-se na segurança do trânsito nas rodovias federais prescindem de autorizações especiais. A seguir, o instrumento normativo e a campanha de sensibilização para adquirir a autorização do uso especial da via:

Figura 23 e 24 – Campanhas educativas e autorização para realização de eventos nas rodovias e estradas federais



Fonte: Site da PRF, 2019

Além disso, no âmbito da PRF/CE, todos os anos ocorre a primeira fase da Operação Romaria Segura entre os dias 24 de setembro a 05 de outubro na cidade de Canindé. E a segunda fase ocorre no dia 02 de novembro na cidade de Juazeiro do Norte, por ocasião das celebrações do Dia de Finados. Completam as operações especiais nas fronteiras com os estados do Piauí, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Em 2015 na Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados em Brasília tramitou o Projeto de Lei – PL nº 3.643 de 2015 de autoria do Deputado José Guimarães e de Relatoria do Deputado Fábio Mitidieri solicitando o uso do transporte conhecido por *pau de arara* fosse catalogado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. No entanto, as patrimonializações são atos administrativos de competência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão pertencente ao Ministério da Cultura. E, concomitantemente, o

segundo impeditivo estava relacionado a Resolução nº 508 de 2014 do CONTRAN, do Ministério da Infraestrutura que deliberava o impedimento interestadual dessa locomoção.

Por muitos anos, cultivou-se em Canindé o *imaginário da folclorização do pau de arara* como um bem necessário, patrimônio cultural e transportes imprescindível para a concretização da festa. Por um breve espaço de tempo, o *imaginário do medo* com o fim das romarias no Santuário. A festa não acabou. As caravanas interestaduais aderiram ao novo modelo de fretamento eventual e turístico. As caravanas a pé introduziram os carros de apoio e as equipes com profissionais qualificados e a adesão de voluntários. Novas valorações germinaram juntamente com os ônibus, à exemplo dos discursos da “minha poltrona”, “meu motorista”, “minha caravana”, “a poltrona da frente” e “do lado da janela”.

Em 2015 a elaboração do Manual de Procedimentos Operacionais (MPO) - 056/2015 da PRF/DF. Esse documento expõe os procedimentos operacionais e as autorizações dos eventos nas rodovias brasileiras, a instrumentalização das regras, as irregularidades e sanções que vão desde do auto de infração, notificação do evento e a ordem de embargo. Nas conversações com os motoristas, organizadores e fretantes o aumento da comodidade, da rapidez, das despesas fixas e a diminuição do lucro. Por fim, as mudanças de comportamentos dos usuários

5. A EXPERIÊNCIA E AS NARRATIVAS DO ESTAR JUNTOS

De um ponto de vista fenomenológico, a narrativa e a experiência são reiteradas junto ao grupo pesquisado. A experiência vivida desvela o modo de estar no mundo dos indivíduos. Tempo, memória, espaço e história caminham juntos nessa investigação. Após 4 anos de estudo teórico era necessário um tempo dedicado ao trabalho de campo. Segundo Wolf (2012), a condição de ser peregrino é parte exclusiva do indivíduo. É a sua disposição para se abrir ao novo, ao diferente e ao convívio.

Todos os anos, centenas de caravanas e milhares de peregrinos marcham em direção ao Santuário de Canindé. De modo geral, viaja uma vez ao ano, especialmente nos finais de semana e próximo as festividades do Santo das Chagas, percorre distâncias curtas ou médias, fica hospedados em pequenos estabelecimentos de hospedagem e concretiza dispêndios módicos ao longo da viagem. As excursões são acompanhadas dos organizadores/operadores informais de turismo que residem no próprio bairro, paróquia, empresas ou organizações sociais.

No que diz respeito aos provedores de serviços turísticos para este público, observamos as caravanas estaduais e interestaduais (inter-regional). À construção da identidade da caravana e suas percepções sobre a experiência da viagem penitente. “Sofrer é preciso!”. A hospedagem se dá, predominantemente, em casa alugadas, pousadas e hotéis de pequeno porte. Igualmente nestes lugares fazem as principais refeições. De fato, cabe indicarmos a ocorrência da caravana da paróquia, da empresa, do bairro, do condomínio, da família e do grupo de amigos.

Diante disto, apontamos para a necessidade da captura das narrativas procedentes das experiências vividas junto a ciclo romaria, moto romaria e fretamento rodoviário interestadual. Em campo, a desmistificação da experiência da peregrinação tão somente como “uma providência divina”. Contemplamos o compartilhamento de espaços, refeições e a rede de relações. Como um desdobramento dos dados apresentados encontramos, ainda que em pequenas proporções, o planejamento, a organização, a logística e a execução da viagem.

Ao longo desta tese, a peregrinação penitente tradicional, o fretamento turístico da agência de viagem, o fretamento eventual da empresa transportadora e a excursão popular turística com o transporte e a acomodação gratuitas. Uma realidade praticada por parte dos consumidores de baixa renda. De certa forma, encontramos a *hospitalidade-comercial*, a *hospitalidade-bíblica* e a *hospitalidade-turística*. A hospitalidade é “um dever fundamental e

uma das expressões mais autênticas da caridade. A pessoa acolhida se sente bem; as portas que lhe são abertas a estimulam a abrir as portas de seu coração” (CNBB, 2009, p. 237).

Neste aspecto, existem algumas peculiaridades, para Lund (2008) *apud* Lorimer (2011, p.21) “a passagem ritualizada (e às vezes repetida) de peregrinos cristãos representa uma declaração de auto sacrifício e, quando sequenciada de acordo com as estações da cruz, liga uma série de pontos e lugares⁴²”. Isto se explica em grande parte, pelo fato de Ruiz (2003) narra sobre a circulação humana como um ato da própria indeterminação criativa.

Já Oliveira (2004, p.15) a peregrinação é “uma viagem de volta, um retorno [...] volta ao campo, ao espaço aberto, ao lugar de origem, a terra dos antepassados, ao centro ou umbigo do mundo”. Notadamente, Lorimer (2011, p,28) descreve que “a prática da caminhada não deve ser considerada como sem forma, sem cuidados ou sem pensamentos, mas, sim, como uma realização prática formada por um fluxo de atividade⁴³”. Durante as peregrinações “veremos com magia, através dos cultos e rituais, funciona como uma catarse e restauração da solidariedade do grupo⁴⁴” (MARTINEZ 2010, p.182).

5.1 A composição narrativa do indivíduo e das multidões

O primeiro passo sempre é o mais importante! Tomamos como referência as narrativas dos agentes públicos, moradores, coordenadores de caravanas, motoristas, peregrinos e visitantes. A idéia da experiência enquanto modo de estar no mundo nos envia diretamente junto às situações, objetos e sujeitos. Um outro elemento agregador é o líder de caravana ou coordenador de caravana.

Deixemos de lado o tom religioso de apelo a Deus para encontramos com a influência de políticos, agentes públicos, empresários, religiosos e empresas na organização das caravanas. Grande parte dos peregrinos iniciam a peregrinação para pagar uma promessa pessoal. Em promessas individuais, familiares, coletivas, herdadas/hereditárias e perpétuas. A peregrinação aos lugares santos de devoção é empreendida por aqueles que anseiam saldar as promessas, rogar por graças ou revelar sua gratidão.

⁴² the ritualised (and sometimes repeat) passage of Christian pilgrims represents a statement of self-sacrifice and, when sequenced according to the stations of the cross, links together a series of points and places (tradução nossa).

⁴³ the practice of walking should not be considered as formless, care-less or thoughtless, but rather as a practical accomplishment formed through a flow of actividad (tradução nossa)

⁴⁴ como veremos con la magia, mediante los cultos y los ritos, funciona como catarsis y restaura la solidariedad del grupo. (tradução nossa)

Por devoção pessoal, o cristão pode também viajar impelido pelo lazer e confraternização, pelo encontro de amigos e familiares, pela atividade esportiva e cultural. O caminho ao Santuário de Canindé leva a um momento de reflexão interior, de partilha de experiências, convivências sociais e de desafios pessoais. Como observado as peregrinações, entre o século XIX e começo do XX, para o Santuário de Canindé advinham, majoritariamente, do auxílio de carroças, cavalos e muares. Tempos depois que ocorreram a motorização em massa (*pau de arara*) e em pequenos grupos (Jipes Willys e Ford Rural Willys). E mais, recentemente, do fretamento eventual e turístico, dos transportes alternativos, das motocicletas e dos automóveis particulares.

As viagens em especial, uma das poucas configurações de descanso, feitas fora da cidade de moradia, privilegiando as atividades de lazer. O transporte rompeu com as barreiras territoriais, induziu a travessia das fronteiras e redefiniu as novas formas de congraçamento com o espaço geográfico, à exemplo da introdução do lazer, do turismo e do esporte nas peregrinações religiosas. Poder viajar tem um apelo a auto-estima de um público de baixa renda marcado por cerceamentos de consumo e de prazer. Além do mais, acessando os Livros das Novenas do Santuário de Canindé, a peregrinação a São Francisco das Chagas de Canindé “é a reposição por graça de Deus, ao lugar destas maravilhosas manifestações da bondade de Deus, através do seu servo, São Francisco de Assis” (SANTUÁRIO DE CANINDÉ. 1989, p.7).

Os livros das novenas trazem informações práticas para a preparação e vivência de uma peregrinação. Por definição, a caminhada deve ser um aceno de:

Fé, de Esperança e de Amor. Assim já fazia o Povo de Deus no deserto. A penitência está bem unida ao sentido da Romaria. Ela é uma grande demonstração de amor e de confiança em Deus, através do seu servo São Francisco. É uma coisa séria e deve ser feita com um espírito de oração e de respeito. Deve-se, pois, evitar tudo o que se possa profanar a Romaria. São dias de bênçãos especiais (SANTUÁRIO DE CANINDÉ, 1984, p.3).

Há longas discussões sobre as diferenças epistemológicas entre caravana, romaria, peregrinação, turista, viajante ou peregrino. Na opinião de Oliveira (2000, p.58) essas dualidades “cooperam decisivamente com o preconceito religioso de todos os lados. Carregam, inclusive, uma dosagem de tolerância artificial”. Estamos, portanto, diante do peregrino-híbrido e da religiosidade-turística. Existem diferentes percepções a respeito da idéia de viajar. Por isso que chamamos à atenção, não somente, para o peregrino e o visitante, mas também para o pedestre, ciclista, motociclista, passageiro e condutor.

Diante disto, levantamos os efeitos da hipermodernidade junto das caravanas religiosas, como exemplo o uso de coletes refletores, rádios comunicadores, seguranças particulares, moto socorristas, ambulâncias e caminhão de reboque. Ciclos romarias que fazem uso dos *equipamentos de segurança obrigatório*, à exemplo dos óculos, luvas, cantil de água, bomba de ar e câmara reserva, kit de primeiros socorros e roupas especiais. Caminhadas com *utensílios individuais dos peregrinos*, como exemplo a rede de dormir, corda, colchonete, lanterna, sinalizador e utensílios domésticos individuais (pratos, talheres, copos).

Desta forma, podemos nomear o *exercício social* como o respeito às diferenças e o ato de obedecer às regras de conduta moral e ética, a maioria das caravanas religiosas adotaram a vedação de bebidas alcoólicas e a proibição do homem andar sem camisa. Somam-se as *regras de segurança no trânsito* contribuindo para a redução de acidentes e outros problemas do trânsito brasileiro. dentre as recomendações estão o controle de velocidade dos veículos, revisão dos automóveis, para o pedestre e o ciclista à orientação para andar pelo acostamento, trafegar de dois em dois, em fila indiana, não distanciar demasiadamente do coletivo e a performance em x para o moto romeiro.

Com relação as territorialidades das caravanas a volumosa concentração do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, sem falar do Estado do Ceará. Logo, o Rio Grande do Norte limita-se com os estados do Ceará e da Paraíba. Historicamente, a pecuária desenvolveu-se primeiramente em torno dos engenhos de cana-de-açúcar. Com a expansão das lavouras de cana-de-açúcar ao redor dos engenhos, era imprescindível encontrar pastagens cada vez mais longínquas para a criação de gado. Houve ainda expansão em direção ao norte da colônia, com os vaqueiros ocupando territórios na Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

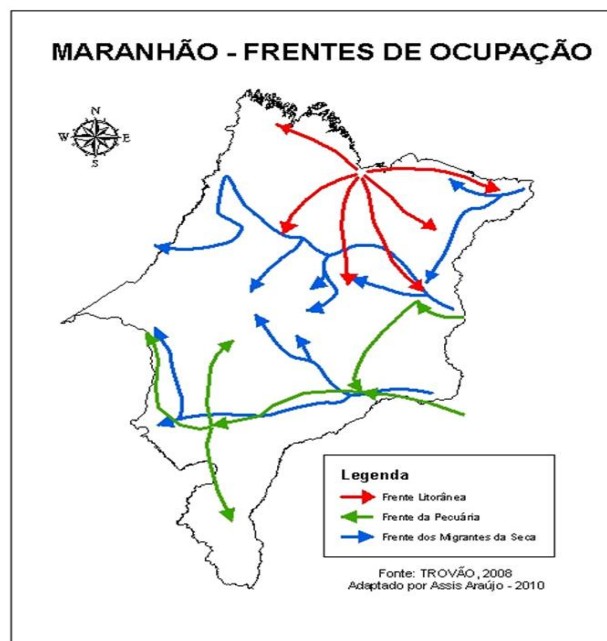
Enquanto isso, o Piauí foi o único estado ocupado do interior para o litoral porque a povoação de seu território principiou nas fazendas de gado que se instalaram no sul da região. No resto do Nordeste, por outro lado, preponderavam as plantações de cana-de-açúcar junto à costa litorânea, onde o clima era mais favorável para a agricultura e a proximidade com o mar facilitava a exportação.

Já o Maranhão é considerado o segundo maior estado da região Nordeste do Brasil, fazendo limite com os estados do Piauí, Pará e Tocantins. Segundo Barboza (2009 e 2011) o único estado do Nordeste coberto em parte pela Floresta Amazônica, com terra fecunda, rios e o segundo maior litoral do país. De acordo com Trovão (2008) o gado e a cana

de açúcar compuseram um “casamento perfeito” e o “filho” dessa união constituíram às ocupações territoriais em todo o sertão nordestino, desde a Bahia até o Maranhão.

Para Trovão (2008) o Maranhão recebeu um grande fluxo de indivíduos procedentes do Piauí, Ceará e Pernambuco. Segundo ele, a ocupação da capitania maranhense sobreveio de três movimentos, o *primeiro* a partir da planície litorânea ocupada pelos europeus (português, holandês e francês); o *segundo* procedente da corrente pastoril fruto da dispersão baiana, através do Rio São Francisco até atingir o Ceará e o Piauí. Por fim, penetrando o sertão maranhense pela porta do Vale do Rio Parnaíba (o Sertão de Pastos Bons) no final do século XVII. E o *terceiro* conduzido pelos flagelados da seca que descobriram nos vales úmidos do Mearim, Grajaú, Pindaré e Turiaçu a “esperança verde”. A seguir a representação gráfica dessas ocupações:

Figura 25 - Processo de ocupação do território maranhense



Fonte: Extraído de TROVÃO⁴⁵ (2008)

Prosseguimos com a tentativa de reconhecer à existência dos territórios emissores das caravanas religiosas. Lembramos que o território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, caracterizado por critérios multidimensionais e que podem distinguir um dos outros. Com base no SISROMARIA (2011/2019) o contingente maranhense

⁴⁵ Obra intitulada de “O processo de ocupação do território maranhense” São Luís: IMESC, 2008. (Cadernos IMESC, 5)

é estabelecido assim, com uma caravana às cidades de Água Doce do Maranhão; Governador Newton Bello; Matões; Cidelândia; Barão de Grajau; Nova Olinda do Maranhão; Buriticupu; Santa Luzia; Magalhães de Almeida; Davinópolis; Senador La Roque; São Luís Gonzaga do Maranhão; Olho D'Água das Cunhas; Fortuna; Itapecuru - Mirim; São Mateus do Maranhão; Peritoró; Santa Luzia do Paruá; Duque Bacelar; Santana do Maranhã, Mata Roma e Milagres do Maranhão.

Com duas e três caravanas às cidades de Anapurus; Barra do Corda; Coroatá; Pindaré - Mirim e Lago da Pedra, Brejo; São Bernardo; Pedreiras; Zé Doca; Bom Jardim; Afonso Cunha, Dom Pedro e São Luís. Entre cinco a oito caravanas às cidades de Trizidela do Vale; Santa Quitéria do Maranhão, Buriti, Presidente Dutra e Coelho Neto. Com dez caravanas a cidade de Codó. Com dez caravanas, Codó. O destaque para a comitiva do Pai de Santo Bitá do Barão falecido em abril de 2019 e a do empresário Francisco Carlos de Oliveira, o "Chiquinho do Codó" com 21 veículos e 1.100 passageiros. Oficialmente existem duas hipercarvanas a de Codó e a de Picos, no Piauí. Essa segunda idealizada pelo político José Néri de Sousa e conta com 30 ônibus e 1.400 romeiros. Viajam às vésperas do dia de finados em direção às cidades-santuários de Canindé e Juazeiro do Norte.

Araioses e Santa Inês com doze caravanas; Imperatriz com quinze caravanas; Bacabal com vinte caravanas; Caxias com vinte e cinco caravanas. E de Timon cinquenta e quatro 54 caravanas. Essa cidade é a 4ª cidade mais populosa e, historicamente, sua ocupação remonta ao século XVII, devido às águas do Médio Parnaíba que estabeleceram um porto de comunicação comercial com a antiga capital piauiense, Oeiras, e, concomitantemente, com Caxias, no Maranhão.

Na segunda parte, o detalhamento das caravanas piauienses. Segundo Abreu (1969), a ocupação das terras piauienses dá-se por meio do “sertão de dentro”, sucedido já na metade do século XVII pela Costa Leste e Região Sul, as margens dos Rios Piauí, Canindé (na Serra dos dois Irmãos, em Paulistana, passando por Oeiras e Amarante), Paraim (hoje a cidade de Corrente) e Gurguéia (na Chapada das Mangabeiras).

Em relação às caravanas piauienses, com uma caravana às cidades de Morro do Chapéu; Barras do Maratona; Alegrete do Piauí; Boa Hora; Jaquempira; Boqueirão do Piauí; Cajueiro da Praia; Murici dos Portelas; Regeneração; Santa Quitéria; Beneditinos; Oeiras; Cocal da Estação; Massapê do Piauí; São João do Piauí; Simões Amarante; Água Branca; Sigfredo Pacheco; Paulistana São João da Serra; Barro Duro; Chapéu do Piauí; Vila Nova do Piauí; Miguel do Tapuio; Ilha Grande Luzilândia Itainópolis Palmeiras e Cocal dos Alves.

Com duas caravanas os municípios de Joaquim Pires; Domingos Mourão; Jaicós; Barras; Capitão de Campos; União; Campo Largo do Piauí e Nazaré do Piauí. Com três caravanas às cidades de São José do Divino; Caraúbas do Piauí; Cocal da Telha; Jatobá do Piauí; Demerval Lobão; Pio IX e Picos. Oportunamente, com quatro caravanas às cidades de Miguel Alves; Castelo do Piauí; Porto e Cabeceiras do Piauí. Com seis caravanas às cidades de Pedro II; Piracuruca; Buriti dos Lopes e Floriano. Luís Correia com oito caravanas; Batalha, Esperantina e José de Freitas todas com nove caravanas.

A cidade de Piripiri com onze; Altos com treze caravanas; Campo Maior com quinze; Parnaíba com dezessete. Teresina se destaca com cento e trinta e sete caravanas registradas. Curiosamente, a capital piauiense conta com o Santuário - Paróquia de São Francisco de Assis, localizado no bairro Dirceu I de Teresina. E onde milhares de fiéis festejam a memória do "Il Povorello" de Assis.

Provenientes do Estado do Ceará, as sólidas e robustas caravanas religiosas, com uma caravana às cidades de Acopiara; Ararendá; Aurora; Barbalha; Barreiras; Barroquinha; Bitupitá; Campos Sales; Caridade; Catunda; Croata; Eusébio; Forquilha; Granja; Groaíras; Guaramiranga; Hidrolândia; Horizonte; Ibiapaba; Nova Russas; Meruoca; Ocara; Novo Oriente; Pacujá; Palhano; Pedra Branca; Pindoretama; Potiretama; Varjota; Uruburetama; Itapebussu; Itatira; Jaguaruana; Jardim; Massapê; Reriutaba; Russas; São Gonçalo do Amarante; Tabuleiro do Norte e Taperuaba.

Com duas caravanas os municípios de Aracoiaba; Aratuba; Beberibe; Boa Viagem; Brejo Santo; Camocim; Itaitinga; Jaguaribara; Jijoca de Jericoacoara; Madalena; Maracanaú; Monsenhor Tabosa; Morada Nova; Pacajus; Pacoti; Pentecoste; Poranga; Quiterianópolis; Martinópole; Santa Quitéria; São Benedito; Tamboril; Tauá e Uruoca. Adiante, com três inscrições estão Aracati; Baturité; Cariré; Chaval; Guaiuba; Ibiapina; Itapajé; Milhã; Mulungu; Pacatuba; Palmácia; Paracuru; Paramoti; Quixadá; Quixeramobim e Tururu. Com quatro caravanas Aquiraz; Fortim; Independência; Ubajara; Viçosa do Ceará e Juazeiro do Norte. Com cinco nomeações os municípios de Acaraú; Apuiarés e Ipueriras. Com seis cadastros às cidades de Caucaia; Capistrano; Carnaubal; Cascavel; Frecheirinha; Graça; Guaraciaba do Norte; Ibicuitinga; Itapipoca e Ipu. Com sete caravanas as cidades de Crateús e Sobral; Tianguá com nove. Fortaleza com setenta e sete.

Com representações do Rio Grande do Norte com as cidades de Frutuoso Gomes, Serrinha dos Pintos, Extremoz, Macaíba, Açu, Parnamirim e São Bento do Norte todas com uma caravana cadastrada. Com duas inscrições as cidades de Lagoa Nova, Mossoró, Macau e

Pureza. Adiante, com quatro caravanas às cidades de Currais Novos e São José do Mipibu. Seguidamente com cinco caravanas as cidades de São Gonçalo do Amarante. Com dez caravanas a cidade de Ceará-Mirim e com trinta e quatro caravanas a cidade de Natal. Nessa catalogação identificamos a transitoriedade das missões franciscanas, a irradiação mística e mítica do Santuário e o movimento das caravanas religiosas como responsáveis pelo santuário eminente móvel.

Figura 26 - A bênção e a entrega oficial da encomenda na 21ª Romaria Caminhada da Fé



Fonte: Arquivo Próprio. 3.10. 2017

Figura 27 – Acolhida da Romaria N. Senhora de Lourdes – Aquiraz - CE



Fonte: Arquivo Próprio. 3.10. 2017

O Santuário acolhe muitos peregrinos que costumam vir em caravanas buscar e agradecer pelas bênçãos alcançadas. Durante a festividade, as caravanas religiosas são recebidas pela Assessoria de Romarias do Santuário de Canindé e pelos Frades Menores com a entrega simbólica da condecoração e benção da água benta.

Somos sabedores de que o primeiro veículo a motor desembarcou em solo cearense na virada do século XX. De acordo com Menezes (2002) a cidade de Fortaleza era uma capital acabrunhada de urbanidade. A cidade possuía três avenidas. Desassistida de sinalização e revestida por bondes puxados a burros. Os proprietários do primeiro veículo decidiram ir à Canindé durante as festas de São Francisco das Chagas. Historiadores dizem que o automóvel foi transportado dentro de um vagão de trem, entre Fortaleza e Itaúna, dali em diante foi puxado por burros. O primeiro automóvel adentra ao Santuário de Canindé em busca da proteção divinal. Hoje, no Santuário de Canindé, à questão da mobilidade é dilatada com o uso dos “carros de apoio”, transportes coletivos e carros particulares.

Na condição de narrador-observador capturamos as narrativas da Caravana Maria Salgado – CMS criado em 1935 e da Romaria Dom Joaquim – RDJ fundada em 1958. Posteriormente, assumimos a condição de narrador – peregrino com a experiência do 5º Passeio Ciclístico Fortaleza à Canindé, da 32ª Moto Romaria Fortaleza à Canindé e da 37ª Romaria do Codó à Canindé.

Reconhecidamente, a peregrinação é uma extensa fonte de apreciações. Um campo dos mais variados saberes. Para Van Gennep (1977) a peregrinação é a coexistência de quatro momentos interdependentes e simultâneos. A “saída do espaço cotidiano” interpretado como a liberação do mundo estrutural; o “percurso” iniciado; a “expectativa da chegada” ao lugar-sagrado; e o “retorno ao cotidiano”, agora com a expectativa restaurada.

5.2 A Romaria Dom Joaquim - RDJ

A primeira audição ocorreu na antiga residência localizada na Rua Dom Joaquim, por nº 275, no Bairro da Praia de Iracema, na cidade de Fortaleza. Nesse local, por volta de 1958, cinco pessoas de uma mesma família andaram a pé, no percurso de ida e volta entre as cidades de Fortaleza e Canindé. Nos anos seguintes a adesão dos amigos mais próximos e de outros familiares de Raimunda Gomes Braga e José Alves Braga. O primeiro milagre foi a cura das vias aéreas do ferroviário aposentado, por intermédio de São Francisco das Chagas de Canindé.

Passado cinco décadas, a resistência e a memória. Centenas de pessoas, todos os anos, unem-se em fé junto a Romaria Dom Joaquim - RDJ. No percurso, as pessoas cruzam quatro cidades (Fortaleza, Maranguape, Caridade e Canindé). São quatro dias de peregrinação e 120 km percorridos a pé. A pernoite fica por conta das instalações alugadas nas localidades de Sapupara, Ladeira Grande, Penedo, São João do Amanari, Itapebussu e Lagoa do Juvenal⁴⁶. Para contextualizar melhor a discussão, o acostamento é o lugar obrigatório e seguro para a travessia.

A deliberação é para que os peregrinos andem de dois em dois, fila indiana, com o auxílio de lanternas e de coletes refletores. Nos locais de apoio, há pausa para hidratação, descanso, alongamento, asseio, refeição e pernoite. Em relação aos banhos à orientação para o uso consciente da água. Banho com tempo estipulado de cinco minutos para cada participante.

Segundo a RDJ são realizados quatro encontros preparativos com os participantes e uma confraternização antes da partida. Nos encontros são repassadas as informações de segurança na travessia, assinaturas do termo de compromisso e o preenchimento cadastral individual. O uso das redes sociais como instrumento de comunicação e marketing. A rede social, em princípio, foi utilizada principalmente informar sobre o itinerário da peregrinação, fotografias, horários e medidas de segurança. Novo olhar da comunicação com a organização do *Manual da Caravana da Romaria da Dom Joaquim (RDJ)*⁴⁷. Nada se move sem planejamento da coordenação.

Ao estudarmos as características e análise de conteúdo qualitativa das publicações das caravanas, a concepção do Estatuto da Romaria Dom Joaquim (RDJ), especialmente no art.14º, parágrafo que diz a caminhada é “sem conforto, incômodo e sujeito a maus tratos, sem privilégios, revestida de sacrifício, Penitência e renúncia, tanto por parte física como

⁴⁶ No percurso, a saída de Fortaleza à Canindé perfaz um trajeto com 1,6 km da Igr. Sagrado Coração de Jesus; 1,5 km da Igr. N. S. dos Remédios; 10 km da Quadra Poliesportiva da Parangaba; 1,9 km até o local do acidente de 1985 com a oração do terço, seguindo o trajeto de 3,5 km até o Anel Viário; a 3,8 km a Entrada de Maracanaú e a 1,8 km o Posto da Polícia Rodoviária Estadual (PRE). Saindo de Fortaleza, caminha por 7,4 km até a entrada de Maranguape; mais 6,7 km a Tabatinga; 2,8 km a Ladeira Grande; 2,0 km a Colominjuba; 1,7 km a Umarizau; 2,0 km a Penedo; 4,6 km a Fazenda Vitória; 1,8 km a Fazenda Nazaré e 2,1 km a Massapê. Prossegue por mais 7,1 km até Amanari; 7,1 km a Itapebussu; 4,2 km ao local do segundo acidente de 2002 com a oração do terço; adiante mais 1,8 km até a Lagoa do Juvenal; 2,0 km a Entrada da BR - 020 e 2,0 km ao Bar do Farofa. Avança 7,3 km por Campos Belo; 13,1 km até a Entrada de Paramoti; 3,0 km ao Posto Marajó. Continua a 6,8 km a Caridade; 6,2 km a São Domingos; 3,0 km a Ponte do Camarão; a 4,6 km a Cerâmica; a 0,4 km a Vista de Canindé; a 1,8 km a Ponte sobre o Rio Canindé; a 1,6 km ao Posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF); a 1,3 km a Entrada principal de Canindé; a 2,0 km a Entrada da cidade de Canindé; a 200m a Creche com até da manhã e concentração de apoio. Logo após a saída em procissão até a Basílica de Canindé e a participação da celebração eucarística em Canindé.

⁴⁷ Para participar da RDJ é preciso apresentar duas fotos 3x4, adquirir a camisa do evento, ser maior de 18 anos e, no caso de menores de idade, estar devidamente acompanhado de um responsável legal e apto fisicamente para a caminhada. Durante as reuniões, os participantes têm acesso ao calendário com a programação antes do cortejo.

alimentícia e a hospedagem, sendo tudo livre aceitação pessoal, voluntariamente aceito e assumido”. Indagou-se ainda sobre a finalidade do uso do *Regimento Interno com os Mandamentos do Romeiro* e a composição de 20 artigos⁴⁸ que vão desde o empenho de participar, passando pela disposição física até a responsabilidade individual do peregrino na romaria. A seguir, o registro do encontro.

Figura 28 - Participação da 1ª Reunião de Preparação da Romaria Dom Joaquim



Fonte: Autoria Própria, 2018. Registrada 29/07/2018.

É importante apontar, antes de qualquer coisa, o acesso ao documento intitulado por *Inconveniências ao Evento da RDJ*. No corpo a formação de 21 artigos⁴⁹. Regras básicas de convivência social. Certamente, as normas contribuem para instituir um ambiente de respeito e de advertência aos comportamentos considerados desrespeitosos, agressivos, rebeldes ou delituosos. Além do mais, os organizadores da caravana abordam junto ao romeiro a *Consciência Ecológica da RDJ*, momento em que a comunicação trata sobre o

⁴⁸ Os artigos do Regimento Interno com os Mandamentos do Romeiro são 1º. Decisão de seriedade à peregrinação; 2º. Real interesse ao conhecimento da caminhada; 3º. Fé; 4º. Confiança em Deus e nos seres celestiais; 5º. Digna participação em atos religiosos; 6º. Sanidade física e mental; 7º. Espírito de aceitação ao sofrimento do corpo; 8º. Uma preparação física, psíquico, orgânico e espiritual; 9º. Participação nos sacramentos da Confissão e Eucaristia; 10º. Humildade, respeito e honestidade; 11º. Encorajamento e entusiasmo; 12º. Senso de religiosidade; 13º. Interiorização antes e durante a jornada; 14º. Manutenção do silêncio nos repousos demorados; 15º. Conduta cautelosa em via pública; 16º. Zelo, respeito e agradecimento às hospedagens oferecidas; 17º. Colaboração, ideias e aperfeiçoamento dos objetivos da RDJ; 18º. Ser instrumento da Paz e Bem; 19º. Obediência ao comando da romaria; 20º. Aceitar realizar este evento com total responsabilidade individual.

⁴⁹ Na *Inconveniências ao Evento* estão os artigos: 1º. Desconhecimento da caminhada; 2º. Incerteza ou decisão ociosa do evento; 3º. Portador de doença contagiosa, cardíaca e insanidade mental; 4º. Despreparo físico e/ou espiritual; 5º. Ser toxicômano; 6º. Vício alcoólico; 7º. Gula; 8º. Incredulidade; 9º. Desrespeito; 10º. Agressividade; 11º. Desonestidade; 12º. Isolamento ou pressa excessiva; 13º. Negligência de conduta em via pública ou repouso; 14º. Falta de convivência sócio religiosa; 15º. Indisciplina e desinteresse; 16º. Rebelia e protestos inconvenientes; 17º. Atos obscenos e/ou palavras indecorosas; 18º. Qualquer prática delituosa; 19º. Calúnias, intenção maliciosa, espírito crítico; 20º. Materialismo, ateísmo; 21º. Conduzir quaisquer produtos nocivos à saúde.

descarte correto do lixo, o uso consciente da água, o não desperdício do alimento e a substituição do copo descartável. A seguir, o registro do Manual da Romaria e do Termo de Adesão Livre e Voluntária.

Figura 29 - Itinerário da Romaria Dom Joaquim (Manual da Romaria



Fonte: Autoria Própria, 2018. Registrada em 29/07/2018

Figura 30 - Termo Declaratório de Adesão do Peregrino

ROMARIA DOM JOAQUIM
1958-1958

INSTRUMENTO DECLARATORIO
(Arts. 368 e 369 do Cód. Proc. Civil)

Por este instrumento particular eu, _____
DECLARO para todos os fins e efeitos, que a minha participação na viagem-caminhada, de Fortaleza à Canindé (Santuário de São Francisco das Chagas), Basílica daquele município no período de _____ a _____ de _____ de _____, agregando-me ao conjunto de pessoas denominadas de "ROMEIRAS" formando-se uma peregrinação denominada popularmente de "ROMARIA DOM JOAQUIM", é de minha espontânea e livre adesão, sem qualquer indução ou coação.

DECLARO que são dos meus conhecimentos, nesta peregrinação:

- Falta de proteção ou segurança em via pública, em todo percurso;
- Não haver prestação de serviços por parte de pessoas;
- Ausência de assistência médica, hospitalar, enfermagem e afins;
- Não conduzir armas brancas, de fogo, bebidas alcoólicas, produtos tóxicos, drogas e afins;
- Possuir deficiências físicas, doenças infecto-contagiosas e/ou anomalias físico-mental, que impossibilitem ao evento programado;
- Outros incovenientes que prejudiquem o objetivo da Romaria;
- Não tomar nenhuma atitude envolvendo o nome da Romaria Dom Joaquim sem antes consultar os Coordenadores Gerais.

DECLARO, outrossim, que sou de minha inteira responsabilidade no decorrer da viagem-caminhada:

- Todas as despesas no decorrer do evento quer diretas ou indiretamente;
- Quaisquer riscos de vida em via pública e/ou nas passadas;
- Meu isolamento dos grupos deromeiros;
- Acidentes pessoais sob todas as formas;
- A bagagem, pertences pessoais, jóias, dinheiro e outros;
- Qualquer delito praticado de si ou contra terceiros;
- Em caso de morte, assumem meus familiares, parentes ou tutores;

Desta forma, ainda **DECLARO**
 Aceito realizar este evento no período acima exposto, não tendo nada a reclamar, no presente ou no futuro, ou propor quaisquer direitos ou indenizações sob qualquer título ou forma, em juízo ou extrajudicialmente.

Dou, assim, plena e geral aceitação, a quem for de direito.

Fortaleza (CE), ____/____/____.

INSCRIÇÃO _____

Fonte: Autoria Própria, 2018. Registrada em 29/07/2018

Além dos mais, a Romaria faz uso do *Facebook*, blog e *Youtube*. No blog o conteúdo nominado por *Diário da Travessia* traz as informações de sobrevivência na estrada, dicas de como trafegar pelo acostamento e os instrumentos individuais de segurança.

Recordando as narrativas das peregrinações entre os anos 70 e 80, do século XX, as memórias das fichas telefônicas como o único meio de comunicação existente na época. Os peregrinos mais antigos rememoram assim “levávamos fichas para fazer as ligações. Cada uma durava 3 minutos de conversa. Fazíamos uma fila imensa de espera para falar com os nossos familiares de Fortaleza”. Nas leituras reatualizadas, o sacrifício de agora é “ficar sem carga no telefone celular, sem sinal e sem internet”.

Frente a esses resultados podemos afirmar que, o discurso da gratuidade, da solidariedade e da subsidiariedade nutrem com frequência as caravanas religiosas. Os peregrinos mais experientes referiam “ao caminho como o retorno à gratuidade daquilo que Deus já doou”, “o caminhar é uma adesão livre ao sacrifício” e “a peregrinação a pé é a experiência mais humilde e semelhante com a vida de São Francisco de Assis”.

Diante das ressignificações dos discursos, “a romaria não é uma competição de quem chega primeiro”, “ande conforme o seu passo”, “tenha em mãos o kit de primeiros socorros⁵⁰” e “não abandone o uso contínuo dos remédios”. As orações e jaculatórias como “Maria, passa à frente!”, “São Francisco, Rogai Por Nós!” e “São Miguel Arcanjo protegei-nos!”. E o discurso lírico do caminho “lá o céu é outro”. Notabilizamos, as ressignificações dos valores associados ao tempo (tempo da festa), ao espaço (santuário) e ao deslocamento (romaria). Digno de nota, as pequenas coisas que deixamos de fazer por quaisquer que sejam os motivos que adquirem novos valores. O “valor” do banho mais alongado, do conforto dos quartos, da convivência com os familiares e o uso da internet. Acompanhando a máxima o peregrino reforçar “conheço para onde vou e conheço que me convidou”.

5.3 A Caravana Maria Salgado - CMS

Na senda das narrativas, a Caravana Maria Salgado – CMS. De acordo com a história, a peregrinação é principiada em 1935, na Rua Teresa Cristina nº 272, entre as Ruas Senador Alencar e São Paulo, no centro de Fortaleza, uma família cuja mãe padecia por conta

⁵⁰ Quanto ao “kit de primeiros socorros”, ocorre a referência aos componentes indispensáveis como esparadrapos, gases, algodão, curativo, creme cosmético, protetor infantil, vaselina e absorventes femininos. Esse último é utilizado adicionado dentro dos tênis junto às palmilhas para amortecer as pisadas e diminuir a proliferação das bolhas nos pés. Para drenar o líquido presente nas bolhas, há o uso das agulhas de costura, linha e álcool com cânfora.

das graves enfermidades rogaram à São Francisco das Chagas de Canindé por um milagre⁵¹. Desde então são 80 anos de tradição e quatro gerações de estrada.

Em 2016, os primeiros encontros com uma das coordenadoras da CMS. Em 2018, a participação no encontro de preparação. Segundo os membros da CMS, “a peregrinação não é um simples um ato de viajar, contudo é procura por aquilo que ainda não possuímos”. Essa alocução acende a dimensão do ser incompleto e que caminha na busca do sentido e do significado. Para os participantes da CMS a peregrinação é uma inclinação irresistível de encontrar o sobrenatural. Se essa pergunta continua a ser feita obteremos a resposta “a peregrinação é uma experiência de fé e uma decisão intransferível”.

Entre as décadas de 30 e 40, do século XX, as pessoas peregrinavam a pé com o auxílio de tração animal(carroças), em trajetos de ida e volta com 21 dias de duração. Hoje, a promessa a pé é apenas de ida e a duração é de 3 a 4 dias. Outro fator importante são as estradas de terra batida e os riachos e lagoas acompanhavam o trajeto. Segundo as narrativas, os pioneiros da CMS foram os genitores Maria Salgado e Liberato Salgado que viajavam acompanhando dos três filhos pequenos Edson, Eurides e Tereza Salgado. Em 1935 a cidade de Fortaleza exibia, timidamente, os primeiros passos do progresso, sob o Governo de Moreira Lima.

Na capital, o surgimento dos bairros como a Aldeota, a interligação com os bondes e às primeiras linhas de ônibus. Não tardou para que as comparações nostálgicas “antigamente é que era bom”, “naquela época, ir à cidade de Canindé era mais difícil. Era preciso muita coragem e fé”. Portanto, um discurso nostálgico de auto referenciação. No presente, o tratamento mítico da história ao dizer “quando pomos o pé na estrada, nos unimos em coração com o Santo, conosco e com os nossos antepassados”. Ainda em relação ao tempo, “os animais eram requisitados para o transporte dos peregrinos, mantimentos, utensílios e roupas”.

Além disso, “os antigos faziam fogueiras para cozinhar, para afugentar animais e para iluminar a escuridão da noite”. Com relação a hidratação, “a água era transportada em moringas, cabaças e reservatórios”. A chance de encontrar água era mais fácil. “Os antigos cavavam rasamente e descobriam água para beber”.

⁵¹ De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CIC) (1993), a promessa é o compromisso de fazer algo, efeito de prometer àquilo que foi estabelecido através de um voto de confiança. Segundo o documento, o cristão “é convidado a fazer promessas a Deus. Por devoção pessoal, o cristão pode também prometer a Ele este ou àquele ato, oração, esmola, peregrinação etc” (CIC, 1993, § 2101).

Na descrição sucinta e clara narram “nas sacolas a farinha, açúcar, sal, feijão e milho. Amarrado a cintura o cantil de água e a faca. Nos pés as alpercatas franciscanas. Sobre as cabeças, o lenço e o chapéu”. Habitualmente, os “homens usavam camisas de manga longa de linho e calças, já as mulheres vestidas até abaixo dos joelhos”. Ao longo do tempo a substituição das carroças por camionetes e caminhões, automóveis particulares e ônibus.

No processo de ritualização e legitimação da promessa os coordenadores narram “caminhamos como se estivéssemos adentando o Corredor da Basílica de Canindé. O Santo não foi à casa de ninguém pedir para que se fizessem essa viagem. Você faz em sinal de agradecimento ou por um pedido de graça”. Para mais detalhes da estrada, “quando fechamos os olhos para descansar no primeiro dia, imaginamos as nossas casas. O conforto da cama, a segurança da casa, os compartimentos, os espaços de convivências e as pessoas”. Do segundo dia em diante, “vamos perdendo a visão da casa e passamos a mergulhar mais intensamente no caminho. No terceiro dia já não lembramos mais das nossas casas. E já almejamos a chegada ao Santuário”.

Provavelmente, isso está relacionado à presença da ideia de “atravessar o corredor iniciado, ainda, na Parangaba. O que deixamos para trás não nos interessam. Perdemos aos poucos tudo! Para que no final encontremos tão-somente a nós”. Forte referencia da perda da demarcação do tempo e de suas obrigações. “É vivido outro tempo e esse tempo adquire um novo valor. É um tempo diferente. E essa viagem é uma lição constante”.

O redirecionamento dos valores adentra as refeições. “O almoço é a representação da família. A mesa resume a dignidade humana. O direito de sentar-se à mesa e fazer a sua refeição. A figura dos lugares. O lugar do pai à mesa, da mãe e o meu lugar”. A estrada faz assumir entidades opostas, “na estrada não há lugares separados. O almoço e o café são servidos em uma lona de caminhão disposta no chão. É preciso agachar, abaixar, deitar para encontrar com a comida e com o outro”. Ressaltam as obrigações da fila. “A fila indiana é uma regra de convivência social. A fila passa a trabalhar em nós à espera, paciência, o ceder o lugar aos mais velhos e cansados. É uma completa ruptura do cotidiano. É preciso adaptar às novas conjecturas. Aqui está a grandeza da peregrinação”.

Constatamos que a aceleração dos deslocamentos físicos e simbólicos transformaram a sociedade. E que cada indivíduo tem seu tempo, sua subjetividade, seu papel e sua existência. Dando a ênfase a democratização a representação do discurso da alteridade, “na nossa caravana vai deputado, médico, professor, advogado, juiz, dona de casa,

aposentado, desempregado, doente, aflito, pobre, católico e espirita. Todos são bem-vindos”. A seguir, os registros do encontro da CMS.

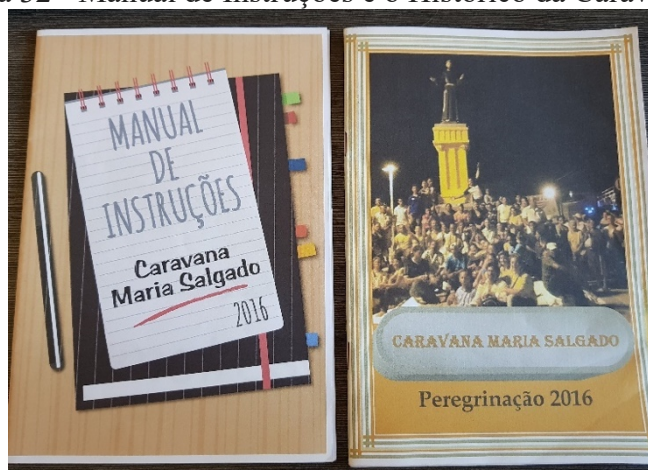
Figura 31 - Participação da Reunião da Caravana Maria Salgado



Fonte: Autoria Própria, 2018. Registrada 15/09/2018.

Em relação à operacionalidade da CMS ⁵² a disposição do caminhão-baú, de automóveis particulares e um ônibus na cobertura logística da travessia. A seguir, os registros do manual e do histórico da CMS.

Figura 32 - Manual de Instruções e o Histórico da Caravana Maria Salgado



⁵² Em relação à segurança pública, ocorre a cobertura da PMCE durante a travessia na BR - 020 com as inspeções da PRF. O uso de rádios comunicadores, aparelhos telefônicos e apitos dão o comando para acelerar e desacelerar. “Assim como os seguranças são os olhos e os ouvidos, o apito é a voz”. Além dos seguranças, há as atuações dos motoristas, cozinheiros e descarregadores. Em relação às despesas da CMS de 2018, as contribuições individuais para a aquisição “da mistura”, ou seja, para a compra da carne bovina, suína e o frango são de R\$ 30,00 por indivíduo. Além do mais, a contribuição para remuneração do pessoal de apoio, descarregadores, motoristas e cozinha também é de R\$30,00 por indivíduo. Os custos relativos às diárias dos ranchos têm variação de valores entre R\$7,00 a R\$ 10,00 por pouso. Na contabilidade, é importante que oromeiro tenha um reserva para cinco dias contado com a partida e a chegada. O valor do banho no Rancho é estabelecido por cada proprietário. Outra recomendação é para a entrega de uma cesta básica e um fardo de água para as refeições compartilhadas na caminhada por pessoa/família.

Fonte: Autoria Própria, 2016.

Privado ao anonimato, “efetivamente, estamos presenciando, ao longo dos anos, o aumento dos riscos de assaltos, estradas com trechos não iluminados e esburacadas, animais soltos e carcaças não recolhidas, tudo é lastimável”. Para os participantes da CMS a caminhada tem uma propriedade penitencial e orante. Contam “prefiro me incomodar com o conforto espiritual, do que com o conforto físico”.

Com relação a formatação dos manuais de convivências sociais estão o *Manual da Caravana Maria Salgado* e os artigos⁵³ que prezam pela máxima coesão do grupo. Nesse manual a disposição das fases da romaria: a) *preparação da peregrinação*, como sendo à disposição física, a revisão de vida ou a confissão sacramental; b) *o deslocamento* e os instrumentos indispensáveis para a segurança como lanternas, cordas, coletes, tênis e medicamentos; c) *o retorno* seguro para a vida cotidiana.

O Manual de Conduta traz as normas em relação à postura e os direitos e deveres do peregrino. Também aborda, resumidamente, as questões sobre a ética, respeito, gentileza e religiosidade. Há ainda as recomendações aos motoristas⁵⁴ com destaque às normas de trânsito. Os *Mandamentos do Romeiro*⁵⁵ baseados no respeito as diferenças individuais e convivência pacífica. E suscitando fortalecimento de vínculos entre os membros, por meio de estímulos de afeto, cuidado responsivo e exercitando as competências internas. Os Manuais

⁵³ Sob os pontos, 1 - Por questão de segurança, os Romeiros devem andar em grupos; 2 - Um grupo não pode se distanciar do outro por mais de 20 metros; 3 - Os Romeiros devem sempre andar no acostamento, quanto às mulheres, não podem caminhar sozinhas na estrada; 4 - Os horários de saída dos ranchos são: durante o dia às 15h da noite às 03h da madrugada e devem ser cumpridos rigorosamente; 5 - O terço será rezado, em comunhão com todos os Romeiros, diariamente às 17h30min; 6 - Durante os dias de caminhada, qualquer participante deve abster-se de bebidas alcoólicas; 7 - Recomenda-se, também, uso de roupas comportadas, as mulheres evitando: transparências, decotes exagerados, vestidos, saias e shorts muito curtos, os homens evitando andar sem camisa, tanto nos ranchos como na estrada.

⁵⁴ Dentre os mandamentos estão 1º - por medida de segurança, os motoristas devem conduzir seus carros sempre juntos e durante à noite, só podendo se distanciar ao nascer do sol; 2º - é proibida a parada de carro nos acostamentos da Estrada. Caso tenha necessidade de parar o seu veículo, deve-se estacionar fora do acostamento; 3º - na estrada, a atenção com os romeiros é fundamental. Precisa parar e esperar depois que o último romeiro passar; 4º - durante os dias de caminhada, abstenha-se de bebidas alcoólicas, mesmo que não esteja dirigindo; 5º - recomenda-se o uso de roupas decentes, portanto, mesmo com calor, não ande sem camisa nos ranchos ou na estrada; 6º - ao passar por um romeiro da caravana, diminua a marcha para observar se está tudo bem, pois alguém pode necessitar de sua carona; e 7º - mesmo que você não esteja cumprindo uma promessa, procure se adequar às regras, cumpra rigorosamente com os horários da romaria.

⁵⁵ Entre os mandamentos estão 1º - procure ser um instrumento da Paz e do bem; 2º - mantenha a conduta de seriedade e responsabilidade a peregrinação; 3º - dê exemplo de fé e senso de religiosidade, mostrando confiança em Deus e São Francisco das Chagas; 4º - caminhe sempre com humildade, respeito e honestidade; 5º - mantenha atitude de encorajamento e entusiasmo para com seus irmãos de caminhada; 6º - faça o uso do silêncio nas horas de repouso; 7º - mantenha contra cautelar em via pública; 8º - tenha zelo, respeito e agradecimento a hospedagens oferecidas; 9º - procure colaborar com ideias para aperfeiçoar os objetivos da caminhada; e 10º - mantenha obediência ao comando da romaria.

laboram como alavancas para o acesso as informações técnicas e apropriação simbólica quanto o sentido do pertencimento e do existir da peregrinação⁵⁶.

Para um melhor entendimento da operacionalidade da caravana, a perambulação é dedicada ao Santo das Chagas e está dentro de um calendário religioso pré-definido. A disposição dos peregrinos e visitantes os voluntários trabalham na preparação dos alimentos, na condução e no pernoite dos participantes⁵⁷, desse último caso a alocação de casas, alpendres e quartos.

Fazendo memória o Livro da Novena, da Paróquia de Canindé (1984), a exortação das “promessas extravagantes”, assim contar

Deve-se tomar cuidado para não fazer promessas extravagantes ou muito difíceis de serem cumpridas. Promessas que prejudicam a família ou estragam a saúde devem ser evitadas. Mas ninguém pode dispensar de uma promessa; necessita da licença do padre ou do confessor. Também não se deve fazer promessa para outra pagar (SANTUÁRIO DE CANINDÉ, 1984, p.4).

Como parte do aconselhamento aos coordenadores das caravanas:

Pedimos aos fretantes de ônibus ou caminhões que, por bondade, dirijam-se ao centro de informações para comunicar de onde vieram, quantas pessoas trouxeram etc. Fora deste centro de informações, temos uma banca na casa dos Milagres e, na estação rodoviária, a paróquia tem uma banca de informações (SANTUÁRIO DE CANINDÉ, 1993, p.8).

Da mesma forma a exigência do peregrino com o:

⁵⁶ Mencionamos os artigos 1º - Para ingressar na Caravana, é necessário contato e autorização dos dirigentes; 2º - Participe da reunião que a caravana Maria Salgado costuma realizar antes da caminhada. Nesse encontro, há trocas de experiências e orientações importantes; 3º - Na bagagem inclua roupas leves, sapatos confortáveis (com que você já tenha o hábito de andar), meias ou sensores de proteção das articulações, rede e cordas, lençol, toalha de banho e produtos de higiene pessoal (incluindo o protetor solar e o papel higiênico); 4º - A mão tenha sempre uma lanterna (para a caminhada noturna), água, lanche e dinheiro trocado; 5º - Não se esqueça de acrescentar na sua bagagem copo, prato e talheres devidamente marcados; 6º - Leve consigo um kit de primeiros socorros: remédios para dor de cabeça, dores de barriga e musculares, pomada para assaduras, esparadrapos, gases, algodão, álcool, repelente e *band-aid*, agulha e linha (durante a caminhada tem sempre alguém especialista em furar bolhas que nascem nos pés); 7º - Na Caravana existe um veículo próprio para transportar as bagagens e os Romeiros bem como alimentos e utensílios de cozinha necessários na caminhada; 8º - Os dirigentes da caravana não se responsabilizam pelo extravio ou desaparecimento de objetos e pertences. Portanto, não se esqueça de marcar e lacrá-los devidamente; 9º - Todos os Romeiros cooperam nas despesas da Caravana, nelas estão inclusos: remuneração do pessoal de apoio; contribuição para o almoço; contribuição para a diarista dos ranchos; entrega de uma cesta básica por pessoa; 10º - Por cautela e prudência não é aconselhável crianças caminhar na estrada, mesmo na companhia de um adulto; 11º - Medida de segurança sugeriu o uso do colete refletivo de trânsito tipo X na estrada. A caminhada é de inteira responsabilidade do peregrino.

⁵⁷ Quantitativamente são 9 casas em Maranguape; 4 casas, 1 abrigo e 1 alpendre no distrito de Ladeira Grande; 3 casas e 1 abrigo na Lagoa do Juvenal; 4 casas e 1 abrigo em Campos Belos; 3 casas no Posto Marajó (no Distrito da Caiçara); 4 casas e 1 abrigo na cidade de Caridade; 2 alpendres, 1 casa e 1 galpão no município de Canindé. Além dos pontos de pouso, há os pontos de café espalhados no Posto Sol Nascente, Ladeira Grande e Fazenda Papagaio. Territorialmente, os almoços estão distribuídos em Lagoa do Juvenal, Caiçara e Camarão.

Cuidado para não fazer promessas difíceis de serem cumpridas. Nem promessas contrárias às determinações da Igreja ou para outros pagarem. E, aqui, fica um aviso muito sério para àqueles que fazem promessas de batizar o filho em Canindé, fazer primeira comunhão ou se casar. Antes de vir dirijam-se ao Vigário, a preparação e tragam autorização por escrito. Sem isto é impossível pagar tal promessa. Não sendo possível pagar a promessa, pode pedir dispensa ou mudar. Mas fale com um padre daqui de Canindé. Melhor com o confessor (SANTUÁRIO CANINDÉ, 1988, p.5).

Não há um modelo pré-definido para entendermos por completo o peregrino, a caminhada e a caravana religiosa. Nessa imersão suscitamos as discussões relacionadas ao catolicismo penitencial e a religiosidade- turística. Deverás são inúmeros aspectos que levam centenas de pessoas ao Santuário de Canindé. Diante da experiência como o santuário, o que se projeta com a pós-romaria?

Depois de fazer a Romaria à Canindé, sua caminhada tem que continuar em sua comunidade, lutando por água, terra, saúde, educação, emprego, direitos sociais. Um filho de Deus sempre é também um bom cidadão. A caminhada tem que continuar em sua comunidade participando das rezas, para que Cristo seja o sustento de sua vida: o bom Romeiro ler a palavra de Deus. O bom romeiro não compactua com as injustiças. O bom Romeiro pratica a caridade. Romeiros de São Francisco são mensageiros da Paz. Romeiros de São Francisco não andam armados e nem gostam de violências. Romeiros de São Francisco cuidam com carinho da natureza, dos animais e das plantas. Romeiros de São Francisco são cristãos engajados em suas comunidades. Romeiros de São Francisco gostam dos pobres e defendem seus direitos (CANINDÉ, 2004, p. 52).

Realmente não há respostas simples para as leituras das caravanas. Atualmente, contemplamos caravanas turísticas, caravanas religiosas, caravanas políticas, caravanas esportivas, com manifestações públicas e individuais, conscientes e inconscientes, por motivos materiais e imateriais, unidas ao cristianismo ou por outras denominações religiosas. A peregrinação mantém, ainda, a forma efêmera e fluída, um modelo de sociedade que sonha e que não extinguiu as utopias ou pelo menos ainda não suprimiu os horizontes.

5.4 O Comboio da Moto Romaria

Como parte do trabalho de interpretação resultante de uma investigação narrativa e experimental. A experiência da Moto Romaria de Fortaleza à Canindé ou da Moto Romaria do Maia considerada a maior moto romaria realizada no Estado do Ceará e uma das maiores do Brasil. A procissão das motos congrega 30 mil motocicletas.

Na idealização da moto romaria, o engenheiro mecânico Edson Peixoto Maia. Em 2016, o primeiro encontro na Avenida Tomaz Coelho, de nº 41, no Bairro da Messejana⁵⁸, na cidade de Fortaleza. Em 2018, a experiência sobre duas rodas. Todo esse esforço investigativo está assentado na geografia da percepção. Especialmente, porque “meios de transportes é um fenômeno recente. Até o século XIX, o normal era que a peregrinação fosse feita a pé” (CARDITA, 2012, p.197).

Para os coordenadores, a moto romaria é um ato de fé e um espaço de confraternização para os *aficionados por duas rodas*. A MPO – 056/2015 (Manual de Procedimentos Operacionais: Autorização de Eventos) normatizou, ainda, mais a segurança viária das rodovias e estradas federais. Instrumento em consonância com o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) especialmente quanto da fiscalização dos eventos que possam alterar ou obstruir a livre circulação de veículos e pedestres, ou mesmo dispor de riscos à segurança coletiva e individual. Além do mais, a moto romaria deve apresentar com antecedência o Projeto do Evento e o Plano de Segurança do Evento.

A Moto Romaria de Fortaleza à Canindé não é a única peregrinação sobre duas rodas para o Santuário de Canindé⁵⁹. O evento é aberto e reunir milhares de fiéis. A adesão é desimpedida de pagamentos de taxas, tributos ou inscrições. Uma das formas de colaborar espontaneamente é com a doação de mantimentos ou com a compra da camisa do evento.

⁵⁸ Por detrás do balcão, há a simpatia e a atenção de Edson Maia, um aperto forte de mão e o convite para sentar. Antes, o olhar atento ao relógio de parede, “meu amigo, a agenda de hoje está cheia”. A referência do tempo é referente à agenda com entrevista à Rádio O Povo CBN e à Rede de Televisão Local, no horário do Jornal da Manhã, à tarde os últimos preparativos na Superintendência Regional da PRF no Ceará e a revisão da moto. Nas mãos do pesquisador o aparelho celular, Moto X Play 4G Dual-Chio 32GB ED e o aplicativo gravador de Voz (*Green Apple Studio*), a conversa durou 37h52min (uma capacidade de memória 35510KB acumulada na memória).

⁵⁹ No campo identificamos as moto romarias cearenses provenientes de Viçosa do Ceará (272,6 km); Aquiraz (139,9 km); Jaguaribara (301,5 km); Ocara (127,0 km); Cariré (174,9 km); Fortaleza (117,9 km); Santa Quitéria (104,1km); Baturité (82,9 km); Horizonte (158,0 km); Catunda (142,4 km); Tejuçuoca (86,6 km); Paramoti (43,5 km); Reriutaba (161,8 km); Morada Nova (181,9 km); Ipu (177,9 km); Itatira (70,3 km); Tamboril (170,0 km); Boa Viagem (106,0 km); Pindoretama (158,0 km); São Gonçalo do Amarante (145,0 km); Guaramiranga (69,4 km); Graça (201,6 km); Ubajara (224,4 km); Redenção (97,6 km); Pedra Branca (197 km); Tianguá (242,8 km); Tururu (148,1 km); Caucaia (113,7 km); Varjota (145,9 km); Paracuru (179,5 km); Martinópolis (198,29 km); Guaraciaba do Norte (185,0 km); Pacatuba (108,0 km); Ipeiras (186,2 km); Acopiara (240,2 km); Quixadá (99,9 km); Camocim (280,4 km); Groaíras (175,3 km); Granja (254,0 km); Aratuba (43,8 km); Uruoca (210,6 km); Apuiarés (92,7 km); Itapipoca (172,1 km); Ibicuitinga (145,7 km); Morada Nova (181,9 km); Milhã (217 km); Hidrolândia (136,0 km); Palhano (202,6 km); Acaraú (254,3 km); Cascavel (173,0 km); Taberuaba (89,5 km); Pacujá (185,6 km); Juazeiro do Norte (424,3 km); Itapebussu (61,2 km); Beberibe (193,0 km); Monsenhor Tabosa (175 km); e Aracoiaba (76,8 km). Há motorromarias provenientes do Estado do Pernambuco, da cidade de Bodocó (527,5km) próximo a Santana do Cariri e Araripe. Do Estado do Piauí, há a Motorromaria de Teresina (517,1 km), de Piri-piri (354,3 km), de Domingos Mourão (262,4 km); de José de Freitas (502,3 km) e de Luis Correia (387,3 km). Do Estado do Rio Grande do Norte estão registrados a Motorromaria de Serrinha dos Pintos (393,6 km) e Mossoró (346,8 km).

Edson Maia narra que a tradição da moto romaria aconteceu logo após o acidente de trânsito. “Em 1984 sofri um grave acidente de moto, na Avenida Beira Mar, nas proximidades da Rua do Atlético Cearense. Tinha óleo derramado na pista e aí eu derrapei, caí e me apeguei logo a São Francisco”. A promessa perpétua faz nascer a maior moto romaria do Estado do Ceará. Com o tempo, o compromisso adquiriu proporções que ultrapassaram dezenas, centenas e milhares de participantes. São motociclistas procedentes da capital, cidades metropolitanas e de outras cidades do interior cearense.

A respeito da graça conta “meu pai era devoto de São Francisco. A minha mãe e eu fomos criados dentro do catolicismo e muito devoto à São Francisco. Saí com bastante queimadura do acidente. E naquele instante, pedi à São Francisco para a minha recuperação imediata. Prometi que iria à Canindé, todos os anos, de moto”.

O comboio tem uma duração de 2h30min no trajeto de ida ao Santuário de Canindé, uma velocidade média de 50 e 60 km/h. Em condições normais o trajeto é realizada em 1h30min. Adentrando a cidade, os motos romeiros dirigem-se a Praça dos Romeiros ou Praça de Assis para receber a benção das motos, dos capacetes, da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e da CNH.

Os motos romeiros declaram que viajam porque receberam muitos motivos para agradecer. São histórias de recuperações dos acidentes de trânsitos, emprego, recobrimento de enfermidades, quitações de dívidas, sucessos em intervenções cirúrgicas e livramentos. No corpo da moto romaria estão os usuários, aficionados por motocicletas, servidores públicos, autônomos, empresários, funcionários de aplicativos, mototaxistas, motoboys e motofretistas, entre tantos outros. Segundo Beckhäuser (2007, p.22) o homem, permanentemente, peregrina à procura de Deus, “à procura de uma perfeição perdida: o paraíso perdido e a esperança de encontrá-lo, o céu”.

No *slogan* da moto romaria a descrição “homens e máquinas num ato de fé”. Segundo a organização, o evento faz parte do Calendário Nacional da PRF/Nacional. Do lado de fora da moto romaria, os espectadores participam com acenos, registros fotográficos, aplausos, risos, orações e cartazes. Homens e mulheres posicionados nos acostamentos, recuos, canteiros e calçadas. As margens da BR - 020 os mendicantes.

Durante o campo as narrativas sobre a importância e os perigos das motocicletas. “Com o trânsito cada vez mais caótico, a moto ganha importância nas grandes cidades”; “as motociclistas estão entre as principais vítimas dos acidentes de trânsito”, “o cenário é assim

motoqueiro abusa na velocidade e motoristas trocam de faixa sem avisar”. Sobre a autonomia financeira e móvel, “a moto me deu liberdade e dinheiro para conquistar minha vida”.

Dentro da moto romaria a visibilidade das micro caravanas, associações, representantes de empresas, moto clubes e motoristas de primeira viagem. De acordo com a PRF, a “Operação Mão Única” conta com interdições temporárias no Trevo de Maranguape - km 358; na abertura do distrito de Campos Belos, 348 km; no acesso a cidade de Paramoti, km 335; na entrada da cidade de Caridade, km 326; e no final na entrada de Canindé, km 308. Segundo a PRF, os maiores cuidados dos agentes são com a etilismo ao volante, as regulamentações das empresas de turismo, o uso de cinto de segurança e o assento especial para crianças. A atuação prossegue na operação assim como em outros feriados prolongados.

Com relação a estrutura de segurança das caravanas a recomendação para a concepção do Plano de Controle de Trajeto (PCT) com a 70 agentes e 20 viaturas da PRF/CE. Policiais do Estado do Ceará e dos estados vizinhos. A instituição convergiu seu efetivo no patrulhamento ostensivo e preventivo, especialmente, em locais e horários de maior incidência de acidentes e de criminalidade. Frisa-se também as medidas logísticas da moto romaria: um caminhão guincho, dez moto batedores particulares, ambulâncias do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) dispostas nas entradas dos municípios e a atuação colaborativa do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE), da Guarda Municipal de Canindé e da Polícia Militar do Ceará (PMCE). Em toda a operação os agentes abordam a questão da documentação pessoal e do veículo, o estado de conservação do automóvel e ações educativas com a finalidade de alertar motoristas e passageiros. A seguir, os registros fotográficos da operacionalidade do evento.

Figura 33 – Motos batedores particulares na 32ª Motor Romaria Fortaleza - Canindé



Fonte Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE. 16.09.2018.

Figura 34- Carros de apoio na 32ª Motor Romaria de Fortaleza - Canindé



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE. 16.09.2018.

Figura 35 - Caminhão-oficina na 30ª Motor Romaria de Fortaleza - Canindé



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE. 18.09.2016.

Figura 36- Espectadores, ao longo do cortejo, acenando e intercedendo pelo êxito da viagem



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE. 16.09.2018.

Figura 37 - Concentração e saída da 32ª Motor Romaria de Fortaleza - Canindé



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE.2018.

Figura 38 - As territorialidades dos motos clubes



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE.2018.

Figura 39- Territorialidades das micros caravanas



Fonte: Arquivo do Autor. Av. Mister Hull em Fortaleza - CE.2018.

A recomendação do distanciamento seguro entre os veículos e o uso individual dos equipamentos de segurança. Ao longo da travessia, os atos de solidariedades com a distribuição voluntária e individual das cestas básicas para famílias carentes. Entender as interações pertinentes com a *solidariedade* nos ajudam a compreender a própria coexistência dos indivíduos em sociedade. Durkheim faz referência à essência de uma *consciência coletiva*, como um conjugado de valores, noções morais, ideias e costumes que são partilhados entre os sujeitos do grupo.

De outro lado descobrimos as *dinâmicas sociais contemporâneas*: política, econômica, cultura, institucional e religiosa. Sobre os *territórios*, as demarcações das fronteiras, dos interesses e das referências. À luz do debate sociológico e geográfico reconhecemos a imbricação entre as relações sociais e os mercados, entre peregrinação e turismo. Dentro da peregrinação os indivíduos são agregadores e influenciadores de comportamentos alheios. E que as escolhas de um indivíduo são relativas as escolhas e comportamentos de outros indivíduos.

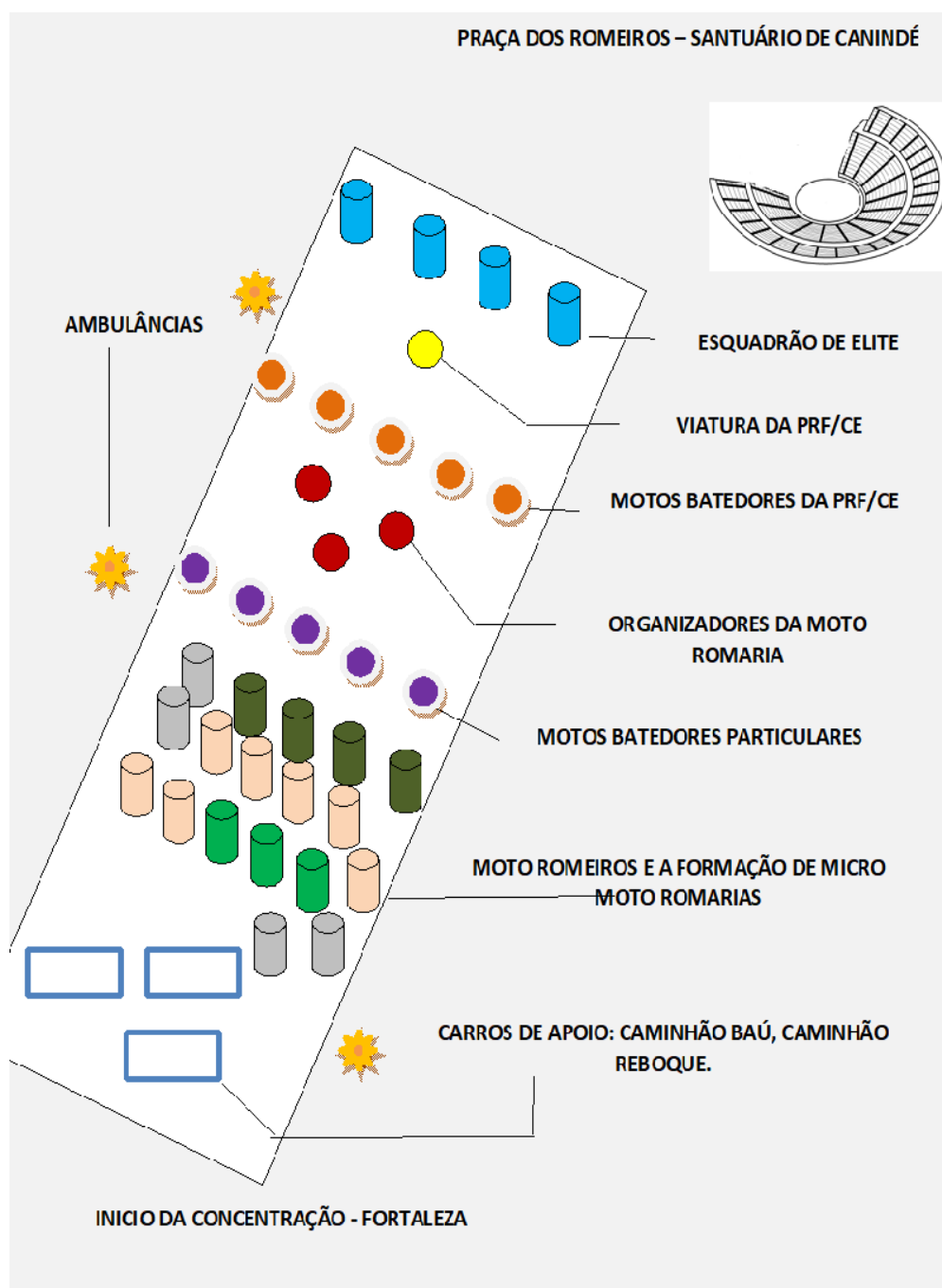
Continuando com a análise, vemos que as caravanas criam estruturas que asseguram a função de manutenção da ordem. A rede é a representação mais usada para designar ou qualificar os sistemas e as estruturas organizacionais. Segundo Capra (2001) as pesquisas acadêmicas sobre as redes receberam disposições intensamente interdisciplinares, ancorados em correntes do pensamento sistêmico e às teorias da complexidade. Conforme Castells (2002) as ciências sociais expuseram as redes conformadas a partir da difusão do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação. Para o autor as tecnologias provisionam toda a estrutura social e lógica de redes.

Com toda certeza, as experiências pessoais são configuração aberta. Os indivíduos continuaram a viver a experiência de conhecer a *rede aberta*. Cada vez mais pessoas têm se dado conta disso e por isso têm mantido identidades fluídas. Neste contexto, com base nos até aqui desenvolvido a seguinte suposição: as caravanas religiosas passam a existir devido as *redes informais* e os múltiplos laços de conexões mística, mítica, comunicacional e logística.

Atento a moto romaria identificamos as *hierarquias* reveladas, de forma bem evidente, no estilo vertical da pirâmide. Já a rede como uma composição de parceiros, indivíduos e micros motos romarias estabelecidas na horizontalidade.

Para a melhor desenvolvermos as concepções dos conceitos expomos a constituição da rede de território endógeno da moto romaria:

Figura 40 - Processo de ocupação do espaço e demarcação de determinados territórios por grupos sociais dentro da moto romaria.

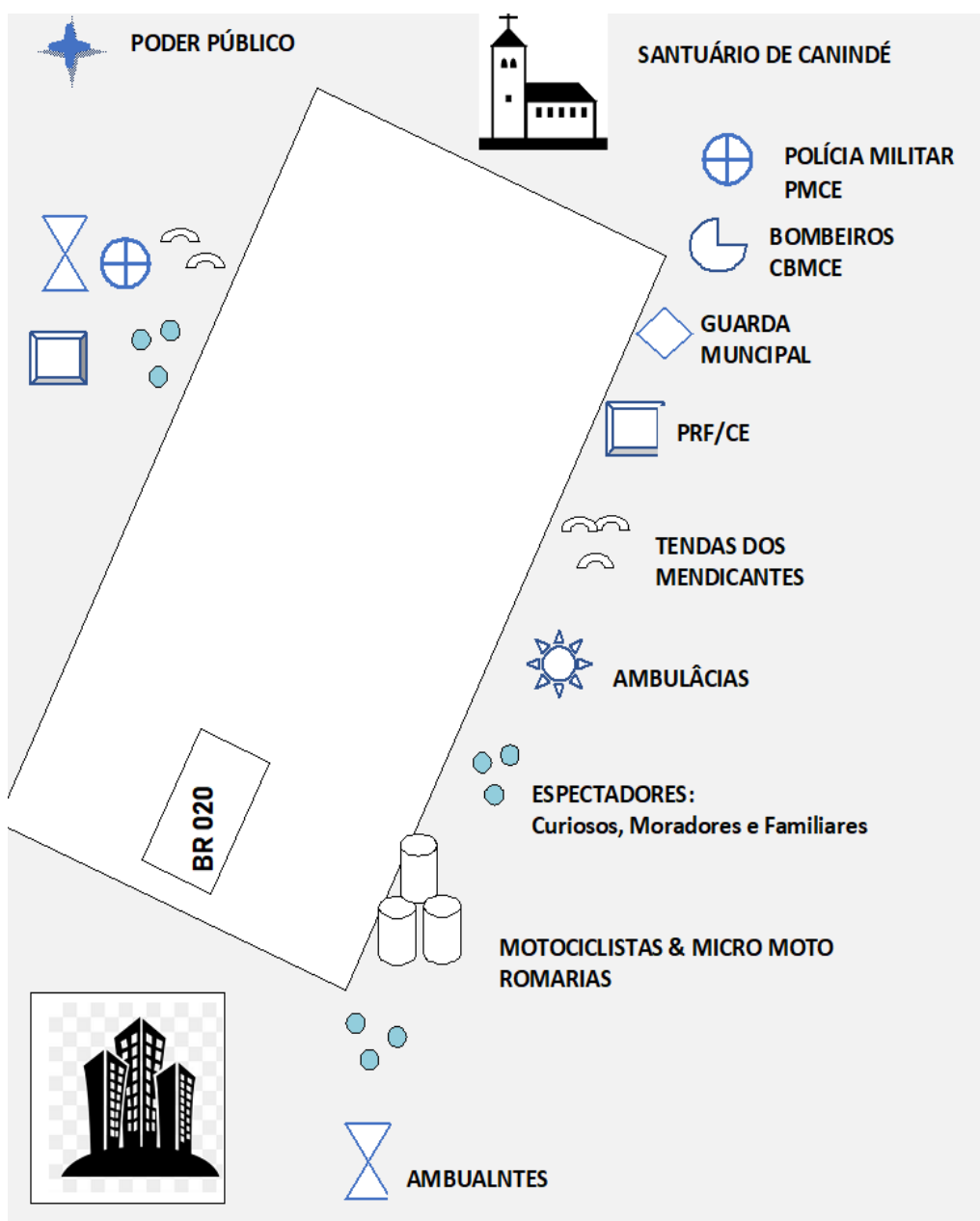


Fonte: Autoria Própria, 2018. Inspirado no escrito de Jörn Seemann (2005).

As *conexões em rede* são estabelecidas a partir de valores compartilhados e objetivos comuns. Utopias, sonhos, emoções e as razões pelas quais permanecem juntas e regulam os conflitos coletivos. Para que esse ambiente se componha ao longo do tempo é necessária uma cultura de confiança que induz à animação, cooperativada e circulação.

A seguir a constituição da rede de território exógeno.

Figura 41– Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do lado de fora da moto romaria



Fonte: Autoria Própria, 2018. Inspirado no escrito de Jörn Seemann (2005).

As caravanas religiosas vêm angariando experiências estéticas modernas, nos termos de redefinição e modulação da peregrinação e de turismo. O que notamos na é o fim do congelamento do “arquétipo do peregrino penitente” e o prevalectimento da “narracão do sofrimento reeditado” levaram a novas possibilidades de compreensão crítica desta experiência espiritual.

Na chegada ao Santuário de Canindé, a recepção com fogos de artificios, o badalo dos sinos da Basílica e os carros de som. O cortejo dos motos romeiros cruzam as principais

ruas da cidade e adentram à Praça dos Romeiros. Do lugar mais alto da Praça, uma comitiva de jornalistas, radialistas, convidados, frades franciscanos, funcionários públicos e do próprio Santuário dão as boas-vindas aos motos romeiros⁶⁰.

Ao fundo, a música ecoa e na letra os versos “eu venho de moto, venho correndo risco, mas eu não me importo/, venho ver São Francisco, enfrento o que vier, pois guiado na fé, em duas rodas chegarei à Canindé”. As motociclistas estacionam e prosseguem a pé em direção ao altar para receber “benção dos capacetes”. Nas mãos dos motociclistas as chaves dos transportes, das residências, dos estabelecimentos comerciais, capacetes, CTPS, fotografias, roupas, terços, água e CNH. A seguir a acolhida na Praça dos Romeiros

Figura 42 - Acolhida dos motos romeiros na Praça dos Romeiros



Fonte: Arquivo do Autor. Praça Romeiros em Canindé. 16.09.2018.

Regressando as memórias das rodovias, as visibilidades dos invisíveis (mendicantes) e das tendas improvisadas. Famílias inteiras acenam em direção ao cortejo. Aguardam uma ajuda em dinheiro, vestimentas, mantimentos ou brinquedos. Um das cenas mais espantosas foram os arremessos dos donativos na direção ao acostamento.

Como parte da promessa, os motoristas diminuem a velocidade das motocicletas, aproximam-se dos acostamentos e lançam naquela direção em direção pequenos pacotes com macarrão instantâneo; alimentos embutidos, carnes processadas, salsichas e mortadelas; doces, balas e brinquedos; salgadinhos e biscoitos. Outros param e fazem a doação de cestas básicas

A seguir, os registros fotográficos:

⁶⁰ Autoria do Canto Miscigenação, a Letra e Música Jota Batista, cantada por Walter Guimarães. A Acolhida aos Motociclistas, Letra e Música Jander Silva/Pascom.

Figura 43– As tendas ao longo da Rodovia BR – 020



Fonte: Arquivo do Autor. BR - 020. Sentido Fortaleza à Canindé. 16.09.2018.

Figura 44– Solidariedade ao longo da Rodovia BR – 020



Fonte: Arquivo do Autor. BR - 020. Sentido Fortaleza à Canindé. 16.09.2018.

Ao longo da rodovia presenciamos barracas são improvisadas com papelão, palha, lona e retalhos de tecidos. Servem de proteção do sol. Com o término da moto romaria a dispersão dos motoqueiros. Participantes visitam a Basílica, a Casa dos Milagres e a Estátua de São Francisco. Outros se congregaram na sede do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Alguns vão à Beira D'Água Clube de Regatas, onde aprazem da ducha de chuveiro e experimentam a culinária local.

A experiência de peregrinar possibilitou a contemplação da paisagem do acostamento, equipamentos de segurança, fluxos, infraestrutura, ambientes de apoio (postos de combustíveis, oficinas mecânicas e borracharias), postos de fiscalizações, entre outros espaços. A proliferação das caravanas religiosas são exemplos da demonstração das redes sociais concebidas pelas aspirações de renovação da vida familiar, financeira e social. A caravana religiosa permite a experiência humana individual com graus relativos de

autonomia, todavia profundamente entrelaçado com a experiência humana coletiva, com graus de poder e organização, que condicionam em sua natureza o espaço autorizado a produzir, visibilizar e legitimar bens simbólicos.

5.5 As Ciclos Romarias à Canindé

A hipermodernidade acelerou o movimento, o volume de pessoas transportadas e a experiência com o lugar. As bicicletas estão presentes nas cidades com o nome de magrela, bike, bici, camelo, caranga, cargueira, barra circular ou *mountain bike*. A bicicleta é um meio de transporte que disputa o espaço urbano com veículos motorizados e pedestres. E em determinados momentos condicionam estereótipos de classes.

É a companheira das academias, parques urbanos, compartilhamentos urbanos, aplicativos de comida, patrulhamento policial, serviços de entrega, entre outras funcionalidades. Com base na SISROMARIAS (2010/2018), a presença de *ciclo romaria estadual* e *ciclo romaria interestadual*. Interestadual o destaque para a Ciclo Romaria de José de Freitas do Piauí (distante a 540 km).

Por confissão de fé, quatro romeiros de São Francisco pedalam da Comunidade de São do município de José de Freitas, no Piauí ao Santuário de Canindé. Um percurso de 15 dias, com paradas para hidratação, descanso e pernoite. Além do mais, a identificação da Ciclo Romaria de Timon (522 km) do Estado do Maranhão, a Ciclo Romaria de Teresina (516,4 km) e de Altos (475,1 km) ambos no Piauí.

Em relação a ciclo romaria estadual, a presença de Columinjuba e São João Batista ambos distritos de Maranguape (118,6 km); a Ciclo Romaria do Bairro Demócrito Rocha de Fortaleza (117,9 km), a *Bike Romaria Filhos de Águia* da cidade do Eusébio (133,1 km); do distrito de São Domingos em Caridade (30 km). Com as mesmas características, a Ciclo Romaria das Comunidades Unidas de Itaitinga (125,4 km) e a da cidade de Aracati (261,2 km), a Ciclo Romaria de Paramoti (43,5 km) e a da cidade de Caucaia (113,7 km).

Outros eventos estão sendo inseridos como Ultramaratona dos 100k de Fortaleza à Canindé com 17 horas de duração, 120 km de percurso e um seleto grupo de superatletas. O Desafio *Singletrack* Fortaleza à Canindé com deslocamento de *mountain bike* pelas trilhas do Maciço de Baturité em direção ao Sertão de Canindé. No trajeto, os ciclistas cruzam os territórios de Maranguape, Palmácia, Pacoti, Guaramiranga, Mulungu, Caridade até o

Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé, concluindo um percurso de aproximadamente 180 km e 3 dias de duração.

[Entre] laçando as experiências, as entrevistas e de depoimentos com a organização do 2º Ciclo Pedal da Fé Fortaleza – Canindé. Segundo Francisca Katiane Rocha Castro, Kaká Pedal, o evento demanda um denso planejamento, recursos financeiros, parcerias, mobilizações com a comunidade e divulgação. Planejamento conta com a ficha de inscrição, a confecção das camisetas e troféus para cada participante. Segundo a organização, a “atividade faz muito bem à saúde e pode ser praticada em qualquer idade”.

Segundo a coordenadora são inúmeros nomes dados aos eventos de ciclismo, a conhecer citamos a ciclo viagem, ciclo turismo, *mountain bike* enduro, ciclo pedal, circuito urbano, ciclo romaria, eco pedal e *bike* romaria. Eventos que contam com a participação de ciclistas amadores, atletas profissionais, ciclos batedores (acompanham o cortejo), ciclos varredores (os últimos do comboio) e o pelotão de elite (dando ritmo a ciclo romaria). Em campo usufruirmos da dinâmica de uma *rede interna* e *externa* e que para sobreviver se reatualiza. Afinal, as redes sociais precisam da confiança e do empenho dos indivíduos para a sua expansão.

Para os participantes, a “peregrinação é essencialmente uma prática ritualizada. A ritualização caracteriza a seriedade e a devoção”. Essa prática revela a importância simbólica porque “comporta o corpo e as emoções”. Completam a “ciclo romaria é uma inspiração religiosa com aderências de amizade, esporte, superação, qualidade de vida, liberdade, saúde e mobilidade”. No Brasil essas bicicletas têm aplicações bem específicas e são destinadas para o trabalho pesado. A seguir os registros fotográficos com o troféu aos participantes, o cartaz do evento e a figura do “monarkeiro”.

Figura 45 – O troféu do 2º Pedal da Fé - Fortaleza à Canindé



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 20.09.2018.

Figura 46– A imagem do cartaz referente a ciclo romaria



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 20.09.2018.

Figura 47 – A figura do “monarkeiro” na ciclo romaria



Fonte: Arquivo Cedido pela Kaká Pedal, 2018.

Ao longo desse mesmo percurso, encontramos as praxes referentes a elaboração de ofícios, carros de apoio, plano de segurança, plano de mobilidade e patrocínios. Quanto ao uso obrigatório dos itens de segurança as recomendações para a atenção ao capacete, luva, roupas de ciclismo, óculos de proteção e sinalizadores. Adiante, e experiência etnográfica ou geoetnográfica com a ciclo romaria.

A adesão ao passeio no 5º Passeio Ciclístico Fortaleza à Canindé em 2018. O evento contou com a adesão de 120 ciclistas, 10 ciclistas batedores e varredores, 3 motos socorristas, 2 ônibus, 1 van e 1 caminhão. O evento ciclístico surgiu em 2013 com um grupo de amigos do bairro do Conjunto Ceará, na cidade de Fortaleza. E ao longo dos anos, o evento vem ganhando a adesão de novos participantes.

Um dos desafios enfrentados é a sensação da hipnose da estrada. Um estado mental em que o ciclista pedala por horas, inconscientemente, coligando nesse deslocamento o cansaço físico e mental. Nos primeiros quilômetros, a atenção redobrada para os semáforos e os cruzamentos, às precauções com as mudanças de faixas e os fluxos dos automóveis dentro da cidade de Fortaleza.

Aos poucos, a cidade vai ficando para trás e novas sensações vão surgindo. No cortejo, a companhia das histórias de superações, causos e até piadas. Em relação aos sentimentos envolvidos com o ciclismo a auto percepção, autoestima, amizade, liberdade, responsabilidade, solidariedade e comprometimento consigo e com o outro. Ao longo da rodovia, as residências vão ficando mais recolhidas. Os muros cedem o lugar para as cercas de arame farpado. A paisagem de concreto, a fuligem e o barulho perdem espaços para o campo, brisa da noite, o balir das cabras e das ovelhas, o relincho das vacas, o vento das folhas, o brilho e o cortejo das estrelas cadentes.

No contexto da segurança, a coordenação e a equipe de apoio estão atentas aos limites físicos, a trafegabilidade dos automóveis e as ultrapassagens nas pontes. Com relação as sinalizações universais do corpo do ciclista observamos os braços erguidos para chamar a atenção na pista, para a manutenção controlada da velocidade, para o não distanciamento do grupo e para a prudência no guiamento e frenagens. Assim nos descrevem “para os ciclistas o motor é o nosso próprio corpo”, por isso “precisamos de um bom apoio, hidratação, descanso e alimentação em todo o percurso”. Abaixo, registramos a toda logística operacional do evento:

Figura 48 - Transporte logístico das bicicletas e dos mantimentos para os ciclistas.



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 10.11.2018.

Figura 49 - Ônibus de apoio aos ciclistas do 5º Passeio Ciclístico



Fonte: Arquivo Próprio, 2018.

Figura 50– Carro de som e de apoio dos organizadores do evento



Fonte: Arquivo Próprio, 2018.

Emoldurados pelas experiências, a constatação das territorialidades dos ciclistas representadas pelos *ciclistas de elite*, *ciclistas amadores*, *ciclistas de staff*, *ciclistas varredores* cortejando os últimos participantes, *ciclistas batedores* ou *puxadores* que vão à frente do comboio, dando ritmo e velocidade. Acompanhando, a presença permanente de motos socorristas, dos Agentes da BPRE/CE (polícia militar), PRF/CE (agentes federais) e carros de apoio (caminhão baú, ônibus e a van). No acostamento, a solidariedade entre as pessoas, incentivo e o respeito pelos novatos, troca de pneus ou consertos emergenciais. Nas paradas obrigatórias para ciclistas para descanso, alongamento, alimentação e hidratação.

Na memória do passeio ciclístico noturno, a projeção das luzes dianteiras e traseiras das bicicletas desenhavam um grande círculo ciclo moderno. A maratona tem duração de 8 horas, com 115 km percorridos entre a cidade de Fortaleza à Canindé e 4 paradas de apoio.

A seguir, outros registros

Figura 51 - Paradas obrigatórias para ciclistas do 5º Passeio Ciclístico na BR- 020 em Caridade



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 11.11.2018.

Figura 52 – Premiação, camisa e o cartaz de divulgação do evento



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 11.11.2018.

Os desdobramentos de nossas pesquisas se mantiveram no entendimento da missão de superar os limites humanos. No percurso, o compartilhamento das experiências, das histórias imperfeitas e infinitamente valiosas. E o aprendizado a atenção integral e valorização dos diferentes sujeitos. Ressaltamos que os encontros não eram necessariamente focados nas histórias de vida, mas nas experiências com a estrada. Triangulação esta no circuito da produção, consumo e distribuição do lugar.

Figura 53 – Ônibus de apoio e moto socorrista



Fonte: Arquivo Próprio, 2018. Registro em 11.11.2018.

Neste sentido, Bourdieu prioriza os “campos de poder”, onde as relações sociais asseguram aos seus membros um nível de força social legítima do poder. Canindé é o lugar de das relações sociais de dominação, interações simbólicas (comunicação), das trocas simbólicas atualizadas entre os locutores e os respectivos grupos. Por fim, nas palavras de um ciclista, “quando temos essa noção, tudo fica mais fácil. Porque Ele (Deus) está em todas as coisas e em todos os lugares. Ele (o Santo) é a força da nossa decisão de ir em peregrinação”.

5.6 A Diocese de Coroatá, no Maranhão

Como parte da pesquisa elegemos a ida a Diocese de Coroatá (MA)⁶¹ e a visita a cidade de Coroatá e Codó. Além do mais, a inspeção a Romaria da Sr. Chiquinho, a antiga Romaria das Carretas. A especificidade da metodologia ilustrando-a com dois estudos o primeiro o Santuário de Canindé e o segundo a cidade de Codó. Este estudo dirige-se ao

⁶¹ Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enquanto organização é formada por uma unidade Matriz, situada em Brasília (DF) e 18 unidades regionais, sendo 3 na Região Norte, 5 na Região Nordeste, 3 na Região Centro-Oeste, 2 regionais e os outros 5 no Sul. O Estado do Maranhão faz parte do Regional Nordeste 5 da CNBB que é composto por 12 Dioceses, a reconhecer a Arquidiocese de São Luís e as Dioceses de Balsas, Brejo, Carolina, Caxias do Maranhão, Coroatá, Bacabal, Grajaú, Imperatriz, Pinheiro, Viana e Zé Doca.

encontro do potencial, das contribuições e dos benefícios oferecidos entre as “cidades-irmãs” das romarias rodoviárias.

Codó é célebre devido as festas afro-religiosas (terecô), festejo do mestre Bitá do Barão no mês de agosto e os festejos juninos. Em 2018 vistamos o Bispo Dom Sebastião Bandeira, em Coroatá, sede da diocese homônima. Uma região, anteriormente, habitada por índios Barbados, Guarani, Tupi, Timbiras e Canelas. Aqui, os lusitanos aportaram na bacia de São Luís por volta da primeira metade do século XVII. E lentamente percorreram os rios Itapecuru, Mearim e Guará.

Segundo Calmon (1983), o Rio Itapecuru permitiu que ocorressem as “trocas” comerciais e culturais entre os conquistadores do litoral e os índios do sul maranhense. Para Bandeira (2000) os exploradores entraram pelo Rio São Francisco e, assim, descobriram um vasto interior. Eram ambientes inabitados ou com baixas densidades populacionais. Favoráveis para as instalações das fazendas e currais. Nas palavras de Costa (1997, 2004) esses criadores de gado adentraram a região do Rio São Francisco e expandiram os currais rumo aos rios Canindé, Parnaíba e Itapecuru.

De acordo com Gancho e Toledo (1990), a pecuária foi a força da economia colonial e, graças ao gado, o interior do Brasil foi ocupado. Consoante, Barros (2005) alega que o “sertão” constituía toda terra que estivesse distante da costa brasileira. No processo de ocupação e de colonização do Maranhão, Coelho Neto (1979) e Meireles (2001) narram que depois dos silvícolas, os adventos das migrações dos brancos europeus, dos negros africanos escravizados, dos comerciantes sírio-libaneses na primeira metade do século XX e a quinta migração dos flagelados das secas em busca da terra prometida.

Eclesiasticamente, o território da Diocese de Coroatá pertencia à Diocese de São Luís. Coroatá era confiada a um Vigário Forâneo, ou seja, sede de uma “forania” até 1958. Em 1977, o Papa Paulo VI editou a Bula *Qui benevolentissimi Dei* desmembrando o território da Arquidiocese de São Luís do Maranhão. O primeiro bispo foi Dom Reinaldo Ernst Heribert Pünder que faleceu 2011 e, hoje, quem preside é Dom Sebastião Bandeira Coelho⁶².

⁶². Nascido em 31 de janeiro de 1959, é ordenado sacerdote em 18 de julho de 1984. Assumindo diversas funções até ser nomeado pelo S.S Papa João Paulo II, em 2004, Bispo Auxiliar na Arquidiocese de Manaus. Em 2010, Papa Bento XVI o nomeia como Bispo Coadjutor da Diocese de Coroatá - MA e, no ano seguinte, Bispo Diocesano. Em suas palavras, há o “desafio de construir uma igreja pobre com os pobres, mas que partilham verdadeiramente os seus bens”. O lema do seu episcopado é “Comunhão e Esperança”. O Brasão Episcopal apresenta como símbolos: a *crux* em sinal da doação de vida; a *água*, o penhor da vida nova em Cristo Jesus; a *barca*, a peregrinação com esperança; o *pão* como a comunhão; e o *sol*, a representação da nova terra e do novo céu.

Em relação ao corpo eclesial a formação de quatro zonas pastorais⁶³. A Diocese⁶⁴ é composta por 23 paróquias distribuídas em 16 municípios. Têm como os limites territoriais a Arquidiocese de São Luís do Maranhão, as Dioceses de Brejo, de Caxias, de Bacabal e de Viana. (COROATÁ, 2016, 2017).

A Diocese de Coroatá representa a *Igreja Aderida aos Valores Sociais*⁶⁵, resistência, justiça social e integridade da vida. Consoante, participamos das celebrações religiosas, da vida comunitária, da visita pastoral e do cotidiano da cidade. Dessa forma, compartilhamos as narrativas de uma evangelização concentrada na autonomia do indivíduo e na descolonização da espiritualidade da “religiosidade opressora⁶⁶”.

Em geral, o maranhense é um povo de fé. Próximo a Coroatá a memória do Santo Vaqueiro. São Raimundo Nonato dos Mulundus, santo popular, nascido na localidade de Nova Olinda, a 20 km de onde hoje é a sede da cidade de Vargem Grande, em 31 de outubro de 1700 e morto por volta de 1732. Os indícios das primeiras festividades remontam de 1832. De acordo com Matos (2015), o catolicismo maranhense é edificado a partir de uma religiosidade popular e uma espiritualidade desabrochada na mítica do herói⁶⁷.

⁶³ Representadas pelo Zonal I constituído pelos municípios de São Mateus (Paróquia São Mateus); Alto Alegre (Nossa Senhora da Conceição); Peritoró (Nossa Senhora das Graças e do Bom Caminho) e Coroatá (Nossa Senhora da Piedade e São Raimundo Nonato). Com o Zonal II, a cidade de Codó (as Paróquias de São Sebastião, Santa Rita e Santa Filomena, São Raimundo, São Pedro, São Francisco, Santo Antônio e Santa Teresinha) é a cidade com o maior número de paróquias. Além da cidade de Codó, Timbiras (Nossa Senhora dos Remédios). Já o Zonal III, o município de Vargem Grande (São Sebastião); Nina Rodrigues (Nossa Senhora da Conceição); Presidente Vargas (Santa Luzia) e Itapecuru-Mirim (Nossa Senhora das Dores). Por fim, no Zonal IV, a delimitação do território com a cidade de Anajatuba (Nossa Senhora do Rosário); Ararí (Nossa Senhora das Graças); Miranda do Norte (Nossa Senhora Aparecida); Matões do Norte (São José); Cantanhede (Nossa Senhora da Conceição) e Pirapemas (Nossa Senhora da Conceição).

⁶⁴ No campo, o reconhecimento da Congregação das Irmãs Franciscanas Siessen; a Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas; das Irmãs da Divina Providência; das Irmãs Franciscanas de Reute; das Irmãs Missionárias do Apóstolo Católico (Palotinas); dos Monges Beneditinos Maria Mãe de Deus, localizados no Mosteiro do Bom Pastor em Coroatá; das Irmãs Franciscanas Solano; das Religiosas do Amor de Deus; das Irmãs Missionárias Filhas de Jesus Crucificado; das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado; das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus; das Irmãs Josefinas e dos Missionários Palotinos, além da atuação intensa de incontáveis leigos.

⁶⁵ Em defesa dos índios, do reconhecimento da demarcação dos territórios indígenas; titulação das áreas de remanescentes de quilombos; desenvolvimento integral da pessoa no campo e na cidade; direitos das comunidades tradicionais, das questões fundiárias e agrárias tardias. Na defesa dos trabalhadores e o enfrentamento da expulsão dos moradores do campo em razão do êxodo rural.

⁶⁶ Identificamos nos discursos as rupturas de uma religiosidade “não libertadora”, uma religiosidade “escravista” construída a partir da figura do apadrinhado-padrinho (Santo e devoto) que regulariza certo conformismo social.

⁶⁷ Segundo a tradição, a mãe Maria Soares dos Santos Cangaçu e o pai é José da Conceição Cangaçu, vaqueiro e lavrador. Certa vez, Raimundo Nonato selava o seu cavalo com os amigos e em seguida saiu em disparada atrás de uma vaca. Tardando em retornar, os amigos regressaram para sem a sua presença. O fato é que, um determinado dia, os vaqueiros encontraram o corpo de Raimundo Nonato Soares Cangaçu intacto, incorruptível e com o odor de rosas perfumadas. Na visita de sétimo dia a sua sepultura, os colegas e os familiares constataram que o corpo do vaqueiro havia sido levado do lugar onde estava sepultado. A força irradiadora da incorruptibilidade do corpo mais a mística do desaparecimento atribuíram à santidade imediata. Passado os anos, novos mistérios, enredos, devoções e milagres foram atribuídos. Hoje, milhares de peregrinos vão ao Santuário

Outra demonstração de fé ocorre na Rodovia Estadual MA - 026, na altura do km 17, na área rural do município de Codó. No local, o *Memorial do Pardinha*. Um espaço consagrado a devoção popular. No local um túmulo e centenas de ex-votos com laudos médicos, exames, mamografias, fotografias e cartas. Nos relatos orais, “pardinha” é a designação dada aos pássaros encontrados nessa região. O pássaro também é conhecido como “sangue de boi”, devido ao tom avermelhado das penas, “cafofa” e “fogo-pago”.

Muito provavelmente, era um jovem carente, “menino de favores” e sem família. Certo dia foi encontrado sem vida. Seu corpo estava coberto de pardais e sem vestígios de putrefação. O povo logo atribuiu-lhe santidade. No mesmo local em que foi encontrado morto, anos depois, às margens da Rodovia Estadual MA – 026, uma capela foi erguida em sua homenagem.

Assim como Pardinha do Maranhão, no Brasil, espalham-se inúmeras outras devoções associadas aos santos populares e aos mártires⁶⁸. Há divergências em relação à data do seu falecimento (1933 - 1936). Contam que todos os dias, ao entardecer, recolham para desancar e adormecer aos pés do bordão. Após a sua morte a propagação dos milagres. Um desses foi a cura do filho do fazendeiro da região. Em meados de 1980 a cura do filho do ex-prefeito e a promessa do pleito eleitoral. As maiores concentrações são nos dias 11 a 19 de março (alusivos a São José), 1º de maio (São José Operário) e 2 de novembro (Dia de Finados

Na entrevista concedida por Dom Sebastião Bandeira⁶⁹ (2019), Bispo da Diocese de Coroatá, o reconhecimento da primeira missão franciscana no Estado do Maranhão e Grão-

de São Raimundo Nonato, o espanhol, compartilhado com São Raimundo Nonato dos Mulundus. Historicamente, a cidade de Vargem Grande era conhecida como a Vila da Manga do Iguará e o seu território começava onde hoje é a cidade de Nina Rodrigues. Vargem Grande torna-se Freguesia em 1835 e Paróquia no mesmo ano por invocação da proteção de São Sebastião. A Paróquia de São Sebastião de Vargem Grande faz fronteira com as cidades de Chapadinha, Timbiras, Coroatá, Pirapemas, Cantanhede e Itapecuru-Mirim. E por volta de 1940, à cidade não contava com a presença fixa de um sacerdote. Em 1987 iniciam a construção do Centro de Formação e Hospedagem dos Romeiros de São Raimundo Nonato dos Mulundus.

⁶⁸ Em Araguari, no município brasileiro do interior do estado de Minas Gerais, há a história de “João Relojoeiro”. Certo dia um senhor bastante rico adentrou a oficina de relógios e entregou um exemplar valiosíssimo para o conserto. No dia seguinte, o relógio foi furtado do estabelecimento. O proprietário do relógio enfurecido torturou o relojoeiro até a morte. Em Santana do Araripe, há a história de “Maria Benigna” que, aos 13 anos, foi violentamente atacada e assassinada com golpes de facão ao resistir a uma violência, sendo morta por seu algoz. São exemplos de religiosidades regionalizadas. Esses exemplos são oriundos de uma religiosidade mais proximal, do “povo não acessa a religião oficial dos sacerdotes”.

⁶⁹ Em campo, escuta sensível do bispo, sacerdotes, missionários, leigos e representantes de outras denominações religiosas. A vivência junto ao festejo de Santa Terezinha do Menino Jesus na comunidade rural de Bacabal das Pimentas. Em Coroatá, a celebração de São Vicente de Paula no bairro da Massaranduba. A celebração de São Francisco de Assis, na cidade de Codó. Diálogos com as mulheres, mães e filhas de quebradeiras de coco babaçu que trabalham no beneficiamento em óleo, sabão e farinha. Contaram-nos que antigamente a coleta era direto na mata e no roçado, atualmente a produção está cercada pelas fazendas. No meio de tudo isso os embates com os extrativistas, a luta diária pela extração do fruto, a escassez da matéria-prima, os conflitos com os latifundiários. Nas narrativas, a lembrança dos tempos de fartura e os multiusos desse o fruto. Utilizado como manteiga vegetal, sabor agradável às receitas populares com a farinha com Xereba utilizando apenas o mesocarpo do coco babaçu.

Pará em meados do século XVII, pelos então frades da Província de Santo Antônio. Esse período era denominado de União Ibérica (1580 - 1640). Nesse pressuposto apresenta:

O Maranhão tem uma história muito marcada pelo franciscanismo dos Missionários Capuchinhos que sempre percorreram as cidades fazendo as famosas “desobrigas” ou “missões”. As pessoas guardaram muito, na memória, a figura do capuchinho que vinha para o interior, uma vez por ano, celebravam a eucaristia, batizavam, confessavam e realizavam as famosas desobrigas. No Maranhão nós temos Dioceses que foram confiadas aos Frades Capuchinhos, entres às quais estão Grajaú. A experiência mística capuchinha marcou muito a nossa região. Os franciscanos assumiram a Diocese de Bacabal. Os capuchinhos continuam atuando no Maranhão, no Norte do Brasil que vai até Amapá. Em muitos lugares nós temos a Ordem Terceira inclusive a nossa Diocese de Coroatá, Codó, Vargem Grande, São Matheus e Arari. São várias as paróquias com a presença da Ordem Franciscana Secundária (DOM SEBASTIÃO, entrevista, 2018).

Para Dom Sebastião Bandeira, o “sertão” contemplado pelos maranhenses é todo o lugar da sobrevivência, resistência e referência. Os maranhenses nascidos nas cidades do interior costumam dizer "eu nasci no sertão". Massivamente a alusão que temos do sertão é o “lugar da seca, fome e miséria”, mas também há um lugar de “religiosidade, regionalismo, cultura e afeto”.

Maranhão geograficamente está entre Amazônia e o Nordeste do Brasil. Houve uma época em que o Maranhão era chamado Meio Norte por causa da situação geográfica. O estado recebeu muitos imigrantes nordestinos fugidos da seca principalmente do Ceará do Piauí. E a gente vê que muitos que estão indo à Canindé tiveram seus ascendentes do Ceará, então realmente se explica o porquê desses vínculos. Um estado de geografia fértil, rios perenes e terras fecundas pra agricultura. Tudo isso fez com que cearenses e piauienses, em especial, viessem para cá (DOM SEBASTIÃO, entrevista, 2018).

Certamente, a conquista e a ocupação espacial maranhense foram "promovidas" pelas abundâncias das bacias hidrográficas. Conforme as Hidrografias do Maranhão (1984) e Atlas do Maranhão (2002), o Estado conta com nove bacias hidrográficas. O Rio Itapecuru é o maior rio em extensão e perpassa cidades importantes como Caxias, Codó e Itapecuru. Além do mais, o Maranhão é cortado por águas do Piauí com o Rio Parnaíba, do Pará com o Rio Gurupi e do Tocantins com o Rio Tocantins-Araguaia.

O fruto é socado junto com o leite e complementado com banana verde cortada em rodelas, sendo levado em seguida ao fogo e depois servido. A memória da farinha com pitomba, açúcar e leite de coco amassado no pilão que leva o nome de Cambica. Em Codó a convivência com as famílias dos descendentes dos comerciantes sírio-libaneses. Nas casas, o orgulho da migração contada em fotografias e sobrenomes. Os diálogos regrados com chás, bolos e chocolate quente. As conversações no almoço farto, de gente simples, no Bairro de São Pedro e o Bairro São Vicente Palotti. Na Trizidela, as demandas sociais pelo abastecimento de água. Com o bispo as conversações sobre o papel da Igreja e do Povo; as experiências com os santuários, romarias, tradição oral e o imaginário social.

Para Dom Sebastião, a fé é uma forma de ver e sentir que vai além do visível e do explicável. A fé experimenta uma força que ultrapassa os limites e as previsões humanas. “Não basta ser o Santuário de São Francisco. Deve ser o Santuário de São Francisco em Canindé”. Adiante completa, “em Codó tem uma paróquia dedicada a São Francisco de Assis. (...) muitos lugares celebra os festejos de São Francisco como as comunidades rurais de Toró. (...) em São João do Sóter”.

Não há como negar a força das religiões afro-brasileiras, o misticismo, o sincretismo e a religiosidade popular do povo maranhense. Logicamente, a presença mais acentuada nas regiões com a concentração da população negra, como é o caso das cidades de Codó, Bacabal, Caxias e Viana. Em relação ao sincretismo no Maranhão, Dom Sebastião Bandeira diz que “O Maranhão foi um porto de escravos. Essa população negra desceu através do Rio Itapecuru que corta a nossa Diocese. Tanto que em Codó a população negra ultrapassa 50% da população e por incrível que pareça, realmente, é uma população pobre”.

Codó é a terra dos “terezozeiros”. Edificada como a "Terra do Feitiço", "Meca da Macumba Maranhense" e "Capital da Magia Negra". Os terezozeiros agregam a sabedoria dos ancestrais africanos, dos autóctones (índios, ribeirinhos) e das religiões cristãs europeias. Na acepção dilatada da peregrinação é todo e qualquer lugar cuja viagem seja reconhecida como referência de Deus. E de todas as abordagens permanecem a mensagem do simbólico. O simbólico é polissêmico, nativo, vital, inconsciente e provisório. E como um analista que interpreta o fenômeno religioso, sempre lançamos mão de inquirições como é o caso da pergunta: o que é o sagrado? Qual a visão do peregrino sobre Deus? Qual é o lugar de São Francisco e o lugar de Deus? Como está a relação de São Francisco e Deus com o sagrado de Canindé? Notamos a presença de duas correntes, uma é o papel performático da repetição de ir em peregrinação e a segunda o simbólico é sempre exposto pela mística e mítica do lugar do Santo.

Uma das explicações possíveis é a de que o Santo seria o “intermediador” entre o homem e Deus, “caminho mais rápido de chegar a Deus”, plano dialógico entre o homem e o sagrado, o plano de interações e de consciência. Sobre a religiosidade do povo, discorre:

A fé e esperança estão unidas. Os nossos romeiros vivem em situações extremas da vida. Eles experimentam o que humanamente não conseguem superar. (...) Saem para buscar um lugar que possam encontrar uma solução. Faz parte da dinâmica do peregrino. A caravana parte em busca do lugar-sagrado, onde ele sente o céu mais perto. (...) Tem um sentido de futuro. Ninguém parte sem ter esperança. Quem não tem esperança, não dá um passo pra ir a outro lugar. (...) Fé e esperança são tão unidas e parecidas, e que se unem (a tal ponto que) e não se podem mais separar. Para o nosso povo tão oprimido. Já desencantado com a ação humana. Essa

esperança também pode ser um perigo por que a pessoa pode atribuir ao religioso, àquilo que é dos homens e acabar tendo uma atitude fatalista de esperar em Deus, àquilo que é nosso (DOM SEBASTIÃO, entrevista, 2018).

Acima, o Bispo faz memória as virtudes essenciais da vida, explicitadas também em 1 Ts 1.3: *fé, esperança e amor*. Tendo como ponto de partida a *fé operante* e essencial da espiritualidade. Não por menos que faz uma reflexão sobre o fim da festa, “onde está o romeiro quando a festa termina? Por que as nossas paróquias não conseguem alcançá-los?”. O entendimento é que “os romeiros migram para matar a fome de Deus”.

A peregrinação aos santuários é uma das confissões mais facundas da fé do povo de Deus. Os Santuários Católicos são responsáveis por essa proclamação, pelo anúncio das boas notícias. Nesse itinerário, “o povo é migrante por excelência. Sai em busca de outras Igrejas, missas curas, santuários e milagres. Saem por razões diversas, por influências de terceiros, familiares e interesses próprios”.

Percebemos que tudo está imbricado demais, desde da religiosidade, espiritualidade até o turismo, turismo religioso e peregrinações. Para o Bispo, a esperança é um tema central da afetividade e das emoções humanas. O homem é chamado a desenvolver um coração esperançoso. Como efeito, os homens e as mulheres “enchem-se e esvaziam-se, aquecem-se e esmorecem-se, por natureza, somos todos incompleto”.

Em seu discurso final, o entendimento de que a apresentação da fé é um caminho que começa em *Deus-Pessoa*, cruza o céu e vai até o existir humano. “As pessoas têm fome de Deus. E procuram, insensatamente, por Ele. Muitas das vezes não sabem aonde procurá-lo”.

5.7 Codó, a Cidade de Deus, da Magia e da Romaria

Codó está situado a 300 km de São Luís⁷⁰. Situado no Cerrado Maranhense, possui uma área territorial de 4.361,344 km² e uma população de 122.597 habitantes (IBGE, 2018). Informações extraoficiais dão conta de 230 terreiros somente no perímetro urbano. Limítrofe com as cidades de Aldeias Altas e Timbiras. Tem acessos a Teresina - PI através da

⁷⁰ O Estado do Maranhão é dividido geograficamente em 5 Mesorregiões e a cidade de estudo faz parte da Mesorregião Leste Maranhense. A Microrregião de Codó é composta por 6 municípios, Codó, Capinzal do Norte, Peritoró, Alto Alegre do Maranhão, Timbiras e Coroatá. Autores como Aranha (1997), Medeiros (2000) e Maranhão (1984) apresentam o estado completamente rico em cobertura vegetal, desde as matas dos cocais; com agricultura de subsistência (arroz, mandioca, feijão, milho, entre outros); passando por campos cerrados com vegetação natural; cerrado e área urbana, refletindo os aspectos sociais e econômicos de uma população que convive inteiramente com a agricultura e o extrativismo do coco babaçu.

BR – 316 e a São Luís do Maranhão pelas BR 316 e 135. O município é banhado por rios perenes: o Rio Itapecuru com 1.450 km de extensão que desagua na baía de São José, no golfo Maranhense, e o Rio Codozinho que tem por afluente o Rio Saco (MATTOS, 2010).

Historicamente, a região era habitada por índios Barbados e Guanarés. De acordo com Machado (1999, 2000), a missão de catequizar os índios aportou em 1688 com o Padre Português João Vilar⁷¹. Seguidamente, à vez dos administradores portugueses com as fazendas de gado, extrações de madeira e o comércio fluvial. A navegação fluvial era o único meio de ligação com a capital. Por água, as embarcações carregavam o “desenvolvimento”, na forma de produtos agrícolas, madeiras, extrativismos e especiarias. Na memória dos moradores antigos “o rio e hoje não chega perto do velho rio”. Referência ao volume de água, de peixes e de comércio.

Nas conversas com os moradores, a riqueza econômica de Codó é oriunda do ouro branco (o algodão), da indústria manufatureira (Companhia Manufatureira e Agrícola de propriedade de Emílio Lisboa), da Estação Ferroviária de São Luiz - Teresina (1920 -1975) e das estradas de rodagens com a Rodovia BR -316 e MA-026. Sobre as religiões afro-brasileiras⁷², as narrativas “o povo de Codó tem um pé na tribo e outro na senzala”. Uma forte referência às comunidades tradicionais de quilombolas, pescadores, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu e camponeses, grande maioria descendentes de índios e de escravos miscigenado.

Em campo, a visita à Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão (AUCAC) e a entrevista com Marcelo Senzala. Bem como a visita ao terreiro⁷³ da

⁷¹ Segundo Machado (1999, 2000), antes de descer em terras codoenses, o sacerdote João Vilar ancorou na Aldeia de São Miguel, hoje o município de Rosário. A histografia conta que os índios Guanarés foram até São Luís solicitar ao Bispo da época um missionário para essa região. Solicitado e enviado em missão, partem em comitiva o Padre João Vilar, o Padre Gonçalo Pereira, o irmão Antônio Gonçalves, o Capitão Francisco Soares e 8 índios da tribo dos Guanarés. No mesmo dia em que aportou, durante à noite, o grupo sofreu um ataque dos Índios Urubus. No embate, no dia 27 de agosto de 1719, o Padre João Vilar foi assassinado e o corpo arremessado nas águas do Rio Itapecuru, e os demais companheiros conseguiram escapar da emboscada. Posteriormente, em uma outra viagem, o corpo foi recolhido e transportado para a cidade de Rosário onde foi sepultado. Oficialmente, na Legisatura de 1935, por decreto, o sacerdote foi condecorado como o primeiro colonizador da cidade de Codó e eternizado na história local.

⁷² Em relação à cultura afro-brasileira, a maior expressão, segundo historiografia local foi Maria Silva Lima. Nascida em Teresina - PI em 1º de abril de 1916, era filha de Joaquim Alves Lima e Joana Souza Lima. Iniciou os trabalhos na cidade natal, depois se mudou com a família para a cidade de Parnaíba - PI. Casou-se com Bernardo Barbosa Lima, conhecido por "Bernardo Carinhoso", originando aí o primeiro apelido "Maria Carinhosa". Segundo Pereira (1979) e Verger (1987), em 1936 muda-se para Codó em um dos vagões do trem. Na cidade tornou-se "Maria Piauí". Criou 22 filhos adotivos. Sua Tenda tinha como ponto alto a Festa de Arraial com a Coroação da Rainha. Várias tendas se fazem representar durante a festividade. “Maria Piauí” tem em José Crispim Silva o herdeiro dos seus trabalhos.

⁷³ As principais festividades da casa (terreiro) e as maiores movimentações durante o ano estão relacionadas a Nossa Senhora da Conceição (8/12) para à Igreja Católica e para as religiões de matrizes africanas a Oxum, Orixá feminino guardiã da água e da vida. Sincretiza com várias Nossas Senhoras. Uma antiga tradição católica relaciona a data com o início da preparação do advento, os mais antigos armam a árvore de Natal e adornam a

Mãe Nilza. Em ambos as denúncias das ofensas religiosas, dos atos violentos de intolerância e do revanchismo interno e externo. Para Mãe Nilza, “a fé e a paciência fizeram chegar até aqui. Uma missão ardorosa”. Prossegue, o “terreiro é um confessionário, o lugar de orações e de escutas”. Para Marcelo Senzala, o regime de capitalização financeira do mundo percorre todos os lugares. “Compra-se o padre, pastor e pai de santo”. Quanto a transmissão dos valores morais questiona: “para quem devemos entregar os nossos tambores? Como enfrentar a propaganda negativa das religiões afros? Como dialogar internamente?”.

Particularmente, somos sensíveis a as circunstâncias externas. Ao longo da rodovia passamos a recolher os aspectos das representações visuais. Dando prosseguimento, assim, minutamos:

Figura 54- Tenda Espirita de Umbanda Rainha Iemanjá – Palácio de Iansã



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018. Às margens da Rodovia Estadual MA - 026 entre a cidade de Codó e o povoado km 17.

Em 2016, em Canindé, o contato rápido com Nilson Nonato de Souza, o Mestre Bitá do Barão. E a pergunta “Quem é São Francisco para você?”. Com a voz serena, a resposta “meu filho, àquele que tem São Francisco como o seu verdadeiro protetor, nenhum mal acontece sobre a sua casa (residência e terreiro)”. Completa “São Francisco é o meu Santo benfeitor. Todos os anos, há mais de 30 anos venho a cidade de Canindé. Eu e os meus filhos (sanguíneos e espirituais) renovamos aqui a nossa fé”.

casa para a vinda do “Menino Jesus”. O dia 20/1 é dedicado à celebração de São Sebastião, na Umbanda, ele é Oxóssi ou Pai Oxóssi, o rei das matas, o caçador e patrono da linha dos caboclos. Festejos de Santa Barbara (4/12) seria a Iansã, a orixá feminina dos ventos e dos raios. As simbólicas filiações tornam os filhos e filhas implacáveis como a tempestades do mundo. As celebrações de Santa Luzia (13/12) são atribuídas a Ewá para àqueles que dominam as vidências.

Em linhas gerais, o encaminhamento dado por Steil (1996) é que não é simplesmente o espaço sagrado teofânico, mas o lugar com inúmeras curiosidades. Deparamo-nos aqui com as marcas da cidade erguida com titularidades de “Cidade de Deus” e “cidades irmãs na fé”. No diálogo com essas contribuições as imagens:

Figura 55 - Pórtico na Rodovia Estadual 026 entrada da Cidade de Codó, com a inscrição “Codó -MA. Cidade de Deus. Seja Bem-Vindo”



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

Figura 56 - Codó, no Maranhão, Cidade de Deus e dos Pais de Santos



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

Evidencia-se, desde já, o vínculo lógico entre a religião e o lugar. Assim, recorreremos à Teoria Simbólica e a discussão sobre estreita relação entre a memória, linguagem e conhecimento, tendo o ponto de amarrado nos contextos histórico-sociais.

Beckhäuser (2007) assegura que o peregrino vai ao Santuário atraído por alguma manifestação religiosa individualista.

De posse das bases empíricas, a experiência da 37ª Caravana do Empresário Francisco Carlos de Oliveira, o Chiquinho do Codó, a antiga Romaria das Carretas e, hoje, a Romaria Codó à Canindé. A Romaria das Carretas prosseguiu até 2013. Percorrendo as estradas com o auxílio de 13 caminhões *pau de arara* e 2.500 romeiros. No ano de 2014, o traslado interestadual é suspenso. O comboio foi impedido de seguir viagem.

Em 2015, as adaptações e a reedição da romaria para o regime de fretamento turístico e eventual de micro-ônibus e/ou ônibus. No cortejo, 21 ônibus e 1.100 peregrinos transportados gratuitamente. Quase 4 décadas de devoção religiosas, 25.500 km percorridos e 35 mil romeiros transportados.

No 3 de outubro, as vésperas da celebração do dia de São Francisco, o comboio com 21 ônibus, 1.100 pessoas, 12 horas de viagem, 687 km, 3 estados (Maranhão, Piauí e Ceará) percorridos adentram a cidade de Canindé. Segundo o empresário Francisco Carlos de Oliveira, o Chiquinho do Codó, o idealizador da Romaria de Codó à Canindé, a promessa nasce na 50 e 60 com os pais. Em 1972 muda-se para a cidade de Codó, no Estado do Maranhão. As locomoções são inspiradas no seio familiar, junto à *consciência espontânea*.

Na memória, a “ida à Canindé é uma experiência de fé diferente de todas as outras coisas”. Em 2014, a suspensão do caráter excepcional do transporte interestadual de passageiros levou o fim o *pau de arara*. Sobre o episódio narra “os primeiros carros foram retidos pela PRF em Teresina, por volta das 13 horas”. Os coordenadores da caravana lembram “ficamos sem notícias. Estávamos impedidos de prosseguir a viagem. Esperávamos que fossemos liberados”. Nos períodos das maiores tensões, “romeiros choraram, outros bravejavam. Foram horas de tensão”. Durante toda à tarde, “os passageiros revoltados bateram boca com os agentes públicos da PRF e à noite atearam fogo em pneus na BR - 343”.

Centenas de romeiros, de várias gerações, foram “impedidos de manifestar a fé”. O empresário e alguns funcionários lembram que no mesmo ano, o “Santuário de Canindé decide levar o Santo das Chagas”. Perto de 30 mil devotos e visitantes participaram das celebrações de boas-vindas na cidade de Codó. Para os frades de Canindé uma “celebração do Êxodo ao Avesso. Agora, o Santo das Chagas é que vai ao encontro do seu povo”. Sobre o episódio, conta:

O nosso romeiro estava muito revoltado. [...] à Igreja de São Francisco de Canindé teve a sensibilidade (e naquele ano envio de) a imagem de São Francisco, São

Francisquinho de Canindé a Codó. Frei Amilton veio com uma caravana de Canindé [...]. Nesses mais de 100 anos (de devoção à imagem) nunca saiu de Canindé. Saiu, sim, uma única vez para vim a Codó. Sinal de respeito aos nossos romeiros. Em Codó foi uma festa. Codó nunca fez uma festa igual. [...] Veio gente não só de Codó, mais de toda a redondeza, porque o Maranhão tem um laço de devoção muito grande com São Francisco de Canindé, não é só o Codó, são muitas cidades, praticamente todas as cidades do Maranhão e do Piauí tem uma grande devoção com a Romaria de São Francisco de Canindé (OLIVEIRA, entrevista, 2018).

Em 2015, a 'readaptação' às legislações de trânsito. A organização da Romaria Codó institui uma Coordenadoria de Romaria da FC Oliveira, com a finalidade de coordenar a pré-romaria com medidas como cadastramento e inscrição dos romeiros, formação de banco de dados permanente. Segundo a Coordenadoria de Romaria as atribuições começam meses antes da saída oficial, com o cadastramento individual dos romeiros. Na base de dados o registro de 6.000 romeiros. Beneficiados com passagens apenas 1.100 passagens são lançadas.

A romaria prossegue com o plano de viagem baseado na pré-seleção dos passageiros, juntamente com a entrevista individual, atualização dos dados cadastrais e a entrega oficial dos bilhetes. Durante a entrega das passagens são repassadas instruções de embarque e regras de convivência social, bem como o remanejamento das passagens canceladas. Em cada ônibus a presença de dois motoristas, um coordenador de caravana e o auxiliar.

Sobre o consumo de bebidas alcoólicas no interior dos ônibus? “Recomendamos que não os fizessem. A motivação principal é a religiosa e, por isso, não toleramos o consumo de bebidas alcoólicas dentro dos veículos”. Quando o “passageiro é inconveniente. Ou pego em flagrante com alguma ação perigosa ou indesejada. É suspenso permanente”. Com relação ao controle de passageiros “antes, no *pau de arara* a supervisão e a fiscalização era bem mais difícil. Em cada caminhão chegavam a subir mais de 100 passageiros”. Além do mais, “havia superlotação nas carrocerias dos caminhões, ingestão de bebidas, violabilidade das regras de convivência social e até pequenos delitos. Hoje, o controle é máximo, rigoroso, seguro e controlável”.

Segundo os peregrinos mais experientes, “a qualidade no transporte elevou a escolha dos passageiros, a segurança e até a alteração do comportamento”. De acordo com a Comissão Organizadora, a Empresa trabalha nos contratos de locação; comunicação; promoção e as reuniões de preparação.

Em relação aos meios de comunicações, a Comissão Organizadora conta com o apoio da comunicação do grupo empresarial⁷⁴, através da Rádio FC FM Codó e a FC TV. No embarque, a otimização da infraestrutura com a montagem das tendas, totens de identificação dos ônibus e a distribuição de água para os passageiros.

Nesse sentido, parece-nos, sim, válido reiterar a posição dos autores especialmente dos motoristas como aqueles responsáveis pelo controle no embarque e desembarque dos passageiros, a atenção na dirigibilidade noturna, a “paciência para com os romeiros e o controle da velocidade é imprescindível”. Para os coordenadores dos ônibus, “somos os olhos e os ouvidos da empresa antes, durante e depois”. No conjunto, cada um assume um papel social (motorista, o coordenador de ônibus, auxiliar e participante). Deste modo, impõe-se que os peregrinos acima de 70 anos; crianças até 12 anos de idade incompletos, e adolescente 12 e 18 anos são recomendadas a presença da figura do acompanhante

Deste modo, estabelecer a retomada da ilação geográfica a respeito das conexões complexas do lugar-sagrado. A seguir, os esforços indutivos e interpretativos relativos às etnografias das modernidades das caravanas religiosas

Figura 57 - Setor de Coordenação de Romarias do Grupo FC Oliveira



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

⁷⁴ A FC Oliveira é um grupo empresarial liderado pelo empresário, Francisco Carlos de Oliveira e sua esposa Teresinha Buzar de Oliveira. Além dos produtos de limpeza (Econômico, FC e Oliver), o grupo conta com a concessionária FC Motos Yamaha, a Fazenda Abelha, referência em melhoramento genético de bovinos da raça Nelore e criação de peixe, e a distribuidora de Gás Liquefeito de Petróleo - Liquegás, da rede Petrobrás de combustíveis, além de outros segmentos como a Fundação FC Oliveira, inserida no fator Solidariedade, o FC Hotel e os meios de comunicação.

Figura 58 - Passagem Rodoviária da 37ª Romaria do Codó à Canindé

**37ª ROMARIA
CODÓ-CANINDÉ**

Ônibus nº: Passagem nº: 1057

Nome:

Número da Carteira: Data/Hora da Saída: 02/10/2018 / 15:00h Data/Hora do Retorno: 04/10/2018 (Logo Após a Procissão)

Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

Figura 59 - Carteirinha de Identificação do Romeiro da Romaria do Codó

**ROMEIROS DE SÃO FRANCISCO DE CANINDÉ
CODÓ-MARANHÃO**

Nome:

Nº Inscrição: 01039 Data de Inscrição: 01.07.2015

Endereço: POVOADO PASSAGEM GRANDE

Bairro: ZONA RURAL Cidade: CODÓ

Francisco Carlos de Oliveira

Apoio: **FC**

Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

Figura 60 – A tenda de embarque e os totens de identificação dos ônibus.



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

Figura 61- Enfileiramento dos ônibus defronte à sede de Grupo Empresarial FC Oliveira.



Fonte: Arquivo Próprio. 02.10.2018.

No embarque, o trio elétrico anuncia o tempo de celebração. Os peregrinos embarcam com devoção ardente, com entusiasmo e alegria devido a possibilidade de realizar a viagem. Nos discursos, “para minha família é a única viagem que fazemos por ano”. Das histórias compartilhadas as promessas transmitidas, as promessas eternas, as promessas familiares, as primeiras promessas e as famílias pluriconfessionais.

Notamos a presença da construção dos territórios simbólicos, “meu-motorista”, “meu-banco (assento)”, “meu-ônibus”; “à minha-caravana e o “meu Santo”. O simbólico da “oração de envio ou da boa viagem”, as demarcações do “anjo da viagem” e a “sacolinha do motorista” na doação voluntária, no retorno para casa.

Na parada em Teresina para o jantar, o conagraçamento dos familiares e amigos. Nos pratos, as grandes porções sinalizam que é preciso “manter forrado para seguir viagem”. Presenciamos as refeições compartilhadas e uma espécie de turismo colaborativo. A possibilidade de viajar dividindo todos os custos. De desfrutar das refeições e companhias agradáveis. Para quem viajam sozinhos, as refeições são o item mais solitário, nesta ocasião o consumo compartilhado aproxima as pessoas, as histórias, os sonhos e as esperanças.

Na contemplação do movimento alterado, o *pau de arara* remetia, imediatamente, a penitência que promete pelo esforço a graça contraída. A reedição do transporte sob a forma de ônibus altera o tempo de oração, penitência e caridade. O tempo marcado pela penitência, agora é determinado pelo conforto, comodidade e segurança.

Redescobrimos a *mensagem-itinerante do Santuário de Canindé* trazida no convite à oração, ao deslocamento e à penitência; no *ministério itinerante das caravanas de peregrinos e de visitantes* depositários de uma “fé itinerante”; em parte no *imaginário como*

patrimônio simbólico-afetivo-místico deste Santo das Chagas que faz emergir o Santuário Metropolitano Sertanejo e a cidade de Canindé; por fim, ratifica-se a hipótese dessa tese, a de que os estudos no subcampo da Geografia da Religião não pode se detiver na supervalorização dos lugares sagrados como simples reservatórios fixo e central, cuja função é de encontro dos fiéis com o sobrenatural, mas sim na latência da mobilidade, subjetividade, mensagens itinerantes, movimentos e envolvimento retransmitidos pelas/nas caravanas de peregrinos e de visitantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial era a de que, na contemporaneidade, os estudos da Geografia Cultural, especialmente no subcampo da Geografia da Religião permitiriam as reconstruções teóricas que ultrapassassem a valoração exacerbada dos lugares-sagrados, tão somente, assistidos como *reservatórios-fixos* de acumulação de pessoas, narrativas e capital. *Primeira parte do processo*, à caracterização sociográfica dos peregrinos-caminhantes como sendo os mais fidedignos aos sacrifícios, a *segunda parte* uma racionalidade técnica que de certa forma reveste-se não em um campo destrutivo do sagrado tradicional, mas apressar a maneira de contemplar aquilo que é extraordinário em torno do sagrado

A *terceira parte* é que a mensagem-itinerante do lugar juntamente com os transportes e as comunicações ampliaram as fronteiras do Santuário de Canindé. A *quarta convicção* é a de que os ordenamentos do sagrado associados a outros elementos da modernidade nos conduzem a pensar, portanto nessa dinâmica dos lugares-dispersores ao invés dos lugar-fixos sagrados.

No aspecto metodológico, consideramos louvável a compreensão das mobilidades, lugares dinâmicos, fluídos e plurais. Intersecções do fluxo, rede, conteúdo, imagens, mensagens, imaginário e simbólico. Aqui a mobilidade pode ser compreendida como uma forma de mobilidade que promova imaginários em um contexto polissêmico da busca ao lugar sagrado.

Presenciamos a existência de micros caravanas e macros caravanas. Caravanas estaduais, caravanas regionais (Região Nordeste) e caravanas inter-regionais (Região Norte e Centro-Oeste). Motorizadas e não-motorizadas. Em dois séculos de devoção as locomoções humanas mudaram e democratizaram a devoção. A presença de ciclo romarias, moto romarias, romarias a pé, caravanas rodoviárias intermunicipais e interestaduais.

Ao tentar deciframos as práticas e experiências da fé que envolvem as mobilidades dos romeiros estamos tentando compreender os significados simbólicos que compõem uma romaria à Canindé. Uma romaria que se manifesta na perspectiva de uma religiosidade popular e que se expressa em substanciamentos de experiências de religiosidade. A trajetória socioespacial dos grupos ilustram bem esse trabalho e evidenciam a importância do simbólico na vida desses grupos.

Como pressupostos Oliveira (2013a) e as forças vetoriais do simbólico; Oliveira (2011) e a categorizações de santuários; Durand (1998, 1999, 2002) e o imaginário; Debray (1993, 1995, 2004) e à mediação de um *Deus-portátil*; e Maffesoli (2001e 2010) com o imaginário coletivo e o imaginário individual. Introduzida então essa idéia de multidão de manifestações, alteridades, luta contingenciais e locais.

A cidade-santuário seria então esse entre-lugar entre a terra e o céu, entre o homem e Deus. Um lugar de negociação por excelência, complexo, energizado e constitutivo. O lugar da memória, do passado, presente e futuro. O lugar dos peregrinos mortais, negociadores, curiosos, indiferentes e penitentes. Ao longo do tempo, as peregrinações religiosas sofreram acréscimos e supressões, hibridizações econômicas, culturais, sociais e políticas. No campo vislumbramos as peregrinações esportivas (ultramaratonas e ciclo romarias), peregrinações turísticas (excursões), peregrinações religiosas ou penitentes (caminhadas), peregrinações dos grupos sociais (moto clubes). Poderíamos lembrar, talvez, a própria existência das peregrinações dos mercadores, mendicantes e políticos. Importante recuperar o entendimento de que, na verdade, o mundo do sagrado não visa sancionar ou vetar o puro/impuro.

A presente tese procura exhibir os novos olhares permitidos pela Geografia Cultural, uma vez que o exercício de um olhar para as formas geográficas não tão usuais, nos conduzem à percepções de mundo, que de certa forma, não estávamos acostumados a olhar para o lugar-comum e esquecíamos as invisibilidades simbólicas, quem sabe tão mais presentes que as concretudes de formas que sempre elencamos no fazer geográfico.

Daí a justificativa dos questionamos em nossas veleidades na busca do real, para descobrir as motivações que nos leva pensar sobre um lugar sagrado e suas simbologias. Eric Dardel nos ampara com a atitude de relembrar que as práticas geográficas são as praticas da vida e isto constitui a relação entre o sujeito e o mundo.

Em campo os vestígios da pós-modernidade com os rádios comunicadores e coletes fluorescentes. Os sinais da identidade, distinção e território das caravanas a partir da

estética das camisas, manuais, jaquetas, bonés, cajados e véus. Historicamente, as peregrinações a pé ganharam a adesão da tração animal, posteriormente, as transmissões em massa dos caminhões de *pau de arara*. Em seguida, a vez das motocicletas, ônibus, micro-ônibus e vans e, mais recentemente das mídias digitais.

Com a digressão da roda-votiva das caravanas religiosas a adoção de plano de segurança, do plano de controle de fluxo, a contratação de agências de viagens, adoção de apólices de seguros, manuais e reuniões técnicas de preparação. A incorporação de novos sujeitos como motos socorristas, motos batedores, enfermeiros, mecânicos, seguranças particulares, guias de turismo, entre outros.

Contemplamos as *territorialidades sociais* para além do peregrino, como exemplo o motorista, motociclista, ciclista, ciclista de elite, ciclista varredor, ciclista batedor, pedestre, coordenador de caravana, descarregadores, cozinheiros, comissão organizadora, equipe de apoio, entre tantos outros. Na observação mais aguçadas, as *territorialidades físicas* dos acostamentos, das faixas de domínio das estradas, pontes e viadutos, buracos, curvas, postos de fiscalizações, câmeras de monitoramento, trechos sinuosos e com carcaças de animais, lugares marcados com túmulos e cruzeiros, trechos sem a cobertura do sinal da internet, borracharias, postos de combustíveis e restaurantes, casas de apoio ao romeiro e tendas dos mendicantes e borrões de frenagens.

Notamos a ocorrência da aceleração do tempo da viagem, encurtamento das permanências e a velocidade das experiências com o cotidiano. Os transportes e as comunicações criaram novas experiências com o lugar-sagrado. Apreendemos que o Santo fez emergir o templo e a cidade concomitantemente. E que o Santuário se perpétua devido a mensagem-itinerante dos prodígios. Mediante a tudo isso, a predominância do discurso do sacrifício como um convite ao exercício espiritual reatualizado pelo homem contemporâneo. Para nós, sempre há um lugar para além do sagrado, há um lugar de emissão, trânsito, experiência e retorno.

REFERÊNCIAS

- ABREU, José. Capistrano. de. **Capítulos de História Colonial** (1500- 1800). 5ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguet, 1969.
- ABREU, José. Capistrano. **Capítulos de História Colonial** (1500-1800). 7ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1988.
- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidades, saberes científicos, saberes da tradição**. Coleção Contextos da Ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- ALMEIDA, Maria Geralda. de. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Dimensão Territorial das Festas Populares Natalinas e do Turismo: Estudo Comparativo do Patrimônio Imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe**. Costa Rica: Revista Geográfica de América Central, 2011.
- ALMEIDA JR. João Batista de. **O estudo como forma de pesquisa**. In: CARVALHO, M. C. M. (Org.). **Construindo o saber: Metodologia Científica Fundamentos Teóricos**. 22ª edição revisada e atualizada. Campinas. São Paulo: Papirus, 2010.
- ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. de. **Irradiação Territorial e Turismo Religioso: A Devoção de Juazeiro do Norte (Ceará) Constituindo Novas Polaridades Regionais**. Costa Rica: Revista Geográfica de América Central, 2011.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**. O dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- ALVES JUNIOR, Nilo. **Turismo Religioso: Caminhos da fé**. Fortaleza: SENAC, 2003.
- AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa**. Londrina: Mediações, 1998.
- ANDRADE, J. P. de. **Planejamento dos transportes**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1994.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Espaço e pesquisa qualitativa sobre as festas católicas e o turismo religioso em Sergipe**. Aracaju: Periódicos Grupo Tiradentes, 2017.
- Disponível em: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/regioes/paroquia-e-areas-pastorais>. **Subdivisão das Paróquias e Áreas Pastorais da Arquidiocese de Fortaleza** Acesso em: 13 de out. de 2018
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- AZZI, Rionaldo. **Elementos para a história do catolicismo popular**. Petrópolis, RJ: Revista Eclesiástica Brasileira, 1978.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Munis. **O feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila. Da conquista dos sertões a independência do Brasil**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A Invenção da Amazônia**: migrações, luta pela terra e conexões étnico-culturais. Fortaleza. [s.l.] 2009.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Entre Migrantes e Fugões**: experiências e rotas de retirantes cearenses no Maranhão durante a seca de 1877-1880. . Fortaleza. [s.l.] 2011

BARROS, Luitgarde. **Dicionário da Terra**. Marcio Motta (Org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1962.

BAUER, Martin. W. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: RJ. Editora: Vozes. 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

BAZÁN, Francisco García. **Aspectos incomuns do sagrado**. Tradução de Ivo Stomiolo. Estudos Antropológicos. Reflexões teológicas e filosóficas a respeito do fenômeno do sagrado. São Paulo: Paulus, 2002.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Tradução de Raquel Soeiro de Brito. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

BECKHÄUSER, Frei Alberto. **Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias**. Desafios Litúrgicos e Pastorais. Petrópolis: Editora Voz, 2007.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis**: ternura e vigor. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em Torno do Território**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Geografia Cultural: um século. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

BOTAS, F. P. Cezar Loureiro. **Religiosidade Popular**: Teologia da Miséria ou Miséria da Teologia. Petrópolis: Editora: Vozes, 1975.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. BUENO, Maria Lúcia. **Cultura Consumo**. Estilos de Vida na Contemporaneidade. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

BURITY, Glauce Maria Navarro. **A Presença dos Franciscanos na Paraíba**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988.

BURUTON, Michael J. **Introdução ao planejamento dos transportes**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BÜSCHER, Monika. URRRY, John. WITCHGER. **Mobile Methods**. Londres: Publisher Routledge, 2010.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Devoção, lazer e turismo nas romarias de Juazeiro do Norte, CE**: reconfigurações romeiras dos significados das romarias a partir de tensões entre as categorias turismo e devoção. PLURA, Revista de Estudos de Religião, p. 149-161, 2010.

BRAGA, Debora Cordeiro; TAVARES, Adriana. **Agências de viagens e turismo**: práticas de mercado. Rio de Janeiro: Elsever, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 21 de fev. de 2018.

BRASIL. Lei 10.257 de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providencias. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

BRASIL. Advocacia-Geral da União. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o **Código de Trânsito Brasileiro**. Diário Oficial da União, 1997.

BRASIL. Lei 12.587, de 3 de janeiro de 2012. Institui as diretrizes da **Política Nacional de Mobilidade Urbana**; revoga dispositivos dos Decretos-Leis nos 3.326, de 3 de junho de 1941, e 5.405, de 13 de abril de 1943, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e das Leis nos 5.917, de 10 de setembro de 1973, e 6.261, de 14 de novembro de 1975; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm. Acesso em: 3 de jun. de 2018.

BRASIL. Lei 13.089 de 15 de janeiro de 2015. **Institui o Estatuto da MetrÓpole**, altera a Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001, e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113089.htm. Acesso em: 21 de set. de 2018.

BRASIL. Lei nº 12.587, de 03 de janeiro de 2012. **Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm. Acesso em: 17 jul. 2018.

BRASIL. **Polícia Rodoviária Federal. MPO-056** Autorização de Eventos. Manual De Procedimentos Operacionais: Autorização de Eventos. Brasília, Distrito Federal, 2015.

CALMON, Pedro. **História da Casa da Torre**: Uma dinastia de pioneiros. 3ª edição. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1983.

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **A extensão interior do espaço exterior**. A metáfora como mito e religião. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Editora: Campus, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **Isto És tu**: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**. Mitologia Ocidental. São Paulo: Palas Atenas, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CAMPOS, Eduardo. **Estrada de Ferro de Baturité**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1982.

CANCLINI, Nestor Garcia **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3ª edição. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANINDÉ, Câmara Municipal de. **Lei nº 1.872, de 02 de março de 2005**. Institui o dia 03 de fevereiro como o Dia do Romeiro no Município de Canindé. Disponível em: <http://www.governotransparente.com.br/1197887>. Acesso em: 18 de mar. de 2018.

CANINDÉ, Câmara Municipal de. **Lei nº 2.051/2009, de 29 de abril de 2008**. Institui o Dia do Vaqueiro no Município de Canindé (celebrado no dia 22 de agosto). Disponível em: <http://www.governotransparente.com.br/1197887>. Acesso em: 17 de jun. de 2018.

CANINDÉ, Câmara Municipal de. **Lei nº 2.111/2009, de 20 de julho de 2008**. Institui o dia do evangélico no município de Canindé, e dá outras providencia. Disponível em: <http://www.governotransparente.com.br/1197887>. Acesso em: 18 de jul. de 2018.

CANINDÉ, Câmara Municipal de. **LEI Nº 2.366, DE 01 DE SETEMBRO DE 2017**. Institui o Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, revoga a Lei Nº 2.164/2011 e dá outras providências segue abaixo integra da Lei.

CARDITA, Ângelo. **Peregrinação**: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência. Porto: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

CARNEIRO GIRÃO, Vakldeci. **Da Conquista e Implantação dos Primeiros Núcleos urbanos na Capitania do Siará Grande**. História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, p. 25-44, 1994.

CARNEIRO, SANDRA. **As peregrinações como atrações turísticas**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix. 2002

CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, Manuel et al. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2007

CASTELLS, Manuel. **Prólogo: a rede e o ser**. _____. A sociedade em rede. São Paulo: Paz & Terra, 2007

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar de Costa; CORRÊA, Roberto. **Geografia: conceitos e termos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

CAVALCANTE, Geová Lemos. **O Centenário da Arquidiocese de Fortaleza**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 2015.

CATÓLICA, Igreja. Catecismo da Igreja Católica. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993

CODÓ, Prefeitura Municipal de. **História de Codó**. Disponível em: <http://www.codo.ma.gov.br/portal/sample-page/>. Acesso em: 11 de out. de 2018.

COELHO NETO, Eloy. **História do sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos**. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979

COGERH. **Bacia Hidrográfica do Curu**. Disponível em: <https://www.cogerh.com.br/eixos-de-atuacao/gestao-participativa/comites-de-bacias-hidrograficas/comite-da-bacia-hidrografica-do-curu.html>. Acesso em: 11 de set. 2018.

COLEMAN, Simon; ELSNER, John. **Pilgrimage: past and present in the world religions**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 2004

COMBLIN, Jose. **Temas Doutrinários com vista à Conferência de Puebla**. Revista Eclesiástica Brasileira (REB). Editada Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ/Brasil, 1978

CONTRERA, Malena Segura. A imagem simbólica na contemporaneidade. Intexto, n. 34, p. 456-466. Porto Alegre: Imaginalis, 2015.

COROATÁ, Diocese de. Maranhão. **Revista Jubileu**. Memória, Testemunho e Esperança. [s.l] e [s.n.]. 2017

CORRÊA, Roberto Lobato. **Dimensões de Análise das Redes Geográficas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997. p. 107-118.

CORRÊA, Roberto Lobato. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. Revista Cidades, v. 9, n. 16. São Paulo: UNESP, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Redes Geográficas e Teoria dos Grafos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 219-237, 2004

COSTA, Otávio. **Memória e Paisagem**: em busca do simbólico dos lugares. In: Revista Espaço e Cultura (Edição comemorativa 1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

COSTA, Sandro Roberto. **A Presença franciscana no Brasil nos séculos XVIII e XIX**: interação social, política e religiosa. Palestra proferida na sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Brasília, DF, 2004.

COSTA, Wagner Cabral da. **Do “Maranhão novo” ao “novo tempo”**: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão. São Luís: UFMA, 1997.

COSTA, Wagner Cabral da. **História do Maranhão**: novos estudos. São Luís: EDUFMA, 2004.

CHAVES, Luciane Azevedo. **A História do Ceará**. Sobral, CE: INTA, 2016

CHESTERTON, Gilbert Keith. **São Francisco de Assis e São Thomas de Aquino**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências sociais e humanas**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho, 2003.

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CLAVAL, Paul. **O tema religião nos estudos geográficos**. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ-NEPEC, 1999,

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2014, 456 p.

CLAVAL, Paul. **Etnogeografias – Conclusão**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica–antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CNBB. **Pastoral do Turismo**: desafios e perspectivas. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: Mobility in the modern western world. Taylor & Francis, 2006.

DA CIDADE, Estatuto. Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os artigos, v. 182, 2001.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: estudo da Maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DA ROCHA, Vanessa Anelise. **A conversão do gentio: franciscanos e indígenas nos espaços dos aldeamentos na capitania de Pernambuco entre os séculos XVII e XVIII**. [s.l.], 2014

DE SÁ CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa. **Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo**. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, v. 6, n. 6, p. 71-100. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004

DEBRAY, Regis. **Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993a.

DEBRAY, Regis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1993b.

DEBRAY, Regis. **Manifestos midiológicos**. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes, 1995.

DEBRAY, Regis. **Deus, um itinerário**. Material para a História do Eterno no Ocidente. Editora Companhia das Letras. 2004.

DE LA TORRE, Francisco. **Sistema de Transporte Turístico**. São Paulo: Roca, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

MORAES, Ana Paula da C. P. **Sertão, sociedade e meio ambiente no rio Piranhas, Capitania da Paraíba do Norte, 1670-1750**. Espacialidades, v. 7, p. 79-95, 2014. Rio Grande do Norte: UFRN

DIÁRIO DO NORDESTE. **Primeiro automóvel chegou ao Ceará há 108 anos** - Diário do Nordeste Plus. Texto: Jacqueline Nóbrega. Publicado em 09 de outubro de 2017a. Disponível <http://plus.diariodonordeste.com.br/primeiro-automovel-do-ceara/>. Acesso em: 24 de abr. de 2018.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. 1ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

DIVALL, Colin. Transport history, the usable past and the future of mobility. **Mobilities: New perspectives on transport and society**, p. 305-319. New York, NY, Routledge. 2014

DOM LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Primeiro Centenário da Instalação da Diocese de Fortaleza (1861-1961)**. Fortaleza: Arquidiocese de Fortaleza, 1961.

DOS SANTOS, Rinaldo. **Os sertaniades**. Volume I de 1500 a 1900. 500 anos de hipocrisia na História do Brasil. 1ª edição. Porto Alegre: Revolução ebook, 2017.

DOZENA, Alessandro. DANTAS, Eugenia Maria. (organizadores). **Espaço-tempo: Enredos entre Geografia e História**. Natal: EDUFRN, 2016

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. São Paulo: Difel, 1999.

DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. (outra versão)

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDENSOR, Tim. Commuter: **Mobility, Rhythm And Commuting**. In, Floating, Dissolving. In: CRESSWELL, Tim. Geographies of Mobilities: practices, spaces, subjects. Londres: Ashgate Publishing Limited, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Ed. 4ª. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FARIAS, Airton. de. **História do Ceará**. 5ª ed. Fortaleza: Tropical, 2010.

FEITOSA, Neri. **Centenário da Presença Franciscana em Canindé 1898-1998**. Canindé: Instituto Memória de Canindé, s/a.

FEITOSA, Neri. **Japuara e a tragédia de 1971**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1985.

FEITOSA, Neri. **Origens do Canindé**. Escolar e Turístico. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2002a.

FEITOSA, Neri. **A Missão Muxió dos Índios Canindés**. Canindé: Instituto Memória de Canindé. 2002b.

FEITOSA, Neri. **Igreja de Canindé - 200 anos**. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2008a.

FEITOSA, Neri. **Canindé data e autoria dos fatos**. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2008b.

FEITOSA, Neri. **Origem da Paróquia de Canindé**. Franciscanos Menores - Luzes. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2009a.

FEITOSA, Neri. **Topônimos de Canindé e Outras Revelações**. Arirão da Caiçara. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2009b.

FEITOSA, Neri. **Achegas ao Livro Origens do Canindé** – escolar e turístico. Serra do Pindá. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2010.

FEITOSA, Neri. **Adendos aos Livros Origens de Canindé**. De cuhyté a Aratuba. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2011.

FEITOSA, Neri. **Documentos Históricos Inéditos**. Diário de Viagem do Doutor Francisco Freire Alemão em Canindé. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2012a

FEITOSA, Neri. **Para a História de Canindé**. Leitura Sociológica do Livro o Tenente-general Simão Barbosa Cordeiro da Gênese do Povoamento do Canindé. Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2012b.

FEITOSA, Neri. **Biografia do Sargento-Mor Xavier de Medeiros**. Canindé: Instituto de Memória de Canindé, 2013.

FERGUSON, Harry. **Mobilities of welfare The case of social work**. In.: BÜSCHER, Monika. URRY, John. WITCHGER. *Mobile Methods*. Londres: Routledge, 2010.

FERNANDES, Rubén César. **Os Cavaleiros do Bom Jesus** - uma introdução as religiões populares. São Paulo: Brasiliense. 1982.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA DOS SANTOS, Thácio. **Durandismo no Brasil**: ou florescimento de novas propostas teórico-metodológicas? Porto Alegre: Imaginalis, 2015.

FRAGOSO, Hugo. **O preço de uma opção**. Caminhada paroquial e compromisso evangelizador no período de 1997 a 2005. Canindé: Expressão Gráfica, 2005.

FRUGONI, Chiara. **Francisco de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GANCHO, Cândida Viliars. TOLEDO, Vera Vilhena de. **Caminhos do boi**: a pecuária bovina no Brasil. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

GAYA, Adroaldo. GARLIPR, Daniel. **Ciências do movimento humano**: introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GAVA, Rodrigo. **Identidade Como força categórica à compreensão do desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Vozes; 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; 1989.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GEMELLI, Agostinho. **II frasecanesimo**. 8ª edição. Milão: Edizioni, 1979.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denis Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana Helena Corrêa. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 39-55, 2001.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço de representação e territorialidade do sagrado**: notas para uma teoria do fato religioso. Curitiba: Raega-O Espaço Geográfico em Análise, 1999.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 3ª edição. Revista. Biblioteca de Cultura. Série A. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. 2ª edição. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2000.

GÓIS, João de Deus. **Religiosidade Popular Pesquisas**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência**: antropologia e teoria etnográfica. Lisboa: Etnográfica, 2006.

GUIMARÃES, Alba Maria Zaluar. **Os homens de Deus**: o Milagre. In: Suplemento CEI, Centro Evangélico de Informações. Religiosidade Popular II. Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora Ltda, 1975.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 13ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HINE, Julian. **Mobility and Transport Disadvantage**. In: URRY, John. *Mobilities: new perspectives on transport and society*. Londres: Great Britain by the MPG Books Group, 2011.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

HOORNAERT, Eduardo. **A Evangelização e Cristandade Durante o Primeiro Período Colonial** Petrópolis, RJ: Vozes, 1977a

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977b. Tomo 2.

HOORNAERT, Eduardo. **À igreja no Brasil colônia: 1500-1800**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOORNAERT, Eduardo. **A cristandade durante à primeira época colonial**. In: HOORNAERT, Eduard et al. História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. 3ª ed. São Paulo: Paulinas: Vozes, 1983.

HOORNAERT, Eduardo. **Catequese e Aldeamento**. In: SOUZA, Simone. História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800**. Ensaio de interpretação a partir do oprimido. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja do Brasil**. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.

IANNI, Otavio. **A metáfora da viagem**. Caxambu, MG: Anpocs. 1995

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos Municípios Brasileiros**. Canindé. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caninde/panorama>. Acesso em: 24 de set. de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caninde/panorama>. Acesso em: 11 de set. de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 de set. de 2018.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **As Regiões de Planejamento do Estado do Ceará**. Textos para a discussão nº 111 de novembro e 2015. Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPALG), Fortaleza, 2016. Disponível em http://www.ipece.ce.gov.br/textos_discussao/TD_111.pdf. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal (2015)**. Governo do Estado do Ceará. Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, Fortaleza: IPECE, 2015.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil das Regiões de Planejamento (2017)**. Governo do Estado do Ceará. Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, Fortaleza: IPECE, 2017.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal – 2016 – CANINDÉ**. Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará (SEPALG), Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Caninde.pdf. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

JOERGENSEN, Johannes. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

ISSA, Y. S. M. **Turismo de um dia: uma análise socioespacial**. São Paulo: Boletim de Turismo w Administração Hoteleira, 2002.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense** - algumas notas. Dossiê - Caminhos da História da Urbanização no Brasil-Colônia. São Paulo: Museu Paulista, 2012

JUNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz. **A feira dos mitos**. A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios Casa de Artes e Livros, 2013

KANT, Emanuel. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1994.

KANT, Emanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Lisboa: Edições 70, 1992.

KARNAL, Leandro. FERNANDES, Luiz. Estevam de O. **Santos Fortes**. Raízes do Sagrado no Brasil. 1ª edição. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petropolis: Vozes, 2013.

KONG, Lily. **Religious Landscapes**. In: DUNCAN, James. S. JOHNSON, Nuala. C. SCHEIN, Richard. H. Londres: Blackwell Publishing Ltd. British Library, 2004.

KOSER, Constantino. **Pensamento Franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3ª ed. rev. e ampli. São Paulo: Aleph, 2009.

LARSEN, Jonas. **Mobilities, networks, geographies**. Londres: Britain by MPG Books Ltd. Bodmin, 2006.

LARSEN, Jonas. **Distance and Proximity**. In: ADEY, P. BISSELL, D. HANNAM, K. MERRIMAN, P. SHELLER, M. The Routledge Handbook of Mobilities. New York, NY: Routledge, 2014.

LEAL, Vinicius Barros. **História de Baturité**. Época Colonial. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

LE GOFF, Jacques. **Francisco de Assis entre as inovações e a morosidade do mundo feudal**. São Paulo: Revista Concilium, n. 169, p. 5-15, 1981.

LE GOFF, Jacques. **Por Amor das Cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução de Marcos de Castro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempo contratempo, ou a sociedade hipermoderna**. CHARLES, S. e LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarola, 2004.

LIPOVETSKI, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKI, Gilles. **O império do efêmero**: à moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LOPES, José Rogério. **A imagética da devoção**: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010a.

LOPES, José Rogério. **Velhas devoções, novas devoções**: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. Juiz de Fora, MG: PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion, v. 1, n. 1, Jul-Dez, p. 109-135, 2010b

LORIMER, Hayde. **Walking**: New Forms and Spaces for Studies of Pedestrianism. 2011. In: CRESSWELL, T. Geographies of Mobilities: practices, spaces, subjects. Edited by Tim Cresswell and Peter Merriman. Londres: Ashgate Publishing, 2011.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. Codó, MA: FACT/ UEMA, 1999.

MACHADO, João Batista **O Imaginário Codoense**. Codó, MA: Editora do Autor, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Do fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre, RS: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**. O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Ebril cultural, 1978.

MARANHÃO, Governo do Estado do. **Atlas do Maranhão**. Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Laboratório de Geoprocessamento da UEMA. São Luís: GEPLAN, 2002.

MARANHÃO, Governo do Estado do. **Hidrografias - Atlas do Maranhão**. Rio de Janeiro, IBGE, 1984.

MARTINEZ, Daniel Gutiérrez. (coord.) **Religiosidades y creencias contemporáneas**: diversidades de lo simbólico en el mundo actual. Zinacantepec, Estado de México: El Colegio Mexiquense, 2010.

MATALLO JR., Heitor. **Mito, Metafísica, Ciência e Verdade**. In: CARVALHO, Maria Cecília Maringoni (Org.). *Construindo o saber: Metodologia Científica Fundamentos Teóricos*. 22ª edição revisada e atualizada. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MATOS, Padre Antônio Carlos. **O vaqueiro conclamado Santo pelo povo**. São Raimundo Nonato dos Mulundus. Vargem Grande, MA: Gráfica Gênese, 2015.

MATOS, Kelma. Socorro Lopes VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**. O prazer de conhecer. Coleção magister. 2ª edição revisada e ampliada. Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MEIRELES, Márcio. **História do Maranhão**. São Paulo, SP: Siciliano, 2001

MELLO, Marcia Eliane Alves de Sousa. **Fé e Império**. As Juntas das Missões nas Conquistas Portuguesas. Manaus, AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

MENEZES, Antônio Bezerra de. **Algumas origens do Ceará**. Fortaleza, CE: Revista do Instituto do Ceará, 1901.

MENEZES, Raimundo. de. **Coisas que o Tempo Levou**. Clássicos cearenses. Projeto Acervo OPovo. Fortaleza, CE: Demócrito Rocha, 2002.

MENESES, José Newton Coelho Marques. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006

MERRIMAN, Peter. **Roads**: Lawrence Halprin, Modern Dance and the American Freeway Landscape. In: Cresswell, Tim and Merriman, Peter (eds) *Geographies of Mobilities: Practices, Spaces, Subjects*. Londres: Ashgate, 2011.

MIRANDA, Maria do Carmo. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife: UFPE, 1960.

MORIN, Edgard. O Método 5: A **Humanidade da Humanidade**. Tradução Juremir Machado da Silva. 4ª edição Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

NOGUEIRA, Octacciano. **Constituições Brasileiras: 1824**. – v.1 – Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. **Catolicismo “Popular” como Base religiosa**. In: CEI SUPLEMENTO Nº 12. *Religiosidade Popular*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Viagens a santuários**. Uma modalidade de turismo religioso ou de religiosidade turística? In: *Boletim de Turismo e Administração Hoteleira*. [publicação do] Centro Universitário Ibero-Americano - vol. 9, nº 2 São Paulo, SP: UNIBERO, 2000.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo Religioso no Brasil: Construindo um investimento sociocultural.** In: TRIGO, L. G. (Coord.). Turismo: Análises Regionais e Globais. São Paulo, SP: Rocca, 2005,

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Festas Populares Religiosas e Suas Dinâmicas Espaciais.** Fortaleza, CE: Mercator - Revista de Geografia da UFC, 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Desafios Contemporâneos das Cidades-Santuários no estado do Ceará (Brasil): Políticas patrimoniais e diocesanas.** Fortaleza: CE, Revista Geosaberes, 2010

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Festas Religiosas, Santuários Naturais E Vetores De Lugares Simbólicos.** São Paulo, SP: Revista da ANPEGE, 2011a.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Conservação, Inovação, Visitação: Formas de Gestão Turística e Educativa do Patrimônio Geográfico.** Book of Proceedings Vol. I. Algarve, PT: International Conference on Tourism & Management Studies, 2011b.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como Educar sem Encenar Geografia.** Fortaleza, CE: Editora UFC, 2012.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Linguagens e Ritmos da Questão Patrimonial dos “Selos” às “Salas”:** Um Patrimônio Geográfico em Construção. Geograficidade. Rio de Janeiro, RJ: Revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. Universidade Federal Fluminense – UFF, 2013a.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Pesquisa e Peregrinação no Espaço Andaluz: Bases à Educação do Patrimônio Geográfico.** Presidente Prudente, SP: Revista GeoAtos. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, 2013b.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Patrimônio religioso em irradiação: monumentos à mobilidade humana contra o monstro do esquecimento.** Goiânia, GO: Ateliê Geográfico - Goiânia-GO. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2014.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. ARAÚJO, João Fernando Marques. TAVARES, Kelly dos Santos. **Patrimônio Geoeducacional na Formação Simbólica de Municípios Santuários na América do Sul.** Fortaleza, CE: Geosaberes, Fortal, 2016.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Espírito nômade em espaços de educação ambipatrimonial.** Enfoques socioterritoriais. Mossoró, RN: EDUERN, 2018.

OSWIN, Natalie. **Queer Theory.** In: ADEY, Peter. BISSELL, D. HANNAM, K. MERRIMAN, P. SELLER, Mimi. The Routledge Handbook of Mobilities. New York, NY, Routledge. 2014.

PACHECO, Elsa. **Alteração das acessibilidades e dinâmicas territoriais na Região Norte: expectativas, intervenções e resultantes.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, GEDES, 2004.

PARK, Claud. **Sacred Worlds**. An Introduction to Geography and Religion. London: Routledge, 1994. *Apud*. STODDARD, Robert H. and PROROK, Carolyn V., "Geography of Religion and Belief Systems". Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003,

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. Tradução Sérgio Saboia Coelho. 2ª edição. São Paulo, SP: Perspectiva. 2008.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. São Paulo, SP: Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 2, 2008.

PEREIRA, Nunes. **A Casa das Minas**: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns do panteão daomeano no Estado do Maranhão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

PINDER, David. **Cities: Moving, Plugging In, Floating, Dissolving**. In: CRESSWELL, Tim. Geographies of Mobilities: practices, spaces, subjects. Edited by Tim Cresswell and Peter Merriman. Londres: Ashgate Publishing Limited, 2011.

PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em confronto**: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone de (Org.). Uma Nova História do Ceará. Adelaide Gonçalves... [et al] – 4ª edição revisada e atualizada. Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2015.

PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em confronto**: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone de. Uma nova história do Ceará. Fortaleza, CE: edições Demócrito Rocha, 2000.

PINTO, Augusto César Magalhães. **Viagem pela história de Canindé**. Ensaio cronológico e icnográfico dos primórdios aos dias atuais. Canindé: Instituto de Memória de Canindé, 2003.

PUGLIESI, Márcio. **Manual Completo do Automóvel**. Mecânica, especificação e manutenção. São Paulo, SP: Hemus Editora Limitada. s/a.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2000.

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. **Sobre a Existência em Grande Sertão**: Veredas. Existência e Arte". São João Del Rei, MG: Revista Eletrônica do Grupo PET. Ciências Humanas, Estética e Artes. Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano V - Número V, 2010

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação** – o discurso e o excesso de significação. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 1976.

RIMMER, Paul. (1988) 'Transport geography'. Progress in Human Geography 12 (2) 270–281. In: SHAW, J. DOCHERTY, I. Geography and Transport. In: ADEY, P. BISSELL, D. HANNAM, K. MERRIMAN, P. SHELLER, M. New York, NY, Routledge. 2014.

ROSENDAHL, Zenny. **História, Teoria e Método em Geografia da Religião**. Espaço E Cultura. Rio de Janeiro, RJ:UERJ, 2012

ROSENDAHL, Zenny. **Espaço, cultura e religião**: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zenny. (orgs). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003

RÖWER, B. **O Convento de Santo Antônio**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

RUIZ, Castor Bartolomé. **Os paradoxos do imaginário**. Ensaio da Filosofia. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

SAMPAIO, Francisco de Assis. **Capitão Pedro Sampaio da Serra Branca**: Sertões de Canindé. Canindé: Editora Gráfica LCR, 2002.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas. Lisboa, PT: Publicações D. Quixote, 1983.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e Romaria**: Um Lugar Para o Turismo Religioso. Porto Alegre, RS: Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, ano 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SANNIG, João. **Presença, memória e milagres**. 90 anos de atuação paroquial dos frades da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil em Canindé. 1923-2013. [s.l.] e [s.n]

SANTOS, Enilson. ARAGÃO, Joaquim. **Transporte em Tempos de Reforma**. Estudos sobre o Transporte Urbano. 2ª edição revisada. Natal, RN: EDUFRN. Editora da UFRN, 2004.

SANTOS, Maria da Graca Lopes da Silva Mouga Pocas. **Espiritualidade, Turismo e Território**: estudo geográfico de Fátima. Lisboa, PT: Principia. 2006a.

SANTOS, Maria da Graca Lopes da Silva Mouga Pocas. **Estudo sobre o perfil do visitante de Fátima**: contributo para uma ação promocional em comum da rede COESIMA. Porto, PT: Edições Afrontamento, 2008a.

SANTOS, Maria da Graca Lopes da Silva Mouga Pocas. **Conhecimento geográfico e peregrinações**: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDAHL, Zenny. (Org.). Trilhas do sagrado. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2010a.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo, SP: HUCITEC/EDUSP, 1978.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, SP: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, SP: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª edição São Paulo, SP: EDUSP, 2006b

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo, SP: EDUSP, 2008b.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **Viva a Vida**. Romeiro de Canindé. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 1984.

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **Pão x Fome**. O Romeiro do Canindé. Livro das Romarias. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 1985.

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **São Francisco sempre servindo**. Peregrinação à Canindé. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 1988

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **São Francisco, nosso retrato de Cristo**. Romaria à Canindé. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 1989.

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **Francisco vem restaurar a minha casa**. Romaria à Canindé. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 1993

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **São Francisco louva a Deus pela irmã Água**. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 2004

CANINDÉ, Santuário de São Francisco das Chagas. **São Francisco, alegria de viver o Evangelho**. Canindé, CE: Santuário de Canindé, 2015

SEEMANN, Jörn. **Metáforas espaciais na Geografia: cartografias, mapas e mapeamentos**. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. Anais. São Paulo, 2005, p.13955-13971. 1 CD.

SEEMANN, Jörn. **Metáforas espaciais na Geografia: cartografias, mapas e mapeamentos**. Encontro de Geógrafos da América Latina, v. 10. São Paulo, SP: Anais, 2005,

SEEMANN, Jörn. **O Espaço da Memória e a Memória do Espaço: Algumas Reflexões Sobre a Visão Espacial nas Pesquisas Sociais e Históricas**. Sobral, CE: Revista da Casa da Geografia de Sobral, 2003

SERRANO, Célia. **Poéticas e políticas das viagens**. In: SERRANO, Célia. et al.(orgs.). Olhares Contemporâneos sobre o turismo. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.

SILVA, Valéria Cristina Pereira. da. **Paisagens sensíveis e flutuantes: o imaginário da cidade na era da imaginação**. Porto Alegre, RS: Imaginalis, 2015.

SILVA FILHO, Olavo da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte, MG: Ed. do Autor, 2007.

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional**. 27. ed. São Paulo, SP: Malheiros, 2006.

SILVEIRA, Emerson J. Sena. da. **Turismo Religioso Popular?** Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. Universidad de Jaén, Andaluzia, Espanha: Revista de Antropologia Experimental, 2004.

SILVEIRA, Márcio Rogério. **Geografia da Circulação, Transportes e Logística: Construção histórica e perspectivas**. In: SILVEIRA, M. R. (org.). Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas. São Paulo, SP: Outras Expressões, 2011.

SOARES, Frei Pacífico Holanda. **Garimpendo na Memória dos 100 Anos**. Fortaleza, CE: RBS Editora, 2001.

SOBRINHO, Thomas Pompeu. **O Homem no Nordeste**. Revistas do Instituto do Ceará. Índice por Ano ou TOMO de Publicação. Revista do Instituto do Ceará - ANNO LI – 1937.

SOUZA, Simone de. **Uma Nova história do Ceará**. 3. ed. Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SOUZA, Simone de. **Uma nova História do Ceará**. 4. ed. Fortaleza, CE: Demócrito Rocha, 2007

SHAW, John. DOCHERTY, Iain. **Geography and Transport**. In: ADEY, P. BISSELL, D. HANNAM, K. MERRIMAN, P. SHELLER, M. New York, NY: Routledge. 2014.

SHELLER, Mimi. **Sociology after the Mobilities Turn**. In: ADEY, Peter. BISSELL, David. HANNAM, Kevin. MERRIMAN, P. SHELLER, Mimi. New York, NY: Routledge. 2014.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da História Universal**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1973

STEIL, Carlos Alberto. CARNEIRO, Sandra. **Peregrinação, Turismo E Nova Era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil**. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, RJ: v. 28, n. 1, p. 105-124, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. **Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa**. In: VAINFAS, Ronaldo e SOUZA, Juliana Beatriz. Brasil de todos os santos. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.

STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas**. ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.) Turismo religioso, ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

STUDART FILHO, Carlos. **Vias de Comunicação do Ceará Colonial**. Revistas do Instituto do Ceará. Índice por Ano ou TOMO de Publicação. Revista do Instituto do Ceará - ANNO LI – 1937. Disponível em <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev->

apresentacao/RevPorAno/1937/1937-ViasdeComunicacaodoCearaColonial.pdf. Acesso em: 2 de set. de 2018.

SWINGLEHURST, E. **Contato direto**: os efeitos do turismo nas sociedades do passado e nas atuais. In: THEOBALD, Willian F. (organizador). Turismo Global. Tradução Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. 2ª edição. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **Festa e identidade**. Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Comunicação & Cultura, n.º 10. Lisboa, Portugal: Revista do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. 2010,

TOMASINI, Ana Júlia. **Organização Espacial, Transporte e Mobilidade**: A perspectiva dos usuários do metrô da Estação Terminal em Ceilândia- Distrito Federal. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2012.

TURNER, Veitor. Liminal a Liminóide, em Brincadeira, **Fluxo e Ritual**: Um Ensaio em Simbologia Comparada. Houston, Texas: Rice University Studies, vol. 60, n. 3, 1974

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís, MA: IMESC, 2008.

VALE, Glaucia Vasconcellos. **Redes organizacionais e desenvolvimento territorial**. Redes, Santa Cruz do Sul, RS: v. 12, n. 3, p. 74-98, set./dez., 2007.

VANNINI, Phillip. **Slowness and Deceleration**. In: ADEY, Peter. BISSELL, David. HANNAM, Kevin. MERRIMAN, Peter. SHELLER, Mimi. New York, NY: Routledge. 2014.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**: Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

VANOGE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 13ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **O transporte urbano nos países em desenvolvimento**. Reflexões e propostas. 3ª edição. São Paulo, SP: Annablume, 2000.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano, espaço e equidade**. Análise das políticas públicas. São Paulo, SP: Annablume, 2001.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Mobilidade urbana e cidadania**. São Paulo, SP: SENAC, 2012.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento**. Recife, PE: Ed. Unidas, 1996

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos**. Salvador, BA: Currupio, 1987.

VIEIRA, Hélio Pinto. **Cronologia Canindeense**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária-UFC, 1997.

WEBER, Max. **Economía y Sociedad**. Cidade do México, México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo, SP: E. M. Guazzeli, 1994

WILLEKE, Frei Venâncio. **Origem da devoção a São Francisco das Chagas de Canindé**. Fortaleza, CE: IHGACE, 1959.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Um Santo Conquista o Brasil. Revista Católica de Cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1962.

WILLEKE, Frei Venâncio. **São Francisco das Chagas de Canindé Resumo Histórico**. 2ª Edição. Canindé, CE: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1973.

WILLEKE, Frei Venâncio **Missões Franciscanas no Brasil 1500/1975**. São Paulo, SP: Vozes, 1974.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Franciscanos no Maranhão (1600 - 1878) e Piauí (1952 - 1977)**. Canindé, CE: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1978.

WOOD, David Murakami. GRAHAM, Stephen. **Permeable Boundaries in the Software-sorted Society: Surveillancenand Differentiations of Mobility**. In: ADEY, Peter. BISSELL, David. HANNAM, K. MERRIMAN, Peter. SHELLER, Mimi. New York, NY: Routledge. 2014.

WOLF. Notker. **Para onde peregrinamos?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLKOWITSCH, M. **Géographie des Transports**. Paris, França: Armand Colin, 1973.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'anthropologie de l'imaginaire selon Gilbert Durand : contextes, options, enjeux**. Porto Alegre, RS: Imaginalis, 2015.

XAVIER, M. O. **Caboclos são os Brancos: dinâmicas das relações socioculturais dos índios do termo da Vila Viçosa Real-Século XIX**, Fortaleza, CE: SECULT, 2012.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta**. As Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985. 265 pp